

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**SUSIELY ALVARENGA**

**AS VIAGENS DE D. PEDRO II  
À PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS EM 1881:  
FESTIVIDADES, POLÍTICA E CIÊNCIA**

**MARIANA**

**2012**

**SUSIELY ALVARENGA**

**AS VIAGENS DE D. PEDRO II  
À PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS EM 1881:  
FESTIVIDADES, POLÍTICA E CIÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

**Área de concentração:** Poder e Linguagens.

**Linha de pesquisa:** Poder, Espaço e Sociedade.

**Orientador:** Dr. Ronaldo Pereira de Jesus.

**MARIANA**

**Instituto de Ciências Humanas e Sociais / UFOP**

**2012**

A473v

Alvarenga, Susiely.

As viagens de D. Pedro II à província de Minas Gerais em 1881[manuscrito] : festividades, política e ciência / Susiely Alvarenga - 2012. 191f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pereira de Jesus.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Pedro II, Imperador do Brasil, 1825-1891 - Teses. 2. Brasil - História - II Reinado, 1840-1889 - Teses. 3. Brasil - História - Império, 1822-1889 - Teses. 4. Minas Gerais - Descrições e viagens - Teses. I. Universidade Federal de Ouro Preto. II. Título.

CDU: 910.4:94(81).06



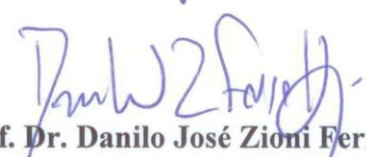
**Susiely Alvarenga**

" As viagens de D.Pedro II à Província de Minas Gerais em 1881:  
Festividades, Política e Ciência "

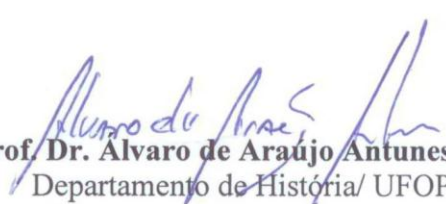
Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.



**Prof. Dr. Orientador Ronaldo Pereira de Jesus**  
Departamento de História/UFOP



**Prof. Dr. Danilo José Zioni Ferretti**  
Departamento de História/UFSJ



**Prof. Dr. Alvaro de Araújo Antunes**  
Departamento de História/ UFOP

Aos meus amados pais,

Pedro e Maria.

## AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas a quem devo meus sinceros agradecimentos, contudo, alguns nomes me fogem da memória e desde já me desculpo por qualquer omissão futura.

Em primeiro lugar agradeço a meus pais. Sem o apoio de vocês eu não teria chegado até aqui e foi graças à confiança em mim depositada que não permiti que as dificuldades me abatessem. Pai, se não fosse seu esforço eu não teria chegado tão longe. Agradeço ao senhor por tudo, não apenas pelo apoio financeiro, mas também e principalmente pelo apoio moral. Mãe, agradeço a Deus por tê-la como minha melhor amiga. Obrigada por me fazer sentir amada todos os dias da minha vida, pelos conselhos, por escutar meus desabaços, pelas palavras de otimismo e pela crença de que eu venceria essa etapa. Essa vitória também é sua!

Agradeço ao meu orientador, professor Ronaldo Pereira de Jesus e à Universidade Federal de Ouro Preto, pela oportunidade. À PRACE e ao Luís Cláudio, sou grata pelo fomento e compreensão.

Ao professor Álvaro Antunes agradeço pelas contribuições durante o exame de qualificação e por ter aceitado o convite de compor a banca. Ao querido professor Danilo Z. Ferretti, por ser um exemplo profissional e pela ajuda não apenas durante a graduação, mas também em todas as ocasiões em que pedi encarecidamente seu auxílio. A você caro mestre, obrigada pela lembrança ao se deparar com fontes que poderiam acrescentar minha dissertação.

Aos meus amados irmãos pela torcida e amizade. Sei que nesses anos estive um pouco distante, mas foi em busca do meu crescimento profissional que não me foi possível estar na presença de vocês, mas em pensamento e de coração, nunca estive tão perto. À Thaís agradeço a oportunidade de ser tia e madrinha da pessoinha mais linda que existe no mundo. Minhas tristezas e saudades foram amenizadas todas as vezes em que, através de uma foto, eu via um sorriso estampado no rosto do Thales.

Ao Ronan pela amizade e companheirismo ao longo desses anos. Obrigada por ter me proporcionado os melhores momentos pelos quais passei desde que aqui cheguei.

Às amigas da República D'ocê Lar, sobretudo Grazi, Lú e Aline, e ao nosso agregado, Patrick. Obrigada pelas risadas, pelas distrações nos momentos certos e pelo diálogo, essencial em qualquer relação. À Letícia, obrigada por buscar me compreender e por ter permitido que eu desfrutasse de sua amizade. Aos amigos que o mestrado me deu: Mel, Karine, Laize, Pablo, Goiano e Willian. Espero que nossa amizade perdure apesar da distância. A vocês agradeço os conselhos acadêmicos, o apoio nessa jornada, a boa companhia e os encontros repletos de boa conversa.

À amiga Mariana Teixeira os meus agradecimentos por ter me “apresentado” a Thaís Cassiano e sua família, a quem agradeço imensamente por terem aberto as portas de sua casa e me acolhido tão bem sem ao menos me conhecerem. Obrigada pela receptividade em Petrópolis e pela ajuda disponibilizada durante minha permanência na cidade. Sem vocês minha pesquisa não teria sido concluída.

Às queridas amigas da graduação, Lauren, Siara e Fabiana. Obrigada por manterem a chama da nossa amizade acesa e por compreenderem o meu desaparecimento constante.

A todos que fizeram parte da minha caminhada e trouxeram leveza para meu espírito, muito obrigada.

## **RESUMO**

As duas últimas décadas de existência da Monarquia brasileira foram de grande agitação no âmbito político e social. A instituição, assim como a representação imperial, sofreram fortes abalos, provenientes das críticas advindas do setor militar, da elite senhorial e dos adeptos dos ideais republicanos. Nesse contexto, o Imperador do Brasil, D. Pedro II, realizou pela primeira vez viagens ao exterior e deu continuidade às excursões pelo país. No ano de 1881 o Monarca esteve no interior da província de Minas Gerais em dois momentos distintos, primeiramente, entre os meses de março e maio, e posteriormente, em agosto. Através dos jornais do período e do diário de viagem, fontes centrais no desenvolvimento da pesquisa, nos foi possível realizar uma reconstituição destas visitas, assim como perceber que ao realizá-las, D. Pedro II incorporou elementos até então presentes, sobretudo, nas viagens ao exterior, à sua posição e atuação como governante do Império, ou seja, interligou o cidadão do mundo, ao homem político. Hipoteticamente, levantamos as possíveis motivações públicas e pessoais que impulsionaram o deslocamento do Monarca a Minas Gerais nesses dois momentos distintos.

**Palavras-chave:** D. Pedro II, Viagens Imperiais, Crise da Monarquia, Minas Gerais.

## **ABSTRACT**

The two last decades of the Brazilian Monarchy were troubled in the politic and social scope. The institution and the imperial representation suffered heavy concussions from the critics of the military sector, the master elite and also of the republican ideals followers. In this context, the Emperor of Brazil, D. Pedro II, realized trips abroad for the first time and continued the country tours. On 1881 the Monarch visited the province of Minas Gerais in two different moments, firstly, between the months March and May, and later on August. Through the period newspapers and the trip diary, sources central to the development of the research, we were able to perform a reconstitution of these visits, as well as to realize that perform them, D. Pedro II incorporated some elements present in his trips abroad to your position and performance like a Ruler of the Empire, in other words, he connected the world citizen to political man. Hypothetically we collected the possible publics and personal motivations that boosted the Monarchy displacement to Minas Gerais in this two moments.

**Keywords:** D. Pedro II, Imperial Trips, Crisis of the Monarchy, Minas Gerais.



## LISTA DAS LOCALIDADES VISITADAS

- Antônio Pereira
- Barbacena
- Cachoeira do Campo
- Caeté
- Carandaí
- Casa Branca → Glaura
- Catas Altas
- Colégio do Caraça
- Entre Rios → Três Rios
- Inficcionado → Santa Rita Durão
- Juiz de Fora
- Lagoa Dourada
- Lagoa Santa
- Leopoldina
- Macaúbas
- Mariana
- Mina do Morro Velho (Congonhas do Sabará → Nova Lima)
- Ouro Branco
- Ouro Preto
- Pirapetinga
- Ponte Nova
- Queluz → Conselheiro Lafaiete
- Santo Amaro → Queluzito
- Rio das Pedras → Acuruí
- Sabará
- Santa Luzia
- Santo Antônio do Rio Acima → Rio Acima
- São João Del Rei
- São João do Morro Grande → Barão de Cocais
- São João Nepomuceno
- São José Del Rei → Tiradentes

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 .....	55
FIGURA 2 .....	58
FIGURA 3 .....	61
FIGURA 4 .....	65
FIGURA 5 .....	76
FIGURA 6 .....	77
FIGURA 7 .....	79
FIGURA 8 .....	80
FIGURA 9 .....	81
FIGURA 10 .....	83
FIGURA 11 .....	97
FIGURA 12 .....	103
FIGURA 13 .....	133

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AEAM:** Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana;

**AHCMM:** Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana;

**AMI:** Arquivo do Museu Imperial;

**APM:** Arquivo Público Mineiro;

**BMI:** Biblioteca do Museu Imperial;

**EFDPII:** Estrada de Ferro Dom Pedro II;

**EFOM:** Estrada de Ferro Oeste de Minas;

**IPHAN:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1 – D. Pedro II e Pedro de Alcântara .....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo 2 – Viagem a Minas Gerais: da Corte a Ouro Preto .....</b>	<b>50</b>
<b>Capítulo 3 – De Cachoeira do Campo a São João do Morro Grande .....</b>	<b>72</b>
<b>Capítulo 4 - Colégio do Caraça e Mariana: religiosidade e festividades.....</b>	<b>96</b>
<b>Capítulo 5 – Retorno a Ouro Preto, recepção em São João Del Rei e chegada à Corte .....</b>	<b>118</b>
<b>Capítulo 6 – De volta a São João Del Rei: inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas .....</b>	<b>146</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>160</b>
<b>Referências Documentais .....</b>	<b>180</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>186</b>

# **INTRODUÇÃO**

---

---



## Introdução

No decorrer desse trabalho serão abordadas as viagens realizadas por D. Pedro II durante seu governo, sobretudo as excursões feitas a Minas Gerais no ano de 1881. O Segundo Reinado é um tema que já foi amplamente discutido na historiografia brasileira, entretanto, poucos estudos foram realizados sobre a viagem em questão, o que nos motivou a buscar maiores informações.

O período em questão foi de grande agitação na agenda política nacional. Após a fase de apogeu do Império brasileiro, até os anos 1860, o regime passou a ser duramente criticado por fazendeiros desgostosos com a atuação imperial no que concerne ao fim da escravidão. Segundo Maria Tereza Chaves de Mello, o Estado encontrava-se estagnado e necessitava de reformas, contudo, acreditava-se que elas não seriam possíveis enquanto a Monarquia permanecesse sendo a forma de governo vigente no país. Visando a manutenção do regime vigente e até mesmo sua sobrevivência, o Governante deu início a um processo de libertação gradual dos escravos, no entanto, essa ação abalou as estruturas do Império e o fim da escravidão foi considerado “seu selo de morte”.<sup>1</sup>

A partir da década de 1870, críticas mais veementes ao Império surgiram e muitos historiadores afirmam ter sido esse o início de sua crise, relacionada não apenas à insatisfação da classe senhorial, mas também ao descontentamento do setor militar quanto à posição que ocupava dentro do sistema e à expansão dos ideais republicanos no Brasil: “A palavra ‘república’ vinha marcada com o sinal do futuro, da evolução necessária, da civilização, e foi ganhando as consciências”.<sup>2</sup>

Sendo assim, acreditamos que nesse contexto de crise e críticas à Monarquia, a viagem tenha ocorrido como um mecanismo de busca pela manutenção do poder imperial e uma tentativa de demonstrar aos súditos a existência e permanência de uma unidade nacional.

Patrícia Falco Genovez, em *As malhas do poder*, abordou a presença de D. Pedro II em Juiz de Fora na ocasião da inauguração da Rodovia União e Indústria,

---

<sup>1</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Eduf), 2007. P. 11.

<sup>2</sup> Idem. P. 14.

em 1861. Apesar da distância temporal existente entre as excursões realizadas, acreditamos que podemos nos valer de algumas observações presentes em tal análise, para melhor compreendermos a viagem de 1881. Para Genovez, “É através do cerimonial que o poder é representado e demonstra a repartição do mesmo”.<sup>3</sup> Ou seja, ao visitar Minas Gerais, aproximando dessa forma o Império e a província, o Soberano apresentava-se como o representante máximo do poder, relacionando-se com os poderes locais, além disso, as viagens podem ser consideradas “um espaço de agregação das elites locais”.<sup>4</sup>

Antes de encetar qualquer viagem, D. Pedro II nomeava a comissão que o acompanharia e tal nomeação era um momento de grande prestígio para as pessoas escolhidas, uma vez que nessa ocasião o Imperador apresentava à sociedade aqueles que estavam mais próximos a ele, fazendo dessa nomeação motivo para disputa entre os que eram ou não escolhidos: “Nesse sentido, também podemos apontar para o jogo do prestígio, para a repartição do poder, para as gratificações como também para as punições”.<sup>5</sup> Além disso, ao escolher algumas pessoas ao invés de outras, “D. Pedro também podia utilizar-se destes artifícios para controlar parte da elite que lhe rodeou”.<sup>6</sup>

Ao logo do caminho a comitiva era composta por novos seguidores, geralmente pessoas gradas da cidade a ser visitada e também da região. Normalmente esses cidadãos eminentes participavam do cortejo de entrada do Monarca na cidade, assim como das festas de recepção e jantares oferecidos, gozando de grande prestígio entre a população nesse momento em que o Paço Imperial era transferido para a localidade: “São os dois lados de uma mesma moeda: daquele que é reconhecido como líder nacional, e que, ao sê-lo, favorece o reconhecimento local dos que podiam acompanhá-lo”.<sup>7</sup>

Durante as excursões pelo Império, títulos nobiliárquicos eram distribuídos em grande número entre os cidadãos ilustres, complementando então, o cerimonial de viagem. Dessa forma, o agraciado distingue-se perante a população, devido ao elevado grau de prestígio que passava a portar:

---

<sup>3</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco. *As Malhas do Poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX*. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002. P. 09.

<sup>4</sup> Idem. P. 11.

<sup>5</sup> Idem. P. 17.

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> Idem. P. 32.

No jogo simbólico o título de nobreza, concedido pela figura imperial, permitiu àqueles que se encontravam no tecido social, o reconhecimento coletivo, uma vez que foi uma concessão de um agente autorizado pelo senso comum a exercer e monopolizar as regras que garantiam a segurança social, *o monopólio da violência simbólica legítima*. O título garantia a celebridade de um indivíduo, uma diferenciação concedida pelo próprio Imperador, detentor oficial do monopólio sobre os signos que envolvem a monarquia.<sup>8</sup>

A década de 1870 não foi marcada apenas pelas críticas direcionadas ao regime monárquico, mas também por modificações nos cerimoniais de viagem: “Com o Império já consolidado a prática da unidade nacional permanece através da presença do Imperador, mas o cerimonial já não trazia o mesmo aparato: as viagens foram mais curtas, sem a mesma ostentação e pompa”.<sup>9</sup>

Ao retornar do exterior pela primeira vez, D. Pedro II aboliu o beija-mão e o uso de trajes majestáticos, passando a vestir-se frequentemente com uma casaca preta: “A vivência da unidade nacional, ainda importante, sobreviveu através da figura de um Imperador mais secularizado e de um cerimonial real bem menos suntuoso”.<sup>10</sup>

As visitas ao interior do país possibilitaram ao Soberano ser reconhecido pelos membros da corte local e com eles se relacionar em um contexto de instabilidade do regime vigente. Os ritos e cerimoniais que o acompanharam durante as excursões, possivelmente atuaram como uma expressão de poder do Estado monárquico. Nestas ocasiões o Monarca apresentava-se “como um elo da união entre a região e o Império, como a encarnação viva do Poder Moderador perante os súditos e os políticos brasileiros”.<sup>11</sup>

A partir das questões aqui apresentadas, nos propomos a abordar as viagens que D. Pedro II fez a Minas Gerais no decorrer do ano de 1881. Nosso intuito é descrever a história de viagem, assim como o trajeto percorrido pelo Soberano e sua comitiva, sendo necessário, portanto, fazer o levantamento das localidades que receberam os visitantes. Visamos também identificar as pessoas com as quais o Monarca teve mais contato e envolvimento no decorrer da excursão, demonstrar seu interesse em melhor conhecer a região, descrever as

---

<sup>8</sup> GENOVEZ. Op. cit. 2002. P. 35.

<sup>9</sup> Idem. P. 22.

<sup>10</sup> Idem. P. 23.

<sup>11</sup> Idem. P. 91.



festas de recepção e, sobretudo, identificar e compreender os motivos que trouxeram Sua Majestade Imperial a Minas Gerais.

O diário de viagem, referente a 1881 e periódicos desse mesmo ano, constituem as fontes principais de nossa pesquisa. Para a confecção do presente trabalho, foram abordados um total de cinco jornais, provenientes das cidades de Ouro Preto, São João Del Rei e Rio de Janeiro, sendo: *A Atualidade* e *A Província de Minas*, *Tribuna do Povo* e *O Arauto de Minas*, e a *Revista Ilustrada*, respectivamente. Cada folha empregada na pesquisa foi analisada em suas publicações de fevereiro a setembro de 1881.

Também foram analisadas correspondências entre os governos provincial e imperial, e “memórias” provenientes do Colégio do Caraça, ambos sob a guarda do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana; e correspondências do Imperador e da Imperatriz à princesa Isabel, sob a guarda do Arquivo do Museu Imperial.

A leitura das fontes e o diálogo com os estudos voltados para as temáticas das viagens de D. Pedro II pelo Brasil e pelo exterior, e da crise da Monarquia, permearam os capítulos que compõem esta dissertação.

No primeiro capítulo apresentaremos as viagens internas e externas efetuadas pelo Imperador, a participação do Brasil nas Exposições Universais e a postura do Monarca em relação à direção política do país a partir da década de 1870.

Nos quatro capítulos subsequentes, abordaremos a visita do Monarca a Minas Gerais entre os meses de março e maio de 1881. Descreveremos o percurso realizado pelo Soberano e as relações estabelecidas com pessoas gradas da sociedade mineira.

O sexto capítulo será desenvolvido a partir da segunda visita à província, realizada em agosto desse mesmo ano. No decorrer do texto será possível perceber a participação de D. Pedro II na festa do progresso, uma vez que convidado pelos políticos da cidade de São João Del Rei, participou da inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas.

# **CAPÍTULO 1**

---

---

## Capítulo 1 – D. Pedro II e Pedro de Alcântara

O presente capítulo tem como finalidade apresentar as viagens feitas por D. Pedro II e a participação do Brasil nas Exposições Universais, consideradas um instrumento de conexão do Império com as outras partes das Américas e com a Europa.

Ao viajar para o exterior e participar das Exposições Universais, o Imperador buscava manter contato com o mundo civilizado, ao mesmo tempo em que visava apresentar o Brasil como um país inserido nos caminhos do progresso: “Parecia necessário mudar a imagem externa do país e impor a sua ‘real face’: a civilização”.<sup>12</sup>

Durante as excursões ao exterior o Monarca se encontrou com pessoas importantes da sociedade, tais como reis e rainhas, políticos, além dos intelectuais por ele admirados, demonstrando-se nessas ocasiões um apaixonado pela ciência, letras, botânica, geografia e literatura. A todos surpreendia com seu conhecimento vasto, tendo sempre algum questionamento ou apontamento a fazer sobre os lugares e instituições, sobre os intelectuais e suas obras.

O Imperador alegava que ao viajar buscava tornar o Brasil mais conhecido e que, se demonstrava sua sabedoria, era para que todos notassem que o país incentivava e buscava o acesso de todos os brasileiros ao conhecimento: “Se procurei mostrar aí o que já sabia, foi para que se visse que no Brasil também se estuda ainda mais em outras condições que não as minhas”.<sup>13</sup>

A partir da obra de Lilia Moritz Schwarcz, *As Barbas do Imperador*, podemos observar que além da erudição, o Soberano buscava se portar como um homem simples, apresentando-se ao mundo um ‘monarca-cidadão’.

Tal posicionamento é perceptível a partir de elementos apresentados por Schwarcz. Vejamos: ao chegarem a Lisboa em 1871, Suas Majestades passaram aproximadamente dez dias no Lazareto, assim como os demais viajantes, não aceitando, portanto, tratamento distinto dos demais. D. Pedro II optou instalar-se em hotéis durante sua permanência nas localidades, recusando dessa maneira,

---

<sup>12</sup> SCHWARCZ. Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 394.

<sup>13</sup> Idem. P. 385.

diversos convites de hospedagem; carros de aluguel, entradas de espetáculos e obras de caridade foram pagos com verba pessoal e não governamental.

Fazia parte ainda dos elementos que cercavam esse ‘monarca-cidadão’ o desejo de liberdade. Não queria nenhum tipo de cerimônia oficial quando de sua chegada, estadia ou partida; não levava consigo o aparato majestático que circundava reis e imperadores, pelo contrário, ficou famoso pela pouca pompa e até mesmo pelo vestuário comum de viajante: casaco preto, chapéu, cachecol preto em volta do pescoço, uma pequena mala e um guarda-chuva.

Mesmo apresentando-se de forma diferente da esperada no exterior e de causar ao mesmo tempo, espanto e admiração – devido à ausência de pompa, que acompanhava a nobreza –, D. Pedro II ganhou o respeito de muitas pessoas e a partir daí, o próprio Império ganhava admiradores também. Não falamos aqui do regime imperial em si, mas de um Império que libertava-se das algemas da escravidão, que era dotado de liberdade de imprensa, que estava preocupado em inserir em seu seio a ciência, a técnica e tudo que, ligado a elas, estivesse relacionado ao progresso material do país.

Segundo Heitor Lyra, “os reis são em geral grandes passeadores”<sup>14</sup> e como a historiografia sobre o Brasil Império nos permite perceber, o Monarca muito viajou durante seu reinado. Para João Ricardo Ferreira Pires, “Há em D. Pedro II duas modalidades de viagens que se interpenetram: o viajante maravilhado ao exterior e o viajante funcional ao interior”.<sup>15</sup> Seguindo essa linha de raciocínio, para Lilia Schwarcz, viajar poderia ser considerado uma estratégia, uma vez que as viagens “ajudariam mesmo que simbolicamente na demarcação das fronteiras desse grande Império, além de contribuir para alargar a recepção da imagem da monarquia interna e externamente”.<sup>16</sup>

Ao longo de seu governo o Soberano empenhou-se em fazer o Brasil participar das Exposições Universais. Sua Majestade inclusive participou efetivamente da organização de uma delas, inaugurando-a junto ao presidente Ulisses Grant. A participação brasileira nessas feiras representava de certa maneira, exatamente a imagem que o Imperador buscava transmitir durante suas

---

<sup>14</sup> LYRA, Heitor. *História de D. Pedro II, 1825-1891 – Fastígio / 1870 - 1880*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977. Volume 2. P. 171.

<sup>15</sup> PIRES, João Ricardo Ferreira. *Notas de um diário de viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)*. Dissertação apresentada na Pós-Graduação em História da UFMG. Belo Horizonte, MG, 2007. P. 21.

<sup>16</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 357.

viagens internacionais, uma posição civilizada e erudita, tanto de si mesmo, quanto do Brasil.

D. Pedro II era um apaixonado por viagens, principalmente aquelas que o aproximavam da civilização e do progresso, como era de se esperar de um homem com o seu interesse por novas descobertas no campo científico e técnico. Dessa forma, é possível compreender o porquê das Exposições Universais o “seduzirem”.

Segundo Schwarcz, as primeiras exposições tiveram início no final do século XVIII, na França e Inglaterra. Durante a primeira metade do século XIX as exposições eram nacionais, porém, em 1851 passaram a ser internacionais. Desde a primeira Exposição Universal, realizada em Londres em 1851, um padrão foi estabelecido: “Os produtos expostos eram divididos nos seguintes grupos: manufaturas, maquinarias, matéria-prima e belas-artes”, e todos os países participantes seguiam tal padronização.<sup>17</sup>

Inicialmente as exposições visavam exibir produtos, técnicas e novas ciências, possivelmente como uma forma de propagação do conhecimento e do que havia de melhor em cada país participante, mas ao longo do tempo transformaram-se “em espaços de apresentação da própria burguesia, orgulhosa com seus avanços recentes”.<sup>18</sup> As exposições integravam diferentes elementos e lógicas, saciavam a curiosidade, exibiam o exótico e ao mesmo tempo revelavam os progressos em variadas partes do mundo, e além de exibir as descobertas nessa área, tais feiras também eram responsáveis por diversos acordos industriais e comerciais.

A primeira participação do Brasil em uma exposição internacional foi em 1862, em Londres. Para Schwarcz, a participação brasileira nas feiras era importante pois tornava possível ao Império apresentar ao mundo não apenas as particularidades nacionais, mas também o grau de civilidade.<sup>19</sup>

Confirmada a presença brasileira na exposição, os ajustes acerca dos estandes a serem apresentados tiveram início:

Em primeiro lugar, cada província realizava suas feiras prévias e os produtos então escolhidos eram enviados para uma mostra

---

<sup>17</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 388.

<sup>18</sup> Idem. P. 389.

<sup>19</sup> Idem. P. 393.

nacional, onde seriam selecionados para a feira mundial. [...] As exposições nacionais eram, por sua vez, organizadas e patrocinadas diretamente pelo imperador.<sup>20</sup>

Selecionados os produtos, o Brasil apresentou na exposição de 1862 o que possuía de melhor e de mais característico, como por exemplo: café, chá, guaraná, arroz, madeira, fibras vegetais e algodão. Mesmo exibindo produtos diversos da indústria nacional, elementos como o café e a cerâmica marajoara foram os que mais despertaram a atenção dos visitantes do pavilhão brasileiro, uma vez que ressaltavam ainda mais o caráter exótico do país.

Apesar do destaque desses produtos, Lilia Schwarcz afirmou que se enganavam aqueles que pensavam que os pavilhões brasileiros continham apenas elementos da terra. Realmente as premiações recebidas eram referentes, sobretudo, ao café, à madeira, ao açúcar e ao fumo, porém:

Livros informativos sobre a geografia e a economia do país eram produzidos em francês, alemão, inglês e português, e distribuídos. Providenciavam-se transporte de produtos e instalações e, para coroar o empreendimento, o próprio monarca, muitas vezes, sentava-se bem na frente de seu estande, como que para completar a demonstração.<sup>21</sup>

Em 1867 o país se apresentou novamente em uma mostra, desta vez em Paris. Mesmo estando em guerra com o Paraguai, o Brasil participou do espetáculo da “civilização e do progresso”, contudo, sua presença foi bem tímida, devido à falta de recursos, consequência dos investimentos na guerra, o que abalou também a participação na Exposição Universal de Viena, em 1873.<sup>22</sup>

Em 1876 o Brasil participou da Exposição Universal da Filadélfia, sendo representado pelo próprio Monarca. Nessa ocasião o investimento na apresentação foi maior, mas mesmo assim, havia a consciência de que o país não estava se destacando por sua indústria. Entretanto, ao participar das Exposições Universais o país tornava-se “melhor conhecido e apreciado como região de solo fertilíssimo e nacionalidade pacífica, inteligente e laboriosa”.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 394.

<sup>21</sup> Idem. P. 398.

<sup>22</sup> Idem. P. 396.

<sup>23</sup> Idem. P. 397.

A participação brasileira nessas feiras era uma tentativa de apresentar um país civilizado, no entanto, até aquele momento o Brasil era basicamente agrícola e escravocrata.

De toda forma, acreditamos que a intenção do Soberano era se apresentar como um homem aberto às novas descobertas científicas e criar uma boa imagem deste país exótico, porém inserido nos caminhos da civilização. No entanto, a tentativa foi frustrada, pois a interpretação geral continuava sendo que “o Brasil era, sobretudo, o país da grande natureza e dos ‘bons selvagens’”.<sup>24</sup>

Mesmo não recebendo destaque por nossa indústria, a possibilidade de se apresentar para o mundo realmente se dava durante tais espetáculos, que:

significavam uma boa ocasião para que a imagem externa do país se impusesse e nos redimisse da marca da escravidão e da própria monarquia. [...] É fato que não tínhamos máquinas para mostrar, mas, de toda maneira, estar presente era uma forma de assinalar a proximidade: “Se as exposições universais não podem ainda, por parte do Brasil, servir para a competência industrial, é inegável que lhe tem proporcionado ensejo para melhor ser conhecido e apreciado”.<sup>25</sup>

A última exposição da qual o Brasil participou, ainda sob o regime monárquico, foi a Exposição Universal de Paris, realizada em 1889. Com exceção do Brasil, as monarquias convidadas a participarem do evento, sobretudo as europeias, não se apresentaram, por acreditar se tratar de uma exaltação da República. Dessa forma, o Brasil foi a única monarquia presente na exposição, recebendo destaque e elogios por sua participação. M. Berger, organizador do evento, elogiou Sua Majestade Imperial no guia distribuído aos visitantes e afirmou: “É o único soberano que fez isso”.<sup>26</sup>

A *Revista Ilustrada*, publicação número 552, também elogiou a atitude imperial:

Logo desde o início dos trabalhos notou-se que as Monarquias fazem greve contra a exposição [...] Todavia os combatentes da democracia tiveram bastante força para imporem uma representação. [...] Como exceção que nos honra lá figura oficialmente o nosso país talvez a única monarquia que

---

<sup>24</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 397.

<sup>25</sup> Idem. P. 398.

<sup>26</sup> Idem. P. 403.

vencendo preconceitos aderiu à grande comemoração dos direitos do homem.<sup>27</sup>

Pela primeira vez o Império participou da exposição contando com o maior número de expositores já apresentados e, como de costume, exibiu elementos da educação, tecidos e também aparelhos de fotografia. Entretanto, mais uma vez o que mais agradou o público estrangeiro foram as matérias-primas e a floresta brasileira, que receberam destaque, por parte dos responsáveis pela propaganda do pavilhão, nos folhetos de apresentação: “Você gostaria de estar em plena vegetação fantástica? Aproxime-se do Palácio do Brasil”.<sup>28</sup>

De acordo com Lilia Schwarcz, no momento da inauguração do estande brasileiro, notou-se a curiosidade estrangeira em descobrir “os produtos naturais de um império latino e americano particularmente rico em matérias de origem mineral e vegetal”.<sup>29</sup>

Pode-se afirmar que, apesar das inúmeras tentativas de D. Pedro II em apresentar um país civilizado, o que mais sobressaía nas Exposições Universais era exatamente a floresta e os produtos provenientes da terra.

A primeira vez que o Monarca esteve presente em uma Exposição Universal foi em 1876, em Paris, durante sua segunda visita ao exterior. As viagens internacionais eram as que mais lhe causavam prazer e saciavam seu espírito, mas elas tiveram início apenas na década de 1870. A primeira excursão ocorreu em 25 de maio de 1871, a segunda em 26 de março de 1876 e a terceira e última, em 30 de junho 1887.

Nessas ocasiões, o afastamento do Soberano do país era explicado devido à necessidade de tratamentos de saúde, porém, esta não era a única razão, havia ainda o desejo imperial em conhecer o mundo que até então só conhecia através dos livros. Foram essas viagens que saciaram o espírito erudito, indagador e desbravador de D. Pedro II, que nessas circunstâncias procurou se apresentar não apenas como o Imperador do Brasil, mas também como o cidadão Pedro de Alcântara.

As visitas ao exterior podem ser consideradas também um mecanismo de apresentação de um Imperador que buscava inserir em seu país o progresso e a

---

<sup>27</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 403.

<sup>28</sup> Idem. P. 405

<sup>29</sup> Idem.



civilização, e para tanto, as viagens foram permeadas de visitas a intelectuais e a instituições científicas: “Durante minhas viagens não tive tempo senão para tornar mais conhecido o Brasil, e travar relações pessoais que já têm sido úteis”.<sup>30</sup>

A primeira vez que o Imperador saiu do país foi em 1871 e este não foi considerado o melhor momento para sua ausência. Muitos políticos se opuseram à retirada do Soberano, pois além de não aprovarem e temerem a regência da princesa Isabel, consideravam o momento inoportuno e crítico,<sup>31</sup> devido ao fato de que o Brasil havia acabado de sair da traumática Guerra do Paraguai, o Manifesto Republicano havia sido lançado recentemente e para agravar as preocupações, as propostas da Lei do Ventre Livre já encontravam-se em discussão.<sup>32</sup>

A fim de receber autorização para se ausentar do país, o Imperador afirmou que a viagem era de extrema importância para que a Imperatriz pudesse fazer um tratamento de saúde. No entanto, a razão apresentada mais parecia um pretexto para, enfim, ele realizar o desejo de conhecer a Europa. Mais plausível teria sido apontar como imprescindível visitar seus netos, filhos de D. Leopoldina, que falecera havia pouco tempo, em fevereiro de 1871, antes mesmo de completar 24 anos de idade.<sup>33</sup> Devido à sua morte, foi decretado luto oficial no Brasil por seis meses.<sup>34</sup>

Os políticos não aprovavam a viagem e a oposição só fez aumentar, principalmente quando uma nota publicada pela imprensa afirmou que o Soberano já havia reservado as passagens antes mesmo do Parlamento lhe dar o consentimento para ausentar-se do país.<sup>35</sup> Diversos setores demonstravam sua preocupação quanto à ausência imperial, inclusive o Ministério, que “não escondeu suas apreensões com essa viagem. Havia nele o receio sobre a possível atitude que o Conde d’Eu assumiria, ao lado da mulher, a Princesa Imperial, quando esta assumisse a chefia do Estado”.<sup>36</sup>

Era a primeira vez que Isabel, então com 24 anos, ocuparia o cargo de regente provisória e o Ministério receava que seu marido se tornasse um empecilho nas relações com o Gabinete Rio Branco. Para Joaquim Nabuco, ao se

---

<sup>30</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 385

<sup>31</sup> CARVALHO. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 144.

<sup>32</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 22.

<sup>33</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 144 e 145.

<sup>34</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 361.

<sup>35</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 172.

<sup>36</sup> Idem. P. 173.

ausentar, D. Pedro II queria na verdade, ceder a Isabel as glórias da aprovação da lei do Ventre Livre.<sup>37</sup>

Seja como for, o Parlamento aprovou a viagem e a Câmara ofereceu um auxílio ao Monarca e à princesa Isabel, enquanto regente. O Imperador não aceitou o subsídio em nome de ambos e afirmou: “semelhantes favores que eu e minha filha rejeitamos”; ‘respeitem o desinteresse com que sempre tenho servido e servirei à Nação’”.<sup>38</sup>

Em 25 de maio de 1871 foi realizado o embarque no vapor *Douro*, que seguiu em direção à Europa. A comitiva foi integrada por D. Teresa Cristina e sua dama de companhia, o camarista do Imperador,

o futuro Visconde de Nogueira da Gama, que levava consigo a mulher e a filha; seu veador Luís Pedreira, depois Visconde do Bom Retiro; seu médico, o Dr. Candido Borges Monteiro, depois Visconde de Itaúna, com a filha; e vários outros servidores subalternos.<sup>39</sup>

Mais um integrante somou-se ao grupo na Europa, tratava-se da Condessa de Barral.

Como a viagem não era feita em caráter oficial, antes mesmo de chegar a Lisboa D. Pedro II enviou um recado ao ministro do Brasil em Portugal, ressaltando que sua estadia ali era realizada a título privado e assim sendo, quem viajava era Pedro d’Alcântara e não o imperador do Brasil.<sup>40</sup> Ao expedir o recado antecipadamente, o Monarca visou esclarecer que não seriam necessários cerimônias ou tratamentos oficiais. O que demonstra melhor tal questão é o fato de que ao desembarcar em Lisboa a 12 de junho, todos os passageiros vindos do Rio de Janeiro deveriam permanecer no Lazareto por oito dias, devido à febre amarela.<sup>41</sup> Contudo, o governo português havia preparado uma corveta onde o representante da nação e sua comitiva poderiam se estabelecer durante a quarentena, mas a oferta não foi aceita e o Soberano afirmou que ficaria junto aos outros passageiros, afirmando ainda: “Aqui não há Imperador nem Imperatriz. Chamo-me Dom Pedro de Alcântara, e minha mulher Dona Teresa Cristina. Hei

---

<sup>37</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 145.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 175.

<sup>40</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 146.

<sup>41</sup> Idem.

de sujeitar-me à lei comum, cumprindo a quarentena com os meus companheiros de viagem”.<sup>42</sup>

Ainda em resposta aos benefícios oferecidos pelo rei de Portugal, D. Luís I, o Imperador comunicou ao representante real os motivos por não aceitar hospedagem oficial: “Deixe-me gozar esta liberdade de simples cidadão; estou farto de cerimônias e etiquetas”.<sup>43</sup>

Reafirmamos assim, que D. Pedro II não queria recepções oficiais ou hospedagens em palácios, mas sim ser recebido como um cidadão comum. Mesmo comunicando o caráter pessoal de sua viagem, personagens ilustres o visitaram no Lazareto, tais como familiares, o rei de Portugal, D. Fernando e seu filho, o Infante D. Augusto, diplomatas, sábios e escritores, mas a visita que mais estimou foi a de Alexandre Herculano, com quem se correspondia havia cerca de 20 anos.<sup>44</sup>

Quando a quarentena chegou ao fim, o Soberano, acompanhado por D. Teresa Cristina, “Desembarcou na companhia da Família Real portuguesa, cercado de muita gente, e logo se formou um longo cortejo de cerca de 100 carros para acompanhá-lo pela cidade”.<sup>45</sup> Uma vez livre para poder conhecer o país, o Monarca deu início às habituais visitas a pessoas e a lugares.

Iniciou por visitar D. Amélia no palácio das Janelas Verdes; foi também até a Igreja São Vicente de Fora, onde estavam os túmulos do pai e da irmã D. Maria da Glória.<sup>46</sup>

Despediu-se de Lisboa e seguiu para o norte de Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, Egito, Creta, Suíça e Paris. O percurso efetuado foi preparado com a ajuda de Arthur de Gobineau e da Condessa de Barral.<sup>47</sup>

A rotina da viagem era semelhante à que ocorria quando de suas excursões ao interior do Brasil: visitava lugares históricos, instituições de cultura, educação e ciência, e sobretudo, personagens do mundo cultural e intelectual.<sup>48</sup>

---

<sup>42</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 176.

<sup>43</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 146.

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 180.

<sup>46</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 147.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

No dia 22 de junho, partiu com a comitiva em direção à Espanha, passando apenas por Madrid, de onde seguiu para a França, chegando a Hendaya a 26 de junho.<sup>49</sup> Na fronteira entre a Espanha e a França os viajantes foram recepcionados por Gobineau e pela Condessa de Barral, que os acompanharam pela Europa.<sup>50</sup>

De acordo com Heitor Lyra, ao seguir viagem em direção à Inglaterra, D. Pedro II fez uma rápida passagem pela França, sendo recebido em Versalhes por Adolphe Thiers.<sup>51</sup> Da França a comitiva avançou para o Reino Unido e tal excursão durou pouco mais de um mês, ocasião em que o Imperador conheceu a Rainha Vitória, o príncipe real da Suécia, pouco depois, rei Oscar II.<sup>52</sup> Apesar da relutância, vez por outra D. Pedro concordava com alguma recepção oficial, como por exemplo, “as que lhe ofereceram a rainha Vitória, na Inglaterra, seu primo Francisco José, na Áustria, e os parentes da imperatriz, na Sicília.”<sup>53</sup>

Ao despedir-se da França, os viajantes seguiram para a Bélgica e então para a Alemanha, chegando a Berlim no dia 22 de agosto.<sup>54</sup> Nos dias seguintes, o Monarca iniciou mais uma vez seu roteiro de visitas. Ao se retirarem de Berlim, Suas Majestades Imperiais pararam em Coburgo, onde rezaram no túmulo da filha Leopoldina, sepultada na Igreja de Santo Agostinho, “lugar do eterno repouso dos Príncipes de Saxe-Coburgo”.<sup>55</sup> Em Coburgo foram recebidos pelos duques reinantes, Ernesto II e Alexandrina; por seu genro, Duque de Saxe e seu filho D. Pedro Augusto.<sup>56</sup>

A viagem foi então retomada e após passarem por muitas cidades, finalmente chegaram a Viena, onde permaneceram por alguns dias, mas sem demora. O séquito seguiu então para o norte da Itália e para o Oriente Próximo. Já no Egito, mais precisamente em Alexandria, o Soberano recebeu um telegrama informando a aprovação da Lei do Ventre Livre, assinada pela princesa Isabel: “Desde esse dia, nenhum homem mais nasceu escravo no Brasil, e a glória da civilização sem mancha iluminou a frente vencedora do eminente estadista do

---

<sup>49</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 182.

<sup>50</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 147.

<sup>51</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 182.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 148.

<sup>54</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 183.

<sup>55</sup> Idem. P. 185.

<sup>56</sup> Idem. P. 186.

império”.<sup>57</sup> A partir da aprovação da Lei do Ventre Livre, o ventre da mulher escrava foi libertado, aos escravos foi possível por lei acumular pecúlio e comprar alforrias.

Segundo Heitor Lyra, ao receber a notícia da aprovação da lei, o Monarca abraçou Itaúna e lhe pediu que transmitisse o gesto a Rio Branco, com a declaração de que o considerava seu homem de confiança. A excursão ao Egito durou pouco mais de 15 dias: “Foi uma correria desenfreada por desertos e por cidades, por vales e por montes, o Imperador à frente, arrastando atrás de si uma comitiva que protestava impaciente e já quase esgotada de cansaço”.<sup>58</sup>

Após esses dias no Egito a comitiva retornou à Europa, desembarcando em Nápoles a 15 de novembro. Muitos lugares foram visitados, sendo alguns deles: Roma, Florença, Pisa, Gênova, Turim, Genebra e Estrasburgo, ou seja, rapidamente a distância existente até Paris foi transposta. Em Paris, o Imperador novamente esteve na companhia de Gobineau, que o apresentou aos artistas e aos homens de letras e de ciência.<sup>59</sup>

Desde o Instituto de França, até as sociedades mais modestas, D. Pedro II teve seu nome entre os associados honorários. Um dos encontros que mais o emocionou em suas visitas a instituições, foi com Louis Pasteur, com quem se encontrou na Escola Normal.<sup>60</sup>

Em fevereiro de 1872 chegou ao Sul da França. Dentre as cidades a visitar estava Montpellier, onde encontrou-se com o professor Dr. Benoît, que propôs que a Faculdade o recebesse solenemente: “Não, não, replicou vivamente o Monarca. Recebam-me como uma visita qualquer, que deseja instruir-se, sem nenhuma cerimônia. Essas coisas oficiais só servem para perder tempo e distrair a atenção”.<sup>61</sup>

O retorno a Portugal se deu em 29 de fevereiro de 1872 e aí o Imperador foi recebido como filho do herói da campanha liberal no porto. A primeira visita dos Monarcas brasileiros foi à Igreja da Lapa, onde se guardava o coração de D. Pedro I.

---

<sup>57</sup> *REVISTA AMERICANA*: uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909-1919). Ed. fac-similar. Brasília: Senado Federal, 2001. P. 338.

<sup>58</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 189.

<sup>59</sup> Idem. P. 193.

<sup>60</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 149, & LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 195.

<sup>61</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 197.

Ao visitar a Universidade de Coimbra, os professores se escandalizaram com a simplicidade do vestuário do Monarca, que se apresentou em uma cerimônia solene com os mesmos trajes diários de viajante – casaco preto, chapéu baixo e um cachecol preto ao redor do pescoço –, ao invés da tradicional casaca com gravata branca.<sup>62</sup>

Antes de retornar ao Brasil visitou Lisboa, onde permaneceu aproximadamente uma semana e novamente foi ter com D. Amélia, assim como a Alexandre Herculano. Antes de deixar a cidade D. Pedro cumpriu um último compromisso e aceitou o banquete oferecido pelo rei D. Luís no Palácio da Ajuda, onde compareceram cerca de mil pessoas, dentre elas políticos e a alta sociedade lisboeta.<sup>63</sup>

Depois de tantos compromissos, os Monarcas e sua comitiva, então com três novos integrantes, sendo eles, o Duque de Saxe, viúvo de Leopoldina e os filhos Pedro Augusto e Augusto Leopoldo, partiram de volta para o Brasil no dia 13 de março de 1872.<sup>64</sup>

Durante a viagem percebemos o interesse de D. Pedro II em se relacionar com cientistas e dessa forma, observar as novas descobertas realizadas no Velho Mundo. Uma verdadeira “peregrinação da cultura” foi realizada a partir dos encontros com intelectuais e sábios. Assim sendo, a viagem atuou como espaço de trânsito, de troca cultural entre os viajantes e aqueles que os recebiam, uma vez que costumes e tradições até então desconhecidos, foram apresentados uns aos outros.

Após retornar para a Corte, o Imperador passou a demonstrar desinteresse em governar e perdeu ainda mais o gosto pelos compromissos políticos e sociais: “Com efeito, após a volta da viagem, o monarca revelava sinais de cansaço e tédio por sua missão como governante”.<sup>65</sup> Tal fato pode ser melhor visualizado a partir da rapidez com que o regresso à Europa foi planejado: “O apelo do prazer não demorou a se fazer sentir de novo. Um ano depois do regresso da primeira viagem, o imperador já começou a arquitetar outra escapada para a Europa. Dessa vez, passaria pelos Estados Unidos”.<sup>66</sup>

---

<sup>62</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 201.

<sup>63</sup> Idem. P. 203.

<sup>64</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 369.

<sup>65</sup> Idem. P. 371.

<sup>66</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 157.

Em *As Barbas do Imperador*, Schwarcz abordou a mudança de comportamento de D. Pedro II após seu retorno. Segundo ela, data dessa época a exclusão do ritual do beija-mão, considerado em desuso. Além disso:

“O monarca, encantado com o Velho Mundo, afastava-se de seu Império, na mesma proporção em que as contradições de ordem política e social tomavam uma forma mais evidente. O monarca nunca foi, ao mesmo tempo, tão popular e tão distante”.<sup>67</sup>

A segunda excursão foi realizada no ano de 1876, quando

um imperador enfastiado e que não escondia mais sua irritação com a tacanha realidade nacional planejava sua segunda viagem ao exterior. Mais e mais distante dos rituais, da política e da cultura brasileira, d. Pedro II não só se lamentava de sua função, como abria cada vez mais mão de “seus afazeres de rei”.<sup>68</sup>

Dentre as razões apresentadas por D. Pedro para conseguir a aprovação da viagem, estavam a saúde da Imperatriz, além da oportunidade de visitar a Exposição da Filadélfia, que ocorreria nesse mesmo ano, em comemoração aos cem anos da independência da República norte-americana. A liberação veio sem grandes obstáculos: a questão dos bispos estava resolvida, o filho de Isabel acabara de nascer e a regente já havia adquirido certa experiência. Não houve, portanto, objeções dos políticos e o Parlamento concedeu ao Soberano uma licença de um ano e meio.<sup>69</sup>

O embarque aconteceu em 26 de março de 1876, a bordo do navio americano *Hevelius*. Desta vez o séquito foi composto, novamente por D. Teresa Cristina, sua dama de companhia, D. Josefina da Fonseca Costa, o fiel Bom-Retiro<sup>70</sup> e o jornalista norte-americano James O’Kelly, enviado pelo *New York Herald*, que começou “uma verdadeira campanha publicitária da viagem imperial e passou a exigir das autoridades americanas uma recepção grandiosa, com feriado oficial, desfiles, presença do presidente Grant”<sup>71</sup>, alegando ser o Brasil uma nação irmã.

<sup>67</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 371.

<sup>68</sup> Idem. P. 373.

<sup>69</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 157.

<sup>70</sup> Sobre a viagem de 1876, ver: CARVALHO. Op. cit. 2007; LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2; PIRES. Op. cit. 2007; SCHWARCZ. Op. cit. 1998.

<sup>71</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 160.

Já a bordo do vapor e sem mais avistar as terras brasileiras, o Imperador transformou-se mais uma vez em Pedro d'Alcântara.<sup>72</sup> A simplicidade envolvendo o casal foi capaz de desfazer receios entre os passageiros, que temiam formalidades maçantes. Tal modéstia ganhou a simpatia de todos, inclusive do jornalista, que afirmou sobre D. Pedro II: “fez de todos nós, radicais e republicanos, seus dedicados súditos, como se, de fato, tivéssemos a honra de pertencer à Imperial Câmara”.<sup>73</sup>

O *Hevelius* chegou a Nova York em 15 de abril de 1876. O momento de chegada aos Estados Unidos foi simbólico, posto que pela primeira vez “um monarca pisava território norte-americano (independente) e se tratava sobretudo de ‘the only American Monarch’ [o único monarca americano]”.<sup>74</sup>

Uma comissão oficial, formada a pedidos do *Herald*, recepcionou Suas Majestades, convidando-os para desembarcarem no porto a bordo da corveta *Alert*, “que a comissão mandara preparar para transportá-lo a terra, onde o aguardava lauta refeição”.<sup>75</sup> O convite foi recusado e o desembarque foi realizado em um porto secundário, onde poucas pessoas o aguardavam, o Imperador então tomou um carro de aluguel, chegando ao *Fifth Avenue Hotel* como um cidadão comum, enganando a pequena multidão que ali se aglomerava à espera de uma chegada triunfal.

A noite D. Pedro foi ao teatro – onde, segundo anotações de O’Kelly, pagou a própria entrada – e finalmente foi saudado em estrondosa recepção, e ao final do quarto ato o hino brasileiro foi executado.<sup>76</sup>

Nos Estados Unidos visitou cientistas e escritores, estabelecimentos de caridade e de ensino, igrejas, hospitais e indústrias:

Em todos os lugares disparava uma saraivada de perguntas sobre o funcionamento dos estabelecimentos, fazia comentários, comparações com instituições brasileiras, promessas de levar para o Brasil o que lhe parecia digno de imitação.<sup>77</sup>

---

<sup>72</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 161.

<sup>73</sup> Idem.

<sup>74</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 374.

<sup>75</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 162.

<sup>76</sup> Idem. P. 163.

<sup>77</sup> Idem. P. 164.



No dia 17 de abril, terceiro dia em que se encontrava nos Estados Unidos, empreendeu uma viagem da costa oeste à costa leste, passando por várias cidades, como Chicago e Nova Orleans: “Foi uma desabalada carreira através do continente americano, interrompida por paradas de poucas horas nas cidades mais importantes para rápidas visitas aos pontos de interesse”.<sup>78</sup> Após conhecer os locais desejados, a comitiva fez o caminho de volta e chegou a Washington em sete de maio, onde o Imperador visitou o presidente Ulisses Grant. Segundo João Ricardo Ferreira Pires, a intenção monárquica “era ver os avanços materiais e tecnológicos, estudá-los e depois aplicar no Brasil, se possível”.<sup>79</sup>

No dia dez de maio, após percorrer muitos lugares, o Monarca encontrava-se na Filadélfia para a abertura da exposição, tendo se hospedado no hotel Continental. Nesse momento, o *New York Herald* mudou o tom nas publicações sobre Pedro de Alcântara, buscando enfatizar a imagem do governante D. Pedro II. Nesse mesmo dia, a exposição foi inaugurada pelos dois representantes políticos, sendo que o Imperador chegou ao evento antes do próprio presidente e foi recebido com o hino do Brasil.

D. Pedro era o único monarca presente, na verdade o único chefe de Estado estrangeiro. No dizer do jornal norte-americano, “embora ande com chapéu de palha e guarda-chuva e com a única preocupação de ver Sherman e Longfellow, é de fato um príncipe de sangue azul”.<sup>80</sup> A imagem que transmitia causava simpatia nos cidadãos norte-americanos, inclusive nos representantes da República, que “queriam a homenagem de um autêntico monarca”.<sup>81</sup>

Aberta a exposição, partiu em direção a Nova Orleans, onde conversou com especialistas sobre métodos de controle da febre amarela, sendo eles adaptados ao Brasil.<sup>82</sup> De Nova Orleans atravessou mais uma vez o país, então do sul para o norte e demorou-se em Boston a fim de, entre outros interesses, encontrar amigos intelectuais, tais como Henry Longfellow, a viúva do naturalista Louis Agassiz e o poeta John Whittier. Antes de deixar Boston, visitou algumas instituições e em uma delas, a Escola Municipal dos Surdos-Mudos, conheceu “um jovem professor que lhe expôs, com modéstia e um certo embaraço, uma

---

<sup>78</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 164.

<sup>79</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 25.

<sup>80</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 166.

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> Idem. P. 167.

invenção sua sobre a audição por meios artificiais. Chamava-se Alexandre Graham Bell”.<sup>83</sup>

No dia 20 de junho o Monarca encontrava-se novamente na Filadélfia, mas desta vez com mais tempo para visitar a exposição, explorando então cada pavilhão. No dia 25 teve outro encontro com Graham Bell, reconhecendo-o do encontro na escola de surdos-mudos de Boston. Nessa ocasião o Imperador conheceu sua invenção, desenvolvida “como parte da tentativa de melhorar a audição dos alunos dele”.<sup>84</sup> D. Pedro II ficou surpreso com a capacidade do invento e o teria elogiado, afirmando que assim que estivesse disponível, com certeza o Brasil seria um dos primeiros a comprá-lo.

No dia quatro de julho assistiu à festa da independência, retornando a Nova York no dia seguinte, a fim de dar continuidade ao roteiro de viagem. Segundo José Murilo de Carvalho:

O *gran finale* da viagem foi uma sessão da American Geographical Society, realizada em sua homenagem. [...] a sala estava cheia e o monarca foi recebido com estrepitosos aplausos. O juiz Dally abriu os trabalhos dizendo não se lembrar de ter havido na história um chefe de Estado que se apresentasse como simples protetor do estudo e da ciência, sendo ele próprio um erudito e um investigador científico.<sup>85</sup>

Após o elogioso discurso, a sessão foi encerrada com a eleição do governante para membro da Sociedade.

No dia doze do mesmo mês, os viajantes tomaram o vapor *Russia* em direção à Europa. Diferentemente da primeira excursão, nessa passagem pelo continente houve a ampliação do roteiro de viagem, sendo acrescidos locais que anteriormente não estiveram na programação, tais como Rússia, Terra Santa, Escandinávia e Grécia. Mais uma vez a Condessa de Barral e o Conde de Gobineau acompanharam o Monarca em grande parte do percurso.

Durante um curto período o Imperador se estabeleceu em Gastein, onde a esposa fez um tratamento de saúde baseado na utilização das águas, consideradas medicinais.<sup>86</sup> A Imperatriz permaneceu em Gastein e D. Pedro seguiu para Copenhague, Estocolmo, Finlândia e Petersburgo, onde em uma de suas visitas,

<sup>83</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 239.

<sup>84</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 168.

<sup>85</sup> Idem. P. 168 e 169.

<sup>86</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 242.

mais especificamente ao museu *Tsarkoye Selo*, “ao sair, quebrava pela primeira vez nessa viagem, o incógnito com que se cobria, assinando no livro dos visitantes – *Dom Pedro II*” (*Grifo do autor*).<sup>87</sup>

No dia cinco de setembro Gobineau se juntou à comitiva e acompanhou o Soberano pela Rússia. Logo chegaram à Grécia, que não esteve no roteiro da primeira viagem devido à falta de tempo. De acordo com Lilia Schwarcz: “Recebido como um monarca tropical, d. Pedro estupefazia ao portar-se como um imperador civilizado”.<sup>88</sup>

A viagem à Grécia encantou o Imperador, que teve a oportunidade de conhecê-la por aproximadamente dois meses, partindo em novembro de 1876 para o Oriente Médio, “onde encontram, novamente, a imperatriz e sua comitiva, que incluía a condessa de Barral”. Após suas excursões pelo Oriente, D. Pedro II retornou à Europa em janeiro de 1877, passando por Roma, onde visitou o papa Pio IX; Tívoli, onde esteve no Palácio Villa d’Este; Viena e Milão, mas onde se deteve por mais tempo foi em Paris, aí permanecendo dois meses. De acordo com Schwarcz, em Paris o Monarca foi “recebido como um rei de um país remoto” e surpreendeu por sua “atitude democrática, pelas frases de efeito que pronuncia e pelos encontros com intelectuais: Quatrefages, Renan, Pasteur e sobretudo Vitor Hugo”.<sup>89</sup>

O encontro com Vitor Hugo ocorreu devido à insistência imperial. O intelectual e poeta, quando indagado se o visitaria, afirmou que não. Contudo, Pedro de Alcântara não se contentou com a resposta e foi à casa do então senador, onde foi recebido e levado ao interior da residência, finalmente encontrando-o. Após certo tempo de conversação, D. Pedro pediu uma foto do poeta e em contrapartida, lhe ofereceu a sua.<sup>90</sup>

Acreditamos que a simplicidade e a ausência de cerimônia, por parte do governante brasileiro, surpreendia e impactava todos que o conheciam. O uso constante da casaca e da gravata preta, utilizadas no dia-a-dia e também em cerimônias oficiais, escandalizava e causava espanto, como ocorreu durante um concerto na corte inglesa. Em relação ao vestuário imperial, um jornal londrino escreveu:

<sup>87</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 244.

<sup>88</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 378.

<sup>89</sup> Idem.

<sup>90</sup> Idem.

Parece estranho, dizia, hoje em dia, que um Imperador possa viajar sem trazer uniforme para as festas de gala, e é absolutamente inacreditável que Sua Majestade Imperial não tenha podido munir-se, em toda Londres, de uma gravata branca.<sup>91</sup>

Após conhecer os Estados Unidos e a Grécia, e visitar mais detidamente a Europa, era hora de retornar ao Brasil. Após um ano e meio de ausência, D. Pedro II regressou no dia 26 de setembro de 1877.

Como vimos, ao retornar de sua primeira viagem ao exterior, o Monarca demonstrou desinteresse e cansaço com as funções de governante. Com efeito, tal desinteresse permaneceu quando de sua volta em 1877 e “o imperador mais parecia um estrangeiro em terras próprias. Quase como espectador, observava os movimentos políticos – em especial o crescimento do Partido Republicano e do abolicionismo”.<sup>92</sup>

Dessa forma, podemos perceber um distanciamento do Imperador em relação ao aparelho estatal e até mesmo em relação aos seus súditos, uma vez que uma série de rituais foram abandonados, como por exemplo, o beija-mão e o uso dos trajes reais, usados a partir de então, apenas em ocasiões solenes, como por exemplo, durante as Falas do Trono. Notamos assim, que o espetáculo de apresentação do Monarca ao seu povo e que a todos encantava, minguou-se ao longo dos anos 1870 e 1880.

Em 1883, Karl von Koseritz registrou a falta de pompa e etiqueta da corte brasileira, criticando “a pobreza da indumentária imperial, a decadência dos palácios [...], o mau estado das carruagens”, afirmando ainda que os desfiles imperiais não mais fascinavam.<sup>93</sup>

Apesar das críticas direcionadas ao Imperador e ao regime monárquico, D. Pedro II continuou sendo um homem bem quisto pela população e merecedor de respeito, como podemos notar nos relatos de Koseritz: “respeito o homem, como todo cidadão honrado deve respeitá-lo, porque ele é um senhor de grande coração,

---

<sup>91</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 259.

<sup>92</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 410.

<sup>93</sup> Idem. P. 410 e 411.

amigo e benfeitor de seus semelhantes, que afasta de si qualquer luxo, para minorar a miséria alheia”.<sup>94</sup>

Ao abandonar cerimoniais ritualísticos e festas, o Monarca renunciou também a “uma série de valores caros à realeza enquanto sistema”.<sup>95</sup> As festas e os cerimoniais possuíam um caráter não apenas de comemoração: “Estamos falando aqui da importância simbólica na manutenção do poder político”.<sup>96</sup> Utilizando-se de estudos realizados por Clifford Geertz, Schwarcz afirmou que: “As aparições públicas de d. Pedro II, seja nos cortejos reais, seja nas procissões, convertiam-se em demarcações territoriais e vinculavam sua imagem à própria representação do Império”.<sup>97</sup>

Sendo assim, ao afastar-se dos negócios de Estado e das aparições públicas, o Imperador aparentava não mais se preocupar com os anseios, e por que não, com os costumes de seu povo: “A pompa, a majestade, o aparato todo da realeza entrava assim para mim nos artifícios necessários para governar e satisfazer a *imaginação das massas*” (*Grifo do autor*).<sup>98</sup>

Enfim, “Ao descuidar de sua imagem, d. Pedro deixava mais evidentes as fragilidades reais da monarquia, até então vinculada à estabilidade do Estado”.<sup>99</sup> É importante ressaltar ainda, que as fragilidades da Monarquia não estavam relacionadas apenas ao afastamento imperial, mas também à postura favorável de D. Pedro II quanto ao fim da escravidão no país. O apoio à abolição, mesmo que gradual, recebeu a desaprovação de quase todos os membros da elite senhorial e dessa forma, “quebrara-se, a partir da lei de 1871, a aliança do império com esses setores e a monarquia começava a enfraquecer”.<sup>100</sup>

A terceira viagem ao exterior ocorreu em 1887, momento este que, além das relações entre o Monarca e a elite senhorial estarem arranhadas, “a questão militar se acirrara, os republicanos produziam cada vez mais barulho, e o Imperador estava bastante doente”, sofrendo então de diabetes aproximadamente há quatro anos.<sup>101</sup>

<sup>94</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 412.

<sup>95</sup> Idem. P. 414.

<sup>96</sup> Idem. P. 415.

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> Idem. P. 416.

<sup>101</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 27.

Desde o início do ano de 1887 o estado de saúde de D. Pedro II estava fragilizado e como não apresentou melhoras, os médicos Mota Maia e Conselheiro Alvarenga chegaram à conclusão de que seria melhor o Monarca receber tratamento médico na Europa.

Aprovada a viagem, partiram ao lado do Imperador, no dia 30 de junho, a Imperatriz, o neto D. Pedro Augusto de Saxe, Mota-Maia com a família, o Visconde e a Viscondessa de Carapebús, Visconde de Nioac com seu filho, o Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos e Seybold, professor de línguas orientais.<sup>102</sup>

Os viajantes aportaram em Lisboa em 15 de julho e logo seguiram para Paris, onde chegaram no dia 20. D. Pedro II e D. Teresa Cristina hospedaram-se no Grande Hotel, no entanto, os aposentos estavam reservados apenas a partir do dia 22 e assim sendo, pela primeira vez o Monarca aceitou hospedar-se na casa de um particular, tratava-se de seu companheiro de viagem, o Visconde de Nioac.<sup>103</sup>

Mesmo com a saúde fragilizada, logo que chegou a Paris pôs-se a visitar associações científicas, bibliotecas e museus. Durante sua permanência no Grande Hotel, recebeu a “visita dos sábios”, termo usado por Heitor Lyra. Intelectuais admirados pelo Imperador, como por exemplo, Pasteur, Quatrefages, Liais e Ambroise, aproveitaram a ocasião e o visitaram.<sup>104</sup>

Como o objetivo da viagem era o tratamento de saúde do Monarca, logo os médicos solicitados por Mota-Maia se reuniram e atestaram que sua saúde encontrava-se estabilizada: “Fora do ambiente de trabalho como monarca e da pressão dos opositores, a saúde melhorou rapidamente”.<sup>105</sup> Reunidos os médicos responsáveis, todos concordaram que o melhor para o Imperador seria ir a Baden-Baden, Alemanha, a fim de descansar e se curar “com aplicações de duchas, massagens e ginástica”.<sup>106</sup>

A estadia em Baden-Baden durou dois meses e aí lhe fizeram companhia o imperador Guilherme I, da Alemanha e o rei Leopoldo II, da Bélgica, que também estavam em tratamento de cura pelas águas.<sup>107</sup>

---

<sup>102</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 27.

<sup>103</sup> Idem. P. 28.

<sup>104</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 56.

<sup>105</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 28.

<sup>106</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 57.

<sup>107</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 28; & LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 58.

Reestabelecido, D. Pedro II deixou a localidade e acompanhado pela Imperatriz seguiu para Coburgo, onde visitaram o túmulo da princesa Leopoldina e rezaram uma missa em sua memória. De Coburgo foram até Bruxelas, aí demorando-se apenas três dias e seguindo até Paris, “onde permaneceu durante 21 dias, retoma suas atividades de visita a exposições, teatros, institutos de pesquisa e ciência e personalidades, não aceitando nenhuma cerimônia oficial. No dia 28 de outubro, partem para mais uma temporada de repouso, agora, em Cannes”.<sup>108</sup>

O casal passou todo o inverno em Cannes e apesar da aspiração do Imperador em ir até o Egito, não recebeu permissão dos médicos e foi obrigado a permanecer em Cannes durante seis meses. Chegada a primavera de 1888, a comitiva se deslocou para a Itália, onde visitaram Gênova, Nápoles – terra natal da Imperatriz –, Pompéia, Capri e Florença. Nessa cidade, acompanhado pelas rainhas da Inglaterra e da Sérvia, D. Pedro II assistiu à inauguração da tela *A Proclamação da Independência*, do pintor Pedro Américo.

De Florença os viajantes foram para Bolonha, chegando no dia 23 de abril e seguindo posteriormente para Veneza e Milão. No dia 29 chegaram em Milão e o restante desse dia, assim como o próximo, foi reservado para descanso. Nos dois primeiros dias do mês de maio o Monarca passeou pela cidade e assistiu a uma ópera e a um concerto, além de ter recebido visitas. Infelizmente sua saúde apresentou uma recaída no dia três de maio e “durante duas semanas fica entre a vida e a morte e é assistido por uma junta médica comandada por Charcot”.<sup>109</sup>

No dia 13 de maio, dia em que foi promulgada a Lei Áurea no Brasil, D. Pedro teve uma melhora, mas o seu estado de saúde se agravou novamente no dia 22. Segundo a Imperatriz, foram momentos de intenso desespero e de receio pela vida de seu esposo.<sup>110</sup> Após o susto, finalmente o Imperador apresentou melhoras efetivas e o tratamento recebeu continuidade em Aix-les-Bains, na França. A viagem até a localidade foi feita sobre uma maca, mas logo o Soberano se recuperou completamente.

D. Pedro II permaneceu na cidade por dois meses e nesse período, além de se tratar, ocupou o tempo com passeios e leituras leves, nada que pudesse agitar excessivamente seu ânimo. Devido à melhora do seu quadro de saúde, Mota-Maia

---

<sup>108</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 28.

<sup>109</sup> Idem. P. 29.

<sup>110</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 2. P. 62.

começou a organizar a volta para casa. Assim sendo, a três de agosto de 1888 o Monarca viajou até Bourdéis e no dia cinco já embarcava de volta para o Brasil, passando então por Lisboa e Dakar, na África.

Enfim, a chegada ao Rio de Janeiro se deu no dia 22 de agosto e D. Pedro II foi “recebido com grande festa popular”.<sup>111</sup>

As viagens internacionais realizaram o desejo do Monarca de percorrer o mundo até então conhecido apenas através de suas leituras, possibilitaram a ele encontrar-se com intelectuais e cientistas tão admirados. Era durante essas excursões que ele se apresentava como o cidadão Pedro de Alcântara, desfrutando da liberdade de não ter, por um breve momento, que atuar como governante do Brasil. Enquanto esteve no exterior, o Imperador pôde “dedicar-se ao que lhe causava prazer, viajar, conhecer lugares novos, encontrar pessoas importantes na ciência e nas artes”.<sup>112</sup>

Diferentemente dessas viagens, as excursões realizadas pelo interior do Brasil tinham função e caráter essencialmente político. Nessas ocasiões quem se apresentava era o Imperador do Brasil, D. Pedro II e ao se deslocar pelo país, ele buscava manter e fortalecer a unidade nacional, assim como conhecer seu país politicamente.

Acreditamos que as primeiras viagens realizadas pelo Monarca, datadas das décadas de 1840 e 1850, visavam a consolidação territorial, política e cultural do Império, que sofria uma série de revoltas nesse contexto.<sup>113</sup> Apesar de sobressaírem as viagens de cunho político, para João Ricardo Ferreira Pires, D. Pedro II também efetuou viagens a passeio, “como as feitas para Petrópolis ou para a região das águas termais do sul de Minas – e há várias outras protocolares ou administrativas para inaugurar estradas de ferro e outras obras”.<sup>114</sup>

Ainda de acordo com João Ricardo, as viagens pelo Brasil tinham caráter mais público que privado, uma vez que para sua realização “os gastos ficavam divididos entre o governo central, o governo provincial, as câmaras e particulares”.<sup>115</sup>

---

<sup>111</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 29.

<sup>112</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 157.

<sup>113</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 21.

<sup>114</sup> Idem. P. 21 e 22.

<sup>115</sup> Idem. P. 22.



Uma característica que marcou todas as viagens imperiais, foi a presença de uma comissão nomeada pelo Imperador, sendo ela geralmente composta pela Imperatriz e sua dama de companhia, um ou mais ministros, médicos pessoais e políticos.<sup>116</sup> No entanto, o número final de componentes do séquito não ficava definido, uma vez que durante o percurso novos integrantes a ele se anexavam.

Com o Monarca viajavam também os rituais monárquicos e alguns cerimoniais, como por exemplo, os programas municipais e provinciais para a realização da festa de recepção ao governante.<sup>117</sup> Um programa de recepção era organizado e enviado às províncias que seriam visitadas, sendo sua função divulgá-lo. No que diz respeito às Câmaras, era de sua responsabilidade a publicação de editais de como a recepção aos viajantes deveria ocorrer, sempre prevendo “ruas ornadas com flores, casas iluminadas, festejos religiosos e civis”,<sup>118</sup> bandas de música, além de solicitar à população que estivesse devidamente vestida para a recepção.

É importante ressaltar que não apenas as cidades visitadas pelo Imperador se organizavam para bem recebê-lo, mas também a Corte se preparava de forma festiva e até mesmo grandiloquente, quando de seu retorno.<sup>119</sup>

Como D. Pedro II não era um admirador de sessões solenes e oficiais – apesar de sempre ser convidado a participar delas e muitas vezes não ter como se ausentar –, ele ocupava seu tempo visitando e fiscalizando instituições e edifícios públicos, tais como: casa de órfãos, igrejas, seminários, Santa Casa de Misericórdia, Câmara Municipal, cadeia, asilos, bibliotecas municipais e escolas, onde assistia às aulas e indagava alunos e professores.

Esse costume tornou-se uma marca registrada, assim como seu caderno de anotações. Onde quer que fosse, o diário o acompanhava e nele escrevia sobre diferentes temas, por exemplo, sobre a geografia das províncias, sobre suas atividades econômicas e sobre os hábitos e feições dos senhores locais.

A primeira viagem de D. Pedro II como imperador do Brasil ocorreu em agosto de 1845, quando partiu da corte para visitar o sul do país:

---

<sup>116</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 31.

<sup>117</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 358.

<sup>118</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 31.

<sup>119</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 358.

Há muito, aliás, que alguns dos nossos políticos sentiam a necessidade de o Imperador visitar algumas das nossas principais Províncias. O país era grande. O Soberano ia-se fazendo maior. Tornava-se portanto mister que ele conhecesse algumas regiões do Império, tão distantes e tão divorciadas umas das outras. Seria o melhor processo de identificá-lo com a Nação, fazer-se melhor conhecido, dando-lhe, por outro lado, uma ideia exata da Pátria e da unidade nacional.<sup>120</sup>

As províncias visitadas pelo Monarca foram São Paulo e Rio Grande do Sul, onde a Revolta Farroupilha, com duração de dez anos, havia chegado ao fim no dia primeiro de março do mesmo ano.<sup>121</sup> Segundo José Murilo de Carvalho, o alvo principal dessa viagem era a província sul-rio-grandense, “onde o Império acabara de selar as pazes com os líderes da Revolta Farroupilha, reintegrando o Rio Grande à comunhão brasileira”.<sup>122</sup>

Ainda de acordo com José Murilo, a excursão possivelmente teria sido uma orientação de Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, o pacificador da revolta.<sup>123</sup>

A comitiva permaneceu no Rio Grande do Sul até fevereiro de 1846, quando enfim, seguiu para São Paulo, chegando em Santos no dia 19. Como a ausência dos Monarcas prolongava-se, começaram a surgir críticas sobre a demora do retorno, contudo, as críticas não recaíram sobre D. Pedro II, então um rapaz de apenas 20 anos de idade, mas sim sobre seus conselheiros constitucionais e principalmente, sobre o Ministro do Império, conselheiro José Carlos de Almeida Torres, posteriormente, segundo Visconde de Macaé.<sup>124</sup> Finalmente, em 26 de abril Suas Majestades chegaram à Corte.

Já em 1847, o Soberano iniciou uma nova viagem, dessa vez pela própria província do Rio de Janeiro, visitando a cidade de Campos e o Vale do Paraíba, onde, respectivamente, a produção de açúcar e a plantação de café eram consideráveis. Na ocasião, muitos títulos nobiliárquicos foram distribuídos, o Imperador e a Imperatriz se hospedaram nas casas dos grandes fazendeiros da região e foram recebidos com festas luxuosas: “Os senhores de engenho e

---

<sup>120</sup> LYRA, Heitor. *História de D. Pedro II, 1825-1891 – Ascensão / 1825 - 1870*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977. Volume 1. P. 140.

<sup>121</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007.

<sup>122</sup> Idem. P. 138.

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 1. P. 144 e 145.

fazendeiros de café esmeraram-se em exibir sua riqueza e hospitalidade, oferecendo ao casal imperial recepções de luxo e grandes bailes”.<sup>125</sup>

Após quase dez anos sem se ausentar da Corte, D. Pedro II voltou a viajar em 1859 e 1860, quando visitou as províncias do Norte: Paraíba, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

No final da década de 1850, com a relativa tranquilidade interna e o recesso parlamentar, pôde, enfim, dar início à viagem, que teve a duração de quatro meses. Na Fala do Trono de 1859, o Monarca declarou que: “Para melhor conhecer as Províncias do meu Império, cujos melhoramentos morais e materiais são o alvo de meus constantes desejos e dos esforços do meu Governo, decidi viajar às que ficam ao Norte da do Rio de Janeiro”.<sup>126</sup> Nessa excursão foi acompanhado por D. Teresa Cristina, Luís Pedreira do Couto Ferraz, o camarista Visconde de Sapucaí, o conselheiro Visconde de Bom Retiro, pelo mordomo Paulo Barbosa, um médico e um padre.<sup>127</sup>

Mesmo sendo uma viagem oficial, o Imperador fez questão que as despesas de todos os integrantes da comitiva fossem “pagas pela mordomia da Casa Imperial, que teve de levantar um empréstimo de sessenta contos de réis junto à firma Antônio José Alves Souto e Cia”.<sup>128</sup>

Ao se deslocar pelo Império, D. Pedro II sempre levava consigo um diário, no qual anotava suas observações sobre os locais visitados e na viagem ao nordeste não seria diferente. O diário escrito durante o passeio foi publicado posteriormente como livro e intitulado *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859*.<sup>129</sup>

De acordo com José Murilo de Carvalho e João Ricardo Ferreira Pires, como o de costume, o Monarca visitou cadeias, câmaras municipais, hospitais, asilos, igrejas e colégios, fazendo apontamentos sobre cada estabelecimento. Nas escolas, assistia às aulas e examinava o conhecimento dos alunos através de testes e perguntas, em instituições de caridade fazia doações do próprio bolso.<sup>130</sup> João Ricardo ressaltou ainda, que o Imperador apontou em seu diário os aspectos

<sup>125</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 138.

<sup>126</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 1. P. 200.

<sup>127</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 138 e 139; & LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 1. P. 200.

<sup>128</sup> CARVALHO. Op. cit. P. 139.

<sup>129</sup> LACOMBE, Américo Lourenço Masset (Org.). *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859*. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2003.

<sup>130</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007; & PIRES. Op. cit. 2007.

naturais das províncias, as atividades econômicas e os hábitos dos senhores locais.<sup>131</sup>

Em todas as localidades por onde passavam, os visitantes eram recebidos festivamente pela população, que organizava verdadeiros espetáculos, com bandas de música, fogos de artifício, bailes, jantares e cerimônias religiosas. De acordo com José Murilo de Carvalho, a recepção feita em Salvador foi triunfal: “Centenas de embarcações, navios, saveiros, escaleres, canoas, receberam os visitantes na baía de Todos os Santos”.<sup>132</sup>

Após percorrer o Recôncavo Baiano, D. Pedro retornou a Salvador e distribuiu a “mais importante moeda simbólica das monarquias, avidamente disputada pela elite baiana: títulos nobiliárquicos, comendas, ordens honoríficas”.<sup>133</sup> De Salvador foi até Pernambuco, onde permaneceu um mês, e então seguiu para a Paraíba e para o Sul, passando por Alagoas, Sergipe, novamente Bahia e Espírito Santo.<sup>134</sup> Também nessas províncias houve a preparação de festivas recepções.

Do Espírito Santo o séquito retornou para a Corte, chegando no dia 11 de fevereiro de 1860. Pouco mais de um ano depois, o Monarca iniciou uma nova jornada, seguindo para Juiz de Fora na companhia de muitas pessoas, tais como: a Imperatriz e as princesas, o Conselheiro e Ministro da Justiça, Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato, o gentil homem da semana, o tenente-general Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, o veador Barão de Tamandaré, o guarda-roupa José Carlos Mayrink, o Dr. José Pereira Rego, as damas da imperatriz e das princesas.<sup>135</sup> Todos ficaram hospedados no palacete do comendador Mariano Procópio Ferreira Lage, idealizador da Rodovia União e Indústria. A residência localizava-se em Rio Novo, a três quilômetros de Paraibuna, futuramente as duas localidades foram anexadas e então denominadas Juiz de Fora.<sup>136</sup>

O Imperador dirigiu-se à cidade no dia 23 de junho de 1861, a fim de participar da inauguração da primeira estrada de rodagem do país, inaugurada

---

<sup>131</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 35.

<sup>132</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 139.

<sup>133</sup> Idem. P. 140.

<sup>134</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 1. P. 206.

<sup>135</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco. *As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX*. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002. P. 16.

<sup>136</sup> Idem.

nesse mesmo dia. A Rodovia União e Indústria “chegou a Juiz de Fora, representando a primeira estrada macadamizada do país, encurtando a distância com a Corte e servindo, por assim dizer, ao mesmo propósito”.<sup>137</sup> Com a rodovia, o acesso da região à Corte foi facilitado e o escoamento da produção cafeeira se tornou mais eficaz. Após cinco dias desde a sua chegada, Suas Altezas voltaram para a corte.

Em 1878, visitou a província de São Paulo, em 1880 o Paraná e em 1881, 1882, 1885 e 1889, Minas Gerais.<sup>138</sup>

A partir da exposição das viagens imperiais pelo país, observamos que o seu sentido era político. Assim sendo, notamos que D. Pedro II se apresentava como o representante da nação, como o responsável pela unidade nacional e não como Pedro de Alcântara, o cidadão comum que se apresentava ao Velho Mundo.

Antes de começarmos a discorrer sobre as viagens à província de Minas Gerais, consideramos importante esclarecer que a década de 1880 foi considerada o período de declínio do Império brasileiro e através das leituras realizadas, percebemos que nessa conjuntura, as críticas a D. Pedro II e à Monarquia, ganharam espaço na imprensa e conseqüentemente, nas ruas. Desde os anos 1870 o Imperador era caricaturado pelas folhas impressas, que destacavam seu distanciamento dos assuntos políticos e até mesmo das festividades do Império. O objetivo das publicações era evidenciar dessa forma, o desinteresse imperial pelos costumes de seu próprio país, enquanto ansiava em melhor conhecer os países do Velho Mundo:

De fato, tais caricaturas e uma série de escândalos públicos que começam a acontecer evidenciam a maior fragilidade da figura pública do monarca, que, tendo se afastado da representação divina, convencia pouco como “monarca-cidadão” e menos ainda como o grande mecenas do romantismo brasileiro.<sup>139</sup>

Antes mesmo do início dos anos 1880, um evento abalou a imagem imperial perante a população carioca, tratava-se da denominada Revolta do Vintém. No final de 1879 e início de 1880, a Corte foi marcada por grande

---

<sup>137</sup> GENOVEZ. Op. cit. 2002. P. 10.

<sup>138</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007; & PIRES. Op. cit. 2007.

<sup>139</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 423.

movimentação popular no campo político, uma vez que a população uniu forças contra o imposto que aumentava em um vintém a tarifa dos bondes.<sup>140</sup>

O imposto de um vintém sobre as tarifas foi aprovado e segundo Ronaldo Pereira de Jesus:

foi instituído pelo Ministro da Fazenda [*Afonso Celso de Assis Figueiredo, futuro visconde de Ouro Preto*] como medida de contenção do déficit orçamentário da coroa, anunciado no dia 13 de dezembro de 1879 e marcado para entrar em vigor em 1º de janeiro de 1880. Consistia na cobrança da taxa de um vintém (\$020 réis) sobre o valor das passagens dos bondes que circulavam na cidade do Rio de Janeiro (*Grifo nosso*).<sup>141</sup>

No dia 28 de dezembro de 1879, antes da data marcada para a cobrança entrar em vigor, uma multidão acompanhada por republicanos, como Lopes Trovão e José do Patrocínio, se reuniu no Campo de São Cristóvão, com o objetivo de entregar uma petição solicitando ao Soberano a revogação da lei. Contudo, um grupo policial instalado à frente do Palácio da Boa Vista impediu o acesso da população ao Monarca, que pouco depois “mandou, então, mensagem a Lopes Trovão dizendo que receberia uma delegação dos manifestantes”.<sup>142</sup>

Com a população já dispersa, não houve a criação de uma delegação e Lopes Trovão agiu “buscando explorar o mais possível a reação negativa ao comportamento da polícia”, e ao que a população acreditava se tratar de uma recusa do Imperador em recebê-los.<sup>143</sup> Até então a atuação da multidão tinha sido apenas uma demonstração de insatisfação, não havendo, portanto, sinal de violência. Porém, a manifestação adquiriu um caráter mais violento nos dias seguintes, principalmente no primeiro dia de legalização da taxa.

No dia primeiro de janeiro de 1880, o imposto entrou em vigor e resultou descontentamento popular, protestos e ameaças de não pagamento da taxa. O momento era de críticas por parte dos republicanos, que através de seus discursos e da imprensa, acusavam o governo imperial de ter permitido a violência contra

---

<sup>140</sup> Sobre a Revolta do Vintém, ver: CARVALHO. Op. cit. 2007; MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Ed. UDV: editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Edur), 2007; & JESUS, Ronaldo Pereira de. *Visões da Monarquia: escravos, operários e abolicionismo na corte*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

<sup>141</sup> JESUS. Op. cit. 2009. P. 124.

<sup>142</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 175-176.

<sup>143</sup> Idem. P. 176.

seu próprio povo.<sup>144</sup> No artigo “*Nova fase?*”, a assertiva era a de “que o governo agora ataca ‘o verdadeiro povo’ e que ‘o usurpador, que se fingia de pai, confessasse inimigo’. E declara: ‘a monarquia já não ilude ninguém’”.<sup>145</sup>

Nesse momento:

A exaltação popular ultrapassou qualquer expectativa. O povo aplaudia freneticamente oradores anti-monarquistas como Ferreira de Menezes, Ferro Cardoso, Lopes Trovão, José do Patrocínio e o tenente Carvalho, vivendo mais entusiasticamente os discursos mais radicais.<sup>146</sup>

A ação popular fugiu ao controle da força policial e uma situação geral de vandalismo e violência teve início – bondes quebrados, agressão aos motoristas, aos passageiros e até mesmo a animais de tração, trilhos arrancados, construção de barricadas, assaltos, e, além disso, a ridicularização do Imperador em cantigas populares –, ocasionando um embate direto entre a população e os responsáveis pela ordem pública, resultando em muitos feridos e algumas mortes.<sup>147</sup>

O clima de violência, depredação e resistência popular em decorrência do imposto persistiu nos dias seguintes, chegando ao fim em quatro de janeiro, quando a lei foi finalmente revogada. “O desgaste foi muito grande para o ministério”, mas com certeza o foi também para D. Pedro II, que “observou que em quarenta anos de reinado não fora usada força contra o povo”, até aquele momento.<sup>148</sup> Não apenas a ação contra o povo foi inusitada: “Pela primeira vez, a imagem do monarca era vaiada em praça pública”.<sup>149</sup>

Durante a Revolta do Vintém, integrantes do movimento republicano incitaram e influenciaram a ação popular contra o Monarca, uma vez que o “Republicanismo e o radicalismo avançavam”,<sup>150</sup> e almejavam conquistar para si o apoio dessa parcela da população:

Desde o anúncio do novo imposto, mobilizações de protesto foram encabeçadas por publicistas e políticos, especialmente os

---

<sup>144</sup> MELLO. Op. cit. 2007.

<sup>145</sup> Idem. P. 26

<sup>146</sup> Idem. P. 24 e 25.

<sup>147</sup> Ver: MELLO. Op. cit. 2007. P. 24-26; & JESUS. Op. cit. 2009. P. 123-138.

<sup>148</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 176-177.

<sup>149</sup> DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. P. 213.

<sup>150</sup> Idem.

republicanos, [...], que tentavam capitalizar a favor de seus objetivos políticos e ideológicos o descontentamento generalizado da população mais humilde da corte.<sup>151</sup>

Para a coligação republicana e a imprensa partidária, a revolta estava relacionada à oposição popular em relação ao Imperador e ao governo: “publicistas e políticos antimonarquistas atribuíam as causas da Revolta do Vintém à impopularidade do regime imperial e ao desgaste da imagem de D. Pedro II entre a maior parte da população da cidade do Rio de Janeiro”.<sup>152</sup>

Entretanto, o desempenho popular na Revolta do Vintém não pode ser justificado apenas como influência republicana, mas também como resposta popular à interferência governamental:

A fragmentação social tinha como contrapartida a alienação quase completa da população em relação ao sistema político que não lhe abria espaços. *Havia, no entanto, uma espécie de pacto informal, de entendimento implícito, sobre o que constituía legítima interferência do governo na vida das pessoas.* Quando parecia à população que os limites tinham sido ultrapassados, ela reagia por conta própria, por via da ação direta (*Grifo do autor*).<sup>153</sup>

Sendo assim, acreditamos que a Revolta marcou o início de uma fase de maior participação popular na vida política do país:

a Revolta do Vintém constituiria um importante marco histórico, demarcando rupturas significativas, tanto no sentido mais geral do exercício do poder político quanto na atuação dos atores sociais envolvidos nas instâncias decisórias do Estado monárquico. Pois, em plena manifestação de protesto, os moradores urbanos da corte, mesmo estando em certa medida afastados das instâncias partidárias, teriam assim se convertido numa ‘fonte de poder até então nunca utilizada’, capaz de transformar a ‘violência da rua’ em parte integrante da ‘equação política’ e ‘arrastar a política das salas do parlamento para as praças da cidade’, promovendo o colapso da cultura política dominante vigente até 1880.<sup>154</sup>

---

<sup>151</sup> JESUS. Op. cit. 2009. P. 124.

<sup>152</sup> Idem. P. 135.

<sup>153</sup> Idem. P. 132.

<sup>154</sup> Idem. P. 123-124.



Segundo Maria Tereza Chaves de Mello: “A Revolta do Vintém produziu um considerável desgaste na imagem do regime e do imperador”.<sup>155</sup>

À progressiva desafeição ao regime somaram-se, além do desgaste em decorrência da Revolta, críticas provenientes das sociedades carnavalescas, que: “Já no final do século XIX”, quase todas “eram abolicionistas e republicanas”.<sup>156</sup>

Desde a década de 1860 as sociedades carnavalescas começaram a se destacar, não apenas por sua participação na festividade, mas também por apresentarem críticas políticas durante os desfiles. No carnaval de 1881, por exemplo, tanto a Sociedade Carnavalesca Democráticos, quanto a dos Fenianos, fizeram através de seus carros alegóricos, uma apresentação onde relacionaram o Monarca à mancha da escravidão:

Cumprindo seus propósitos de abolir o cativo por todos os meios e modos válidos, os Fenianos [...], entre os carros de alegoria e de crítica [...] incluíram no préstito um intitulado A Mancha de Júpiter, onde a figura do imperador era apresentada como maculada pelo escravagismo.<sup>157</sup>

O interessante é notar que por onde os carros passavam, conquistavam grande sucesso entre as pessoas que assistiam ao espetáculo.

Foi sob duras críticas que D. Pedro II partiu em direção à província de Minas Gerais em 1881.

---

<sup>155</sup> MELLO. Op. cit. 2007. P. 174.

<sup>156</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 423.

<sup>157</sup> Idem.

## **CAPÍTULO 2**

---

---



## Capítulo 2 – Viagem a Minas Gerais: da Corte a Ouro Preto

A província de Minas Gerais recebeu em 1881 a visita do Imperador do Brasil, que prestigiou os mineiros com sua presença em dois momentos distintos nesse ano, primeiramente, entre os meses de março e abril, e posteriormente, em fins de agosto. No que diz respeito à excursão efetuada no primeiro semestre, periódicos da província e da Corte fizeram a cobertura da viagem, o mesmo não aconteceu em agosto, quando apenas jornais locais realizaram a cobertura da viagem.

A população das cidades por onde o Soberano ia passar encontrava-se polvorosa e ao mesmo tempo ansiava por melhorias na província e na localidade. Através das correspondências enviadas por D. Pedro II, à filha e à Condessa de Barral, é possível notar que ele também encontrava-se na expectativa de visitar a província. No dia nove de março de 1881, em carta à princesa Isabel, escreveu que a viagem a Minas Gerais “há de ser muito interessante”.<sup>158</sup> Em correspondência de 25 de março, afirmou novamente que a excursão seria interessante e desta vez mencionou sucintamente a programação: “Amanhã às seis horas da manhã parto para Minas. Há de ser interessante a viagem. Mineração, navegação do Rio das Velhas que ligam o interior de Minas ao Rio de Janeiro com a de S. Francisco e depois com as outras províncias”,<sup>159</sup> na mesma carta, citou ainda que iria até Santa Luzia, onde

o Dr. Lund até encontrou um crâneo nesse estado. Estarei de volta a 30 de Abril ou 1º de Maio. Passamos de 4ª até domingo de Páscoa em Mariana onde assistiremos aos ofícios da semana. Creio que o movimento me fará bem apesar de ser por montes e vales com sofríveis caldeirões.<sup>160</sup>

Essa carta foi escrita um dia antes de partir em direção a Minas Gerais e todos os preparativos encontravam-se concluídos. Como o de costume, o Monarca não viajou sozinho, sendo acompanhado por D. Teresa Cristina e sua dama de

---

<sup>158</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Pedro II a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial* (manuscritas). Fundo: XXXIX-1-22; 1881; Documentos: 24. Carta de 09 de Março de 1881.

<sup>159</sup> Idem. Carta de 25 de Março de 1881.

<sup>160</sup> Idem.

companhia, D. Maria Cândida de Araújo Vianna de Figueiredo<sup>161</sup>, pelos senhores Ministro da Marinha, conselheiro José Rodrigues de Lima Duarte; Dr. Antônio Teixeira da Rocha, Barão de Maceió; e pelo conselheiro José Caetano de Andrade Pinto.<sup>162</sup> Além dos integrantes mencionados acima, três repórteres da Corte também integraram a comitiva, sendo eles: Júlio de Vasconcelos, correspondente do *Cruzeiro*, José Tinoco, do *Jornal do Comércio* e José Carlos de Carvalho, da *Revista Ilustrada* e *Gazeta de Notícias*.<sup>163</sup> Representantes da imprensa mineira também acompanharam o Imperador, dentre eles, estiveram em Ouro Preto os repórteres “Srs. J. C. de O. Vargas e Dr. Agostinho Correia, dignos representantes, aquele da *Gazeta de Barbacena*, e este da imprensa de Juiz de Fora”.<sup>164</sup>

O roteiro a ser seguido seria o seguinte:

SS. MM. Imperiais pretendem visitar, na sua excursão à província de Minas Gerais, os seguintes pontos: Queluz, Ouro Preto, Lagoa Santa, Morro Velho, Sabará, Santa Luzia, Mariana, São João Del Rei, São João Nepomuceno, donde seguirá a visitar a estrada de ferro Leopoldina e a do Pirapetinga.<sup>165</sup>

Inicialmente a viagem foi feita de trem, este contendo compartimentos com camas e até mesmo um salão, possivelmente onde os passageiros faziam as refeições.<sup>166</sup>

A visita à província de Minas Gerais foi encetada no dia 26 de março de 1881, com partida da estação de São Cristóvão às seis horas da manhã. O Monarca foi acompanhado pelos conselheiros José Antônio Saraiva, Manuel Pinto de Sousa Dantas e Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, e pelo presidente da província do Rio de Janeiro, Martinho Álvares da Silva Campos.

O trem chegou à Estação de Belém (Estação Japeri) às setes horas da manhã e dez minutos, tendo percorrido 61 quilômetros em pouco mais de uma hora. Em Belém:

<sup>161</sup> Filha do falecido Marquês de Sapucaí, Cândido José de Araújo Viana.

<sup>162</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 31 de Março de 1881. P. 4; & *A Atualidade*. Ouro Preto, 19 de Março de 1881. P. 6.

<sup>163</sup> CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 141.

<sup>164</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 10 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>165</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 19 de Março de 1881. P. 6.

<sup>166</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Março de 1881. P. 3.

S. M. o Imperador, acompanhado do Sr. Presidente do conselho e demais membros do gabinete, encaminhou-se para o buffet, onde não aceitou senão uma xícara de café. Nos dez minutos de demora que teve ali o trem, conservou-se Sua Majestade na plataforma, conversando com o Sr. Presidente da província do Rio de Janeiro sobre o estado econômico dessa província e seu desenvolvimento. S. M. a Imperatriz conservou-se no trem, acompanhada de sua dama.<sup>167</sup>

Aproximadamente às oito horas da manhã e 30 minutos, a locomotiva chegou à Barra do Piraí e a “estação estava tapetada de folhagens”.<sup>168</sup> Os viajantes almoçaram na cidade e aí permaneceram por quase uma hora. Após o almoço o presidente da província do Rio de Janeiro, juntamente com os Ministros da Justiça e do Império, se despediu de todos e retornou para a Corte.

Dando continuidade à viagem, a comitiva fez uma rápida parada em Entre Rios, às onze horas da manhã e 15 minutos, passando posteriormente pela Estação de Cedofeita, já em Minas Gerais, sendo a próxima parada na cidade de Juiz de Fora, cuja estação havia sido preparada para recepcionar Suas Majestades Imperiais e seus acompanhantes:

No Juiz de Fora, na estação revestida de galas, havia numeroso concurso de pessoas gradas e senhoras, que receberam com vivas e ovações os Augustos Hóspedes. O *lunch*, que havia sido preparado, não foi aceito para não retardar o desembarque em Barbacena à hora marcada.<sup>169</sup>

Logo após o lanche a comitiva partiu de Juiz de Fora e deu prosseguimento à viagem, chegando a Barbacena pouco depois das 16 horas:

Às 16 e oito minutos S. S. M. M. chegaram à estação de Barbacena, onde o entusiasmo e as saudações foram esplendidíssimas. As corporações estavam representadas, e entre elas distinguiam-se a câmara municipal e a comissão nomeada pela presidência para receber os Augustos Viajantes. [...] Um piquete de cavalaria formava a guarda.<sup>170</sup>

---

<sup>167</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Março de 1881. P. 3.

<sup>168</sup> *Idem*.

<sup>169</sup> *Idem*.

<sup>170</sup> *Idem*.

A comissão nomeada para receber D. Pedro II foi enviada pelo presidente da província de Minas Gerais, Dr. José Francisco Neto, Barão de Coromandel. A comissão foi formada pelo chefe de polícia da província, Carlos Honório Benedito Ottoni e outros funcionários da instituição, que se dirigiram à cidade com a finalidade de receber o casal monárquico e oferecer seus serviços:

Deu sinal de aproximar-se a festa a partida da comissão nomeada para receber SS. MM. Imperiais em Barbacena. Foram, entre outros, o Dr. Camilo, pela secretaria, o coronel Magalhães, pela renascida G. N., o Sr. Adeodato, pela tesouraria, o tenente coronel Zé Bento, pelo correio [...], o Dr. Barbosa pela instrução, o Dr. Serrano, pela saúde pública, e todos sob o comando do Exm. Dr. chefe de polícia.<sup>171</sup>

D. Pedro II achou desnecessário e até mesmo imprudente tantos funcionários ficarem afastados de seu ofício para recebê-lo e, assim sendo, recomendou que a comissão retornasse aos seus postos em Ouro Preto:

Supunha-se que a referida comissão viria por aí galharda escoltando SS. MM., mas eis senão quando começam a chegar por partes os comissionados, *antes de tempo* e cada um recolhendo-se pela calada e muito murcho ao “ninho seu paterno”, cheio de tristezas n’alma, tristezas de patriótico imperialismo! Por quê? Dispensara-os o rei, *a bem do serviço público*, da longa ausência fora de seus postos, que inúteis seriam se de tão preclaros cidadãos não houvesse mister. Alguns dos ilustres itinerantes, como o Dr. Camilo, não chegaram sequer a ver as faces imperiais. Foram a Roma e não viram o Papa. Cavaquearam com o *fiasco* tremebundo e vieram ... e vieram (fique isto em reserva por enquanto) quase ... republicanos! Mais de um deles disse no lutuoso regresso e ao ver os preparativos das festas: “muito bonito, muito bonito! Mas o *homem* não merece nada” (*Grifo do autor*)!<sup>172</sup>

Apesar do desagrado dos comissionados, a única alternativa que lhes restou foi regressar à capital mineira e ao contrário do que esperavam, retornaram sem o Monarca ao seu lado.

Em Barbacena, Suas Majestades Imperiais ficaram hospedadas no palacete do presidente da Câmara dos Deputados, Dr. Camilo Maria Ferreira Armond, o Visconde de Prados. O percurso até a residência foi feito de pália pela Imperatriz

<sup>171</sup> A *Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>172</sup> *Idem*.

e de carro pelo Imperador, que não seguiu no mesmo transporte que sua esposa por afirmar ser desnecessário, pois não era a primeira vez que visitava a cidade. Além de limpas, as ruas foram ornamentadas com arcos, bandeirolas, galhardetes e luzes: “Durante a noite a iluminação produzia um efeito deslumbrante e sobressaíam as bandas de música, que tocavam em um coreto e percorriam as ruas”.<sup>173</sup>

Das 19 horas até às 21 horas, D. Pedro II recebeu alguns visitantes<sup>174</sup>, dentre eles:

a comissão composta dos Drs. Carlos Honório Benedito Ottoni, Camilo Augusto Maria de Brito, Antônio Joaquim Barbosa da Silva, coronéis João José de Magalhães, Zeferino Antônio Ferreira, José Bento Soares, e o vereador da câmara da capital, Luiz da Silva Quintaes Junior, sendo relator da mesma comissão o Dr. Ottoni, chefe de polícia da província.<sup>175</sup>

Após a recepção o Imperador se recolheu, a fim de descansar para dar continuidade à programação do dia seguinte, 27 de março, posto que sairia às sete horas da manhã, rumo ao Monte Mário, onde chegou às sete horas e 35 minutos.

---

<sup>173</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Março de 1881. P. 3.

<sup>174</sup> BEDIAGA, Begonha. *Diário de D. Pedro II a Minas Gerais em 1881*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. CD-Room. P. 71.

<sup>175</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Março de 1881. P. 3.



Figura 1: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 243, 1881. P. 8.

Segundo o correspondente da *Revista Ilustrada*, ele e a Imperatriz não fizeram parte da excursão,<sup>176</sup> no entanto, na caricatura publicada pela *Revista*, o representou, assim como o fez no que diz respeito à D. Teresa Cristina. De acordo com a legenda da gravura, o grupo foi composto pelas seguintes pessoas:

1: Liteira com a Imperatriz; 2: Imperador; 3: Barão de Maceió e Andrade Pinto; 4: Pedro Luiz e Carvalho; 5: Barão Nogueira da Gama e Coronel da Guarda Nacional (pai de Lafayette; atrás deste, vem um preto, ordenança do Coronel, um tipão! Traja sobrecasaca de algodão branco, calça azul e chapéu alto de oleado. Está muito cheio de si porque só ele e o Imperador é que trazem chapéu alto); 6: Buarque e Juiz de Direito; 7: Ferreira Paiva Capitão do piquete; 8: Piquete de dez soldados do 1º regimento; 9: Banguê com a Dama; 10: Três cavaleiros e alguns caipiras a pé.<sup>177</sup>

Ainda sobre o passeio, o correspondente fez alguns adendos referentes à gravura já apresentada:

<sup>176</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 243. 1881. P. 7.

<sup>177</sup> *Idem*. P. 8.





Notas: Imperador – cavalo escuro pequeno. S. M. é o único que traz chapéu alto. Andrade Pinto em cavalo que deu pra dançar – Trazia guarda-chuva debaixo do braço com todo o rigor de inglês (cabo para traz). O outro sou eu. Buarque, único que fez a excursão de chapéu de sol aberto. O coronel – chapéu armado de oleado com pluma. Farda azul curtinha, calças brancas curtas. Sapatos e esporas muito compridas. Homem magro muito feio – regula 70 anos. O ordenança do Coronel. O piquete de cavalaria e seu capitão.<sup>178</sup>

Após o passeio ao Monte Mário, o Monarca retornou à cidade e deu continuidade aos compromissos, estando presente às onze horas da manhã na Santa Casa de Misericórdia, onde foi celebrada uma missa conventual. Na sua opinião o estabelecimento não se encontrava em boas condições. Atendendo a um convite feito no dia anterior pelos membros da Câmara Municipal, assistiu também ao assentamento da pedra fundamental de uma penitenciária e elogiou o discurso do presidente da Câmara, Dr. Carlos Pereira de Sá Fortes: “Discurso curto e bem feito”.<sup>179</sup>

Após o assentamento da pedra, o Imperador dedicou-se a conhecer o espaço destinado à educação, visitando as aulas de ambos os sexos. Considerou as condições do estabelecimento medianas e quanto ao ensino, sua opinião foi negativa: “Não gostei em geral do adiantamento na instrução, sobretudo religiosa”.<sup>180</sup>

Durante a visita à Câmara Municipal, D. Pedro II observou que o secretário não guardava os padrões métricos com o devido cuidado e, além disso, não soube informar as condições financeiras da Câmara no que dizia respeito ao encanamento de água na cidade. Ao vistoriar a cadeia, o Monarca a considerou ruim, com livros mal escriturados, ressaltando ainda, que o carcereiro era

<sup>178</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 243. 1881. P. 8.

<sup>179</sup> VIANNA, Hélio. *Diário da Viagem do Imperador a Minas*. 1881. In: *Anuário do Museu Imperial*. Volume XVIII. Ministério da Educação e Cultura: Petrópolis, 1957. P. 72.

<sup>180</sup> *Idem*.

praticamente inválido.<sup>181</sup> Durante a tarde visitou o escritório das obras da estrada de ferro, considerando-o em ordem.

Às 17 horas e 30 minutos foi servido o jantar e posteriormente houve recepção, que teve duração até às 21 horas. Durante a recepção uma peça teatral foi apresentada e de acordo com as anotações no diário de viagem, a apresentação foi “muito ruim”.<sup>182</sup> Após concluir os compromissos sociais, o Monarca tomou um chá e foi se deitar aproximadamente à meia noite.

No dia 28 de março, segunda-feira, às seis horas e 15 minutos a comitiva partiu de Barbacena em direção a Ouro Preto, e a partir daí a viagem foi feita em liteira, pelas damas, e a cavalo, pelos homens. Durante o percurso o governante observou tudo a sua volta, descrevendo em seu diário a formação das nuvens, o estado das estradas e o que poderia ser feito para melhorá-las, ressaltando também, que exceto em raros locais, não viu nenhuma cultura de plantação.

A tarde o séquito chegou ao sítio do coronel Gentil José de Castro, que segundo o Imperador: “Parece inteligente. É empresário da navegação do Jequitinhonha de Canavieiras a Pannels e de estrada de ferro ao largo das cachoeiras, continuando a navegação até Araçuaí”.<sup>183</sup> Após o jantar, D. Pedro II foi até o alto de um morro em frente à casa e analisou a paisagem.<sup>184</sup>

Na terça-feira, dia 29 de março, às seis horas da manhã a comitiva partiu em direção a Carandaí, lugarejo de “bastantes casas e uma capelinha no morro”.<sup>185</sup> Durante o percurso o Imperador conversou com algumas pessoas, sempre indagando sobre criações, pastos e plantações, além disso, a observação e análise do trajeto eram constantes.

Quando os viajantes encontravam-se a caminho de Queluz, o Monarca caiu de seu cavalo, mas felizmente não se machucou. Segundo o correspondente da *Revista Ilustrada*, quando a “montaria do imperante deu ainda com o poder moderador em terra”,<sup>186</sup> todos ficaram sérios, menos ele, que por ter julgado a cena engraçada e ao mesmo tempo, sem riscos para o bem estar do Soberano,

---

<sup>181</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 72.

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> Idem. P. 73.

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 3.

acabou dando risadas. Sobre o ocorrido, a *Revista* publicou: “S. M. é feliz, cai de costas e não quebra o nariz”.<sup>187</sup>

De acordo com D. Pedro II: “Às 11 ao montar soltou-se a mola do estribo e caí; pôs-se outro. O chapéu de sol embarçou-se nos ramos de uma árvore, o cavalo algum tanto arisco empinou-se, porém pude segurar-me bem. Contudo passei para uma besta”.<sup>188</sup>



Figura 2: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 245, 1881. P. 5.

Os viajantes fizeram uma parada e apenas depois de reestabelecidos do susto, retomaram o caminho: “o imperador tornou a montar, tratando d’esta vez de melhor se segurar, e parece que usou do processo a S. Jorge, pois não deu mais nem uma queda – até a capital”.<sup>189</sup>

Como alguns trechos da estrada estavam em situação precária, houve dificuldade de transportar as liteiras, sendo necessário realizar algumas paradas. Durante a viagem D. Pedro II conversou bastante com o coronel Antônio

<sup>187</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 3.

<sup>188</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 74.

<sup>189</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 245, 1881. P. 4 e 5.

Rodrigues Pereira, futuramente Barão de Pouso Alegre, proprietário de terras na região e na própria Queluz.

Pouco antes do séquito alcançar a cidade, foram ao seu encontro mais de 100 cavaleiros e a entrada na localidade se deu por volta das 15 horas e 25 minutos: “A cidade de Queluz recebeu SS. MM. II. com o maior júbilo. Entusiasmo indescritível, grandes ovações, fogos, músicas etc. A cidade deu aos Augustos Viajantes as mais solenes provas de contentamento”.<sup>190</sup>

Já instalado, o Imperador descansou um pouco e conversou com a família de Washington Rodrigues Pereira, filho do coronel Antônio, saindo logo em seguida para o estabelecimento educacional, onde preferiu a aula de meninos à de meninas. Em seguida esteve na cadeia e apesar de ter considerado o edifício bom, atentou para sua necessidade de melhorias internas, além disso, afirmou que no local “falta quase tudo, não tendo os soldados da polícia nem baionetas nem sabres-baionetas”.<sup>191</sup> D. Pedro II também inspecionou a Câmara Municipal, notando que a beleza da fachada não condizia com o restante do prédio. O Monarca não fez críticas, apenas salientou que “puseram as armas do Brasil dentro do antigo escudo português que quiseram aproveitar”.<sup>192</sup>

Antes de retornar à residência onde estava hospedado, assistiu a um Te Deum na igreja matriz e afirmou ter sido sofrível. Quando em casa, ouviu moda de viola e elogiou o músico: “O rapaz tocou bem a viola e melhor violão”.<sup>193</sup> Após o movimentado dia, Sua Majestade Imperial recolheu-se depois das 21 horas.

Às seis horas do dia 30 de março a comitiva partiu de Queluz. Nessa manhã, pela primeira vez, desde o início da viagem, o Monarca viu uma mulher que chamou sua atenção, chegando até mesmo a descrevê-la no diário: “Encosta[da] a uma tranqueira estava uma linda rapariga [ilegível] com sua saia e camisa revelando formas elegantes. Dava-lhe muita graça o lenço branco de pontas pendentes atado na cabeça” (*Grifo nosso*).<sup>194</sup>

Antes de chegar a Ouro Branco, o séquito fez uma parada na casa do senhor Manoel Alves Dutra, no local denominado Varginha. Segundo a *Revista Ilustrada*, aí se reuniram os inconfidentes:

<sup>190</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 29 de Março de 1881. P. 6.

<sup>191</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 74.

<sup>192</sup> Idem.

<sup>193</sup> Idem.

<sup>194</sup> Idem. P. 75.

De Queluz para Ouro Preto paramos a imperatriz, eu e o imperador n'uma velha casa, onde vimos os bancos e a velha mesa histórica, em torno da qual se fizeram as conferências dos inconfidentes. A mesa e os bancos de maçaranduba, são toscos, mas firmes, sólidos, inquebráveis como os corações d'aqueles móveis sagrados... D'ali arrancaram Tiradentes para santificá-lo na forca, a nós, arrancou-nos o ponteiro do relógio imperial, para seguirmos para Ouro Preto. E continuamos.<sup>195</sup>

A permanência na casa foi interrompida pela conhecida “pressa” de D. Pedro II em seguir viagem. Atravessada a ponte do ribeirão da Varginha e percorrendo um pouco mais, os ilustres viajantes chegaram aos arredores do arraial de Ouro Branco, indo diretamente para a casa de Bruno Von Sperling, engenheiro do primeiro distrito de Obras Públicas da província.<sup>196</sup> Pelo caminho o séquito era aguardado por uma comissão vinda de Ouro Preto, entre os integrantes encontrava-se Claude Henri Gorceix, diretor da Escola de Minas de Ouro Preto. O Imperador observou que: “Gorceix já está um verdadeiro mineiro e fala corretamente o português”.<sup>197</sup>

Após o almoço, às onze horas partiram rumo a Ouro Preto, passando pelo arraial de Ouro Branco. Até a chegada à capital, Gorceix e o Monarca seguiram conversando sobre geologia e mineralogia: “Gorceix ia-me mostrando as diversas rochas quase todas de xistos micáceos”.<sup>198</sup> No alto da serra de Ouro Branco a comitiva foi surpreendida por fortes trovoadas: “apanhamos um furioso temporal”, e devido às chuvas, “Os caminhos estão em tal estado, que sou obrigado a andar em posições bastante estrambólicas”.<sup>199</sup>

Referindo-se ao vestuário de D. Pedro durante a excursão, a *Revista Ilustrada* publicou: “Ele agora veste assim: chapéu desabado, perneiras até as virilhas, grande sobrecasaca, sem esporas, chapéu de sol sempre aberto e montado n'um burrinho pequeno”.<sup>200</sup>

<sup>195</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 3.

<sup>196</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 75.

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 8.

<sup>200</sup> Idem.



Figura 3: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 8.

Para D. Pedro II: “A descida da serra de Ouro Branco é mais pitoresca do que a subida”.<sup>201</sup> Afirmou também que: “A subida até o Itatiaia com penhascos é muito pitoresca. O caminho para lá do alto também agradou-me bastante”.<sup>202</sup>

Na descida da serra, alguns cavaleiros foram ao encontro do Monarca, visando acompanhá-lo até a capital da província, onde chegaram às 17 horas e 30 minutos. Assim que avistou a cidade, o Imperador ficou fascinado pela paisagem: “Ouro Preto cuja vista encantou-me. Apareceu-me na imaginação como Edimburgo”.<sup>203</sup>

Para a recepção de Suas Majestades Imperiais, o caminho que levava até o palácio dos governadores havia sido inteiramente ornamentado:

<sup>201</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 75.

<sup>202</sup> Idem. P. 76.

<sup>203</sup> Idem.

Ataviada de galas – flores silvestres das montanhas – a velha capital mineira exulta de prazer! Exultando com ela, na expansão irresistível do sentimento vivaz, sejam nossas primeiras palavras uma saudação sincera àqueles que n'esta hora festiva atraem todas as vistas, agitam todas as almas, despertam todos os entusiasmos: Viva Suas Majestades Imperiais!<sup>204</sup>

Desde o momento que adentrou na cidade, D. Pedro II foi recebido festivamente pela população:

Quebrando a monotonia de seu viver costumeiro e na expansão dos patrióticos sentimentos que a agitam, a capital de Minas sente-se realmente alegre pela honrosa visita dos augustos imperantes. As espontâneas saudações com que, em coro unísono, os recebeu e recebem o povo por toda a parte, provam assaz, melhor do que os festejos oficiais no seu pretenso aparato, o amor e o respeito público para com o excelso Monarca e a virtuosíssima e querida imperatriz.<sup>205</sup>

Apesar dos esforços da população ouro-pretana, as reformas empreendidas para a recepção da comitiva não foram concluídas a tempo:

Como o Imperador fez uma viagem quase de surpresa e dela chegou a notícia a esta capital *apenas* nove meses antes, muita coisa ficou inacabada. As obras do jardim da praça, por exemplo, estavam apenas em meio, apesar da grande azafama que com elas se fez. Foi uma vergonha! As pirâmides da rua Direita ficaram sem iluminação e como elas os arcos.<sup>206</sup>

Mesmo assim, a população estava em festa e aguardava ansiosamente para conhecer o Monarca e sua consorte. Todas as ruas por onde a comitiva passou ficaram repletas de gente e conseqüentemente, a carruagem que levava o Imperador e a Imperatriz enfrentou grande dificuldade para se locomover até o palácio: “A caleça custou-lhe a subir por estas ruas de aspecto tão original, e temia que se pisasse alguém pois havia imenso povo e cordialíssimo acolhimento”.<sup>207</sup>

Suas Majestades ficaram hospedadas no Palácio do Governo – atual sede da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto – e aí encontraram-se com o vice-presidente da província, então presidente em exercício, o já

<sup>204</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 31 de Março de 1881. P. 1.

<sup>205</sup> *Idem*.

<sup>206</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>207</sup> VIANNA. *Op. cit.* 1957. P. 76.

mencionado Dr. Francisco Netto, com o bispo de Mariana, D. Antônio Correia de Sá e Benevides, e com “a câmara municipal, autoridades civis, judiciárias e militares, muitas senhoras”.<sup>208</sup> Também ficaram hospedados no palácio

a Exm. Sra. D. Maria Cândida de Araújo Vianna de Figueiredo, dama de S. M. a Imperatriz, o veador, Exm. Conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, o camarista, Exm. Barão de Nogueira da Gama e o médico, Exm. Barão de Maceió.<sup>209</sup>

De acordo com D. Pedro II: “O palácio é de construção muito característica. Parece uma fortaleza e até tem guaritas. Defronte levanta-se a bela cadeia, cuja iluminação de copos de cores e luz elétrica logo que anoiteceu era lindíssima”.<sup>210</sup>

Os outros membros da comitiva ficaram hospedados em locais diversos:

Em casa do tenente coronel Domingos de Magalhães, o Exm. Conselheiro Dr. José Rodrigues de Lima Duarte e o representante do *Jornal do Comércio* o Sr. J. Tinoco. Os representantes do *Cruzeiro*, Júlio de Vasconcelos, da *Gazeta de Notícias*, José Carlos de Carvalho e da *Gazeta de Barbacena*, o Sr. Vargas, hospedaram-se em casa do Sr. tenente coronel Carlos Gabriel Andrade, e o Dr. Agostinho Corrêa, representante da imprensa do Juiz de Fora em casa do Sr. Dr. Camilo de Brito.<sup>211</sup>

A ornamentação preparada ajudou a enriquecer a festa de recepção aos ilustres visitantes:

A geral e bela iluminação da cidade, fogos artificiais, embandeiramento e ornatos das casas e ruas concorreram para o brilhantismo da festa, cuja melhor expressão no entanto estava na cordialidade do prazer público e no vivo entusiasmo que a todos animava.<sup>212</sup>

Logo após a chegada ao palácio, foi servido o jantar e após o Monarca receber visitas das 19 às 21 horas: “Começaram então os fogos de artifício e

<sup>208</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 02 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>209</sup> *Idem*.

<sup>210</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 76.

<sup>211</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 02 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>212</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 03 de abril de 1881. P. 1.



iluminações esplêndidas”.<sup>213</sup> Depois de tão festiva acolhida, o Imperador recolheu-se em seus aposentos.

No início da manhã do dia 31 de março, o Monarca tomou banho em um banheiro de pedra nos fundos do palácio e às sete horas e 30 minutos saiu para um passeio pela cidade, entrando na Igreja do Carmo, onde observou a beleza de um lavatório de pedra um pouco azulada, presente na sacristia: “Trata-se do famoso lavabo da sacristia da igreja de Nossa Senhora do Carmo, obra atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho*”.<sup>214</sup> O Imperador elogiou a obra do artista:

Carmo onde disseram-me que o lavatório era obra do Aleijadinho e já com chuva de trovoada a S. Francisco de Assis cuja escultura do Santo em êxtase sobre a porta, púlpitos – principalmente o baixo relevo da tempestade do lago de Tiberíade – e figuras do teto da capela-mor – tudo obra do Aleijadinho – são notáveis. O teto do corpo da igreja foi pintado pelo tenente-coronel Ataíde [...]. Não pensava que fosse capaz de tanto, pois a pintura revela bastante talento no grupamento das figuras”.<sup>215</sup>

Posteriormente, visitou a Igreja Matriz do Pilar e conversou com o padre Joaquim José de Santana, vigário de Ouro Preto. Às nove horas e 30 minutos foi até a Escola de Minas, onde à sua entrada foi construído um arco do triunfo para comemorar a visita de D. Pedro II, que escreveu em seu diário: “Arco original com forma de martinete e instrumentos de mineiro”.<sup>216</sup>

A *Revista Ilustrada* publicou em suas páginas um desenho do arco. Consideramos importante reproduzi-lo aqui, mas atentamos para o fato de que a folha inseria tanto nas matérias, quanto nas caricaturas, características sarcásticas:

---

<sup>213</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 02 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>214</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 76.

<sup>215</sup> Idem. P. 77.

<sup>216</sup> Idem.



Figura 4: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 8.

Segundo a legenda disponível na mesma edição do periódico, o arco do triunfo representou, de acordo com a numeração exposta no desenho:

1: Cilindro da máquina a vapor que toca o martelo; 2: Picaretas e martelos; 3: Bateiras de apurar ouro; 4: Brocas de aço usadas nas minas; 5: Pirâmides de ferro oligisto; 6: Botijões de ácido sulfúrico, clorídrico, azótico, etc. Este arco representa um martelo-pilão empregado nas oficinas metalúrgicas para o puxamento do ferro.<sup>217</sup>

Durante sua permanência no estabelecimento, D. Pedro II percorreu por todo o prédio: “Percorri a escola que parece-me muito bem montada”<sup>218</sup>, e assistiu a uma lição ministrada por Gorceix, que convidou dois alunos – Luís Barbosa da Silva e Francisco de Paula –<sup>219</sup> para reconhecerem, mediante a presença do

<sup>217</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 8.

<sup>218</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 77.

<sup>219</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 10 de abril de 1881. P. 1.

Imperador, algumas rochas que estavam sobre a mesa, “mostrando ambos sobretudo Barbosa muita aptidão”.<sup>220</sup>

Às dez horas e 30 minutos retornou ao palácio, almoçou e a tarde foi novamente à Igreja Matriz, onde foi celebrado um Te Deum em comemoração à chegada na cidade: “A música não foi muito ruim. O cônego Ottoni pregou bem embora metesse alguma literatura profana no sermão”.<sup>221</sup>

Dando continuidade ao passeio, D. Pedro II dirigiu-se à Igreja do Rosário, “que só se distingue por sua arquitetura externa”.<sup>222</sup> Seguiu então para o prédio da polícia e aí observou a falta de estatística criminal e de legislação desde o ano de 1878. Em seguida foi à Casa da Câmara e afirmou: “é a melhor que tenho visto em minhas viagens. Reparei somente que não guardam com cuidado os padrões de pesos e medidas”.<sup>223</sup>

O jantar foi servido às 17 horas e a noite assistiu uma apresentação de Henri Gorceix sobre as riquezas minerais da província:

honraram eles com sua presença a conferência que fez no salão da assembleia provincial o Sr. Dr. H. Gorceix, com assistência de avultadíssimo número de espectadores que aplaudiram devidamente o conferente ao concluir seu discurso.<sup>224</sup>

Os apontamentos feitos pelo diretor da Escola de Minas foram elogiados pelo Imperador: “Gostei de ouvir a exposição de ideias tão civilizadoras a 80 léguas do Rio de Janeiro de onde felizmente já começou a irradiar-se o progresso a todo o Brasil”.<sup>225</sup> Após a conferência recebeu visitantes até às 21 horas, conversando, sobretudo, com Quintiliano José da Silva, desembargador e ex-presidente da província, e com o juiz de direito José Inácio Gomes Guimarães.

Desde Barbacena Suas Majestades Imperiais perguntavam sobre o poeta e romancista Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, demonstrando visível interesse em conhecê-lo. Mesmo não sendo um homem afeito a pompas e honrarias, o poeta encontrou-se com o Monarca no palácio:

---

<sup>220</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 77.

<sup>221</sup> Idem.

<sup>222</sup> Idem.

<sup>223</sup> Idem.

<sup>224</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 03 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>225</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 77.

B. Guimarães nunca teve a menor [*in*]tenção de ir à presença do monarca, nem isso jamais lhe passou pela cabeça; mas, alguns parentes e amigos o informaram de que o Imperador e a Imperatriz haviam durante a viagem por vezes pronunciado seu nome com muita consideração, [...]. De feito no dia seguinte ao da chegada do Imperador, à noite, B. Guimarães apresentou-se em palácio na intenção de felicitar Suas Majestades, e retirar-se. Nesta noite a sala estava cheia e as recepções eram feitas sem a menor etiqueta, confusamente, e no meio de algum sussurro. Os desembargadores, e uma comissão da assembleia provincial, já se tinham apresentado, e o Imperador os tinha recebido e despachado mais familiarmente do que solenemente. Chegou a vez de B. Guimarães. O Imperador o reconheceu logo: apertou-lhe a mão, e após algumas palavras que ninguém ouviu, pois que ninguém prestava atenção, ele disse ao poeta em voz alta: – Quero que me dê suas obras, e todas.<sup>226</sup>

Após as recepções D. Pedro II se recolheu e dedicou parte de seu tempo à leitura de alguns jornais do Rio de Janeiro publicados até a data de 29 de março, notando que: “Já deviam ter chegado os de 30 se o correio é diário como anunciaram e preveniu-me o Buarque” – conselheiro Manuel Buarque de Macedo.<sup>227</sup>

Ainda no dia 31 de março, um discurso em homenagem à Suas Majestades Imperiais foi proferido pelo padre e deputado à Assembleia Legislativa Provincial, o Sr. Benedito Ottoni.<sup>228</sup> A folha conservadora de Ouro Preto, *A Província de Minas*, publicou o que afirmou ser uma carta de um cidadão ouro-pretano sobre o discurso proferido, no entanto, acreditamos se tratar mais de uma crítica da própria folha:

Este monarquismo de ocasião contaminou a grei inteira. Ah Luzias! Luzias! Quem vos viu e que vos vê! Não escapou do patriótico contágio nem o Revd.º P.º Ottoni, que fez profissão de fé republicana ainda o ano passado na assembleia, e a quem coube tecer o panegírico de suas majestades e da dinastia.<sup>229</sup>

No dia seguinte, primeiro de abril, como de costume D. Pedro II levantou-se bem cedo e às seis horas tomou banho, e então leu até às sete horas. Logo depois visitou o edifício onde funcionava a cadeia e na sua opinião, o prédio havia sido bem construído, no entanto, as prisões inferiores não eram de qualidade: “as

<sup>226</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 22 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>227</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 78.

<sup>228</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 09 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>229</sup> *O Arauto de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

prisões inferiores, sobretudo uma de galés, verdadeira enxovia; não me agradaram”.<sup>230</sup> No que diz respeito aos livros, constatou que eles estavam em ordem e ainda fez questão de ressaltar em seu diário que aulas eram ministradas aos presidiários, atentando para o fato de que “o ensino não é obrigatório”.<sup>231</sup> Ao conversar com os detentos, disse-lhes para enviarem suas petições, quando as houvesse, à presidência.

Às nove horas, novamente na Escola de Minas, assistiu a uma lição do professor de exploração de minas e metalurgia da Escola de Minas, o engenheiro de minas Armand de Bovet. O Monarca examinou as coleções de diamantes, ouro, ferro e grafite, escrevendo com um pedaço deste a seguinte frase: “Muito me tem agradado a Escola de Minas criada por Mr. Gorceix – 1º de abril de 1881 – Pedro II”.<sup>232</sup>

Após o almoço tornou a sair, mas, diferentemente das outras vezes, partiu a cavalo. Visitou o liceu, gostando das respostas dos alunos interrogados, não gostou da aula primária, com alunos de ambos os sexos. Já na escola normal, fez menção apenas ao fato de que a casinha era bonita e a professora lhe pareceu inteligente.<sup>233</sup> As normalistas cantaram um hino, escrito por Bernardo Guimarães, em homenagem à visita do Soberano.

Durante a tarde visitou também a biblioteca provincial – elogiando-a por conter boas obras em seu acervo, “porém em geral já antigas e faltando as periódicas em dia”<sup>234</sup> – e a tesouraria da fazenda, instaladas no mesmo edifício.

Ao chegar à tesouraria, acompanhado pelos senhores José Rodrigues de Lima Duarte, Barão de Maceió e Barão Nogueira da Gama, foi recebido “por todos os empregados da tesouraria, que em corporação o acompanharam ao andar superior em direção à sala das sessões da junta de fazenda”.<sup>235</sup> Enquanto permaneceu no estabelecimento, lhe foi apresentado

um livro ricamente encadernado em veludo verde, no qual achava-se lançada uma ata comemorativa da Imperial Visita, S. M. dignou-se de acolher com visível satisfação o pedido de assiná-la, que lhe fizera o inspetor; e recebendo das mãos do

<sup>230</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 78.

<sup>231</sup> Idem.

<sup>232</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 10 de abril de 1881. P. 1.

<sup>233</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 78.

<sup>234</sup> Idem.

<sup>235</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 09 de Abril de 1881. P. 2.

barão Nogueira da Gama uma lindíssima pena de ouro, assinou-se, e depois de S. M. o Sr. ministro da marinha e mais pessoas presentes.<sup>236</sup>

Após o ato solene, o inspetor convidou D. Pedro II para percorrer a repartição, levando-o até a sala onde ficavam o tesoureiro e o caixa:

S. M. interrogou ao inspetor sobre o estado da escrituração, e ao tesoureiro sobre o do cofre, examinando detidamente o livro caixa, e a escrituração do tesoureiro. Findo o exame, dirigiu-se o Imperador à seção do contencioso, onde procurou informar-se do procurador fiscal sobre o movimento do serviço ao cargo da mesma seção.<sup>237</sup>

Ao se retirar do edifício, seguiu para a Casa dos Contos, considerando-a bem construída. No mesmo estabelecimento funcionava o correio, que de acordo com os apontamentos do Imperador, encontrava-se mal acomodado:

No correio o ilustre administrador só pôde responder a uma das perguntas de S. M., aquela em que lhe indagava se tinha na repartição mapa postal. – “Sim, Majestade, ei-lo aqui”. E apontou triunfante para a carta geográfica do Gerber... S. M. sorriu-se, era um sorriso de tristeza.<sup>238</sup>

A casa de Marília de Dirceu, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, também foi visitada, assim como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Antônio Dias, onde estavam os restos mortais de Aleijadinho. Através das páginas do diário do Imperador, percebemos que ele visitou também a Igreja de São Francisco de Paula e em suas anotações, ressaltou a bela paisagem que de lá se tinha da cidade. Além de apreciar a beleza do local, D. Pedro também “apreciou a elegância do templo e a bela posição, em que está colocado, lembrando a ideia de serem envernizados e não pintados os altares em construção”.<sup>239</sup>

Por fim, visitou o quartel de polícia – criticando o fato de os soldados não dormirem no estabelecimento, mas sim em casa de parentes – e o Hospital da Misericórdia, o qual considerou pequeno e mal situado, mas bem cuidado.<sup>240</sup>

<sup>236</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 09 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>237</sup> *Idem*.

<sup>238</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>239</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 07 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>240</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 79.

Ao retornar ao palácio o jantar foi servido e novamente o Monarca recebeu visitas, tendo entregue

três cartas de alforria a três mulheres por intermédio do monsenhor José Augusto e do cura Santana, e soube que a baronesa [*de Camargos, D. Maria Leonor Teixeira de Magalhães*] que veio com a família alforriou seus escravos que têm servido na liteira da imperatriz (*Grifo nosso*).<sup>241</sup>

Além da Baronesa de Camargos, outros membros da elite local libertaram seus escravos:

Dando pública prova de seu regozijo pela visita imperial a Ouro Preto, algumas pessoas gradas concederam cartas de liberdade a escravos, atos meritórios que são dos melhores para a comemoração entre nós de sucessos importantes e festivos. [...] Informam-nos também que, ainda para assinalar a visita imperial a Ouro Preto, foram libertados mais três escravos: um pela Exm.<sup>a</sup> e digna família Magalhães, e dois pelo prestante cidadão o Sr. coronel José Egydio da Silva Campos. Todas as cartas de liberdade, segundo nos comunicam, foram entregues aos libertos por Suas Majestades Imperiais.<sup>242</sup>

Na manhã de sábado, dois de abril, às seis horas o Imperador retirou-se do palácio e seguiu para a Igreja de Antônio Dias e em seguida, sem nenhuma companhia, foi ao antigo Jardim Botânico: “Bela vista para o lado da cidade ao aproximar-se do antigo Jardim Botânico”, “Lá fui eu. Abandonado”.<sup>243</sup>

Ao retornar do seu passeio, D. Pedro II, acompanhado de sua comitiva, retirou-se da capital e deu prosseguimento à excursão, sendo a próxima parada em Cachoeira do Campo.

---

<sup>241</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 79.

<sup>242</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 03 de abril de 1881. P. 1.

<sup>243</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 79.

# **CAPÍTULO 3**

---

---

A decorative graphic element consisting of two vertical lines of varying lengths. The shorter line is on the left and the taller line is on the right. They intersect with the horizontal lines of the chapter title.



### Capítulo 3 – De Cachoeira do Campo a São João do Morro Grande

A visita ao arraial de Cachoeira do Campo foi realizada

porque S. M. desejava visitar as grandes fazendas da Coroa, onde os antigos governadores da capitania, desde o Conde de Assumar, costumavam passar dias, como também aconteceu com D. Pedro I, que aí não só gozava do clima ameno, como se divertia com boas caçadas nas matas das fazendas ou nos campos que as circundavam.<sup>244</sup>

A chegada ao arraial ocorreu aproximadamente às onze horas da manhã, “onde foram entusiasticamente recebidas pelo povo”.<sup>245</sup> Suas Majestades Imperiais foram recebidos sob festiva saudação popular:

Às onze e meia horas da manhã do dia dois do corrente faziam SS. MM. II. a sua entrada no seio desta povoação ao tanger alegre dos sinos que em nome da religião saudavam os augustos viajantes e aos acordes de uma excelente banda de música que enchia os ares com as suaves harmonias do pomposo hino da Pátria, e por entre as aclamações sinceras de todo um povo, que em multidão compacta se aglomerava no átrio da matriz afim de ver e saudar os nossos adorados Imperantes. As ruas por onde SS. MM. tinham de passar estavam ornadas de flores e numerosos arcos testemunhavam em sua simplicidade campestre o amor e a veneração dos habitantes para com SS. MM. Arcos de folhagens ornavam a frente da casa destinada à SS. MM. e o largo da matriz em cujo centro se erguia o auriverde pendão.<sup>246</sup>

A recepção em Cachoeira do Campo foi organizada pelo farmacêutico Joaquim Fernandes Ramos, ajudado, sobretudo, pelo capitão Lúcio Fernandes Ramos.

D. Pedro II e D. Teresa Cristina ficaram hospedados no Largo da Matriz,<sup>247</sup> na residência do negociante Sr. Felisberto Gomes de Moura. A casa foi

<sup>244</sup> CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. *Ouro Preto*. Belo Horizonte: 1969. P. 174.

<sup>245</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 10 de abril de 1881. P. 2.

<sup>246</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 17 de abril de 1881. P. 3.

<sup>247</sup> CABRAL. Op. cit. 1969. P. 174.

toda ornamentada para recepcionar os ilustres visitantes, recebidos “por cinco meninas vestidas de branco, que espargiram flores a SS. MM.”.<sup>248</sup>

Servido o almoço, o casal foi até a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, onde o Imperador encantou-se com os altares laterais e afirmou ao padre Affonso Henriques de Figueiredo Lemos, “que na própria corte não se encontravam altares de tão primoroso trabalho, exceto na igreja do mosteiro de São Bento”.<sup>249</sup> Ao se retirar da igreja, o Monarca visitou a fazenda imperial, também conhecida por coudelaria. A imperatriz não acompanhou o esposo e então seguiu para a “residência imperial onde continuou a receber com muito agrado as pessoas que em grande número e de todas as classes procuravam ver e cumprimentar sua amada soberana”.<sup>250</sup> A notícia que circulou na época foi de que:

SS. MM. mostraram-se bondosos e afáveis para com todos, prestando atenção, ouvindo todos os pedidos, não consentindo que pusessem guardas a porta, para que todo povo pudesse ver e cumprimentar SS. MM. pelo que achando o povo fácil ingresso até SS. MM. que a todos atendiam apertando cordialmente a mão a muitos visitantes.<sup>251</sup>

Assim que retornou para casa, D. Pedro II viu a cadeira em que seu pai havia sentado quando visitou a povoação, “SS. MM. depois de examinarem minuciosamente a cadeira mostraram-se gratos pela lembrança”.<sup>252</sup>

Em contraposição aos apontamentos encontrados no diário, de acordo Henrique Barbosa da Silva Cabral, o Imperador teria visto a cadeira durante o almoço:

Após o descanso foi servido o almoço. A sala de refeição estava toda ornamentada. A mesa bem disposta e cheia de flores tinha na cabeceira duas grandes poltronas destinadas ao Imperador e à Imperatriz. A que era para a Imperatriz estava coberta com linda colcha de damasco de seda e cheia de enfeites de rendas. A outra, bastante velha e estragada, apresentava-se completamente despida de enfeites. D. Pedro, logo ao penetrar na sala, com um simples relance de olhos, notou aquilo. Próximo dele, porém, se achava o Cel. Joaquim Ramos, tendo no braço esquerdo outra colcha e enfeites destinados a esta poltrona. Curvando-se respeitosamente, disse ele ao Imperador:

<sup>248</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 17 de abril de 1881. P. 3.

<sup>249</sup> *Idem*.

<sup>250</sup> *Idem*.

<sup>251</sup> *Idem*.

<sup>252</sup> *Idem*.

– Assentado nesta poltrona é que o augusto pai de V. Majestade tomava suas refeições.  
E fazendo menção para orná-la, D. Pedro, com delicado gesto e um sorriso no rosto, não consentiu e assentou-se na velha poltrona.<sup>253</sup>

Durante o tempo que permaneceu em Cachoeira do Campo, D. Pedro II entregou duas cartas de alforria a um casal de escravos, em nome do Sr. Dr. José Joaquim Fernandes Torres.

No momento em que a comitiva imperial preparava-se para deixar o arraial, o reverendo, acompanhado pelo povo, falou ao Monarca em nome da população, sobre as vantagens que o lugarejo poderia auferir se ali fosse criado um estabelecimento agrícola ou industrial.

O Imperador falou então a respeito “da fundação de uma casa para escolas, fazendo em seguida a visita dos edifícios em que funcionam as atuais”.<sup>254</sup> A aula de meninos foi a primeira a ser visitada e na classe das meninas, examinou a leitura e as operações aritméticas da “aluna Maria N. dos Santos, a qual respondeu satisfatoriamente”.<sup>255</sup>

Momentos antes de partir, doou 400\$000 (quatrocentos mil réis) para a matriz e 200\$000 para os pobres:

O cidadão eminente, o Imperante sábio e ilustre, o monarca respeitado pelos mesmos sábios da Europa, o Príncipe sem mancha e adorado por seus vassallos não se despreza de conversar familiarmente com seus súditos indagando suas necessidades e procurando prestar-lhes algum alívio.<sup>256</sup>

De acordo com as anotações de D. Pedro II, a comitiva partiu de Cachoeira do Campo às 13 horas e 30 minutos, chegando ao arraial de Casa Branca às 16 horas. O séquito foi recebido pela população no caminho entre Cachoeira do Campo e Casa Branca. A localidade estava em festa e o povo encontrava-se com suas melhores vestimentas para receber o Monarca e sua digníssima esposa:

Quem visse esse povo que acostumado à vida singela do trabalho, e não soubesse do motivo a que um dia de serviço aparecesse com seus trajes de dia de festa, e mostrando no

<sup>253</sup> CABRAL. Op. cit. 1969. P. 174 e 175.

<sup>254</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 17 de abril de 1881. P. 3.

<sup>255</sup> Idem.

<sup>256</sup> Idem.

semblante que estava possuído da maior alegria, por certo ficaria surpreendido; mas o motivo era mais que grande, era grandioso, pela primeira vez via o povo pisar suas majestades o território Casa Branquense onde tinham de pernoitar.<sup>257</sup>

Os viajantes foram recebidos com numerosas salvas de palmas e debaixo de um céu cruzado por fogos de artifício, e o cortejo foi acompanhado por muitos cavaleiros: “Os cavaleiros em número avultado vinham fechando o cortejo”.<sup>258</sup> As ruas que normalmente se encontravam desertas, estavam ocupadas por toda a população da cidade e arredores, sendo que, homens, mulheres e crianças, disputavam o espaço a fim de ver primeiramente os distintos visitantes. Tudo havia sido preparado nos mínimos detalhes para bem acolher os hóspedes:

As ruas com alguns arcos e arborizadas com bonitas palmeiras e esquisitas parasitas em alas, faziam uma povoação fantástica, especialmente quando de noite iluminou-se as mesmas com globos de papel matizado realçando muito as bonitas bandeiras, não só nas ruas como nas casas do largo da matriz e da rua direita em número avultado.<sup>259</sup>

D. Pedro II e D. Teresa Cristina ficaram hospedados na casa do vigário da freguesia: “O Sr. Vigário que nada poupou para a hospedagem de Suas Majestades, recebeu-os em sua porta com uma eloquente saudação, mostrando o prazer e a honra que tinha em oferecer sua casa aos imperantes”.<sup>260</sup> Em frente à residência foi levantado um mastro com a bandeira brasileira e no coreto do arraial, uma banda de música recebeu festivamente o casal monárquico.

Às 17 horas Suas Majestades foram até a igreja matriz e às 18 horas foi servido o jantar, “no qual S. M. o Imperador deu a distinta honra ao Sr. Vigário de convidá-lo colocando-o a direita de S. M. a Imperatriz”.<sup>261</sup> Após a refeição um concerto foi apresentado e logo depois o Monarca se recolheu, a fim de ler os jornais do Rio de Janeiro.<sup>262</sup>

No dia seguinte, três de abril, antes das cinco horas da manhã o casal já estava de pé e após o café da manhã, assistiu a uma celebração religiosa, partindo

<sup>257</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de abril de 1881. P. 3.

<sup>258</sup> *Idem*.

<sup>259</sup> *Idem*.

<sup>260</sup> *Idem*.

<sup>261</sup> *Idem*.

<sup>262</sup> VIANNA, Hélio. *Diário da Viagem do Imperador a Minas – 1881*. Ministério da Educação e Cultura. Anuário do Museu Imperial. Volume XVIII: Petrópolis, 1957. P. 80.

da cidade às seis horas e 20 minutos. Como o de costume, D. Pedro II anotou no diário a beleza do trajeto e a amenidade do clima: “Manhã fresca, com belíssima, linda paisagem”, “Na ponte de Ana de Sá atirei um raminho no rio. Conversei quase todo o tempo com o Gorceix sobre geologia e geognosia”.<sup>263</sup>

Às nove horas da manhã os viajantes pararam em Rio das Pedras, onde todos almoçaram e às dez horas novamente encetaram viagem, seguindo então para Congonhas do Sabará, onde conheceriam a mina do Morro Velho. Antes de chegar ao pequeno arraial de Santo Antônio do Rio Acima, o diretor da mina, Pearson Morrison, acompanhado de dois funcionários, foi ao encontro do Imperador. A vivacidade das aclamações e das saudações populares eram recorrentes:

Os panoramas são esplêndidos e variadíssimos e em todos os arraiais, Cachoeira, Casa Branca ... por onde passamos fomos recebidos com vivas aclamações e muitos perus mortos. Estas manifestações de entusiasmo foram mesmo a causa d’um desastre, ao chegarmos ao Morro Velho: espantaram o cavalo do imperador e lá foi ele de costas – ele, o imperador.<sup>264</sup>

Na verdade, a queda ocorreu antes da chegada a Morro Velho e assim foi caricaturada pela *Revista Ilustrada*:



Figura 5: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 1

<sup>263</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 80.

<sup>264</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 245, 1881. P. 3.

A caricatura foi capa da edição número 244 do periódico e teve a seguinte legenda: “Viagem à Minas. – Mais uma queda de nosso imperial Senhor. Felizmente que o dedo da Providência acompanha sempre S. M. e suas quedas tornam-se macias”<sup>265</sup>.

De acordo com anotações do próprio Imperador: “Ia olhando distraído, diversas mulheres correram para mim e espantando-se o cavalo caí dele. Não foi nada, montei noutro oferecido pelo diretor de Morro Velho e continuei a andar”<sup>266</sup>.



Figura 6: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 8.

José Tinoco, correspondente do *Jornal do Comércio*, escreveu:

Depois que Sua Majestade se despediu do Sr. Morrison chicoteou o cavalo, e, instantes depois, quando subia uma pequena elevação, olhou para trás como que para chamar alguém. Nessa ocasião o cavalo em que ia montado espantou-se com os vestidos de umas mulheres que tinham ido postar-se em um barranco para verem passar os augustos viajantes, e S. M. o Imperador, perdendo o equilíbrio por causa do brusco movimento do animal, caiu de costas no chão.<sup>267</sup>

Com suas matérias majoritariamente críticas no que diz respeito ao Imperador e ao regime em vigor, a *Revista Ilustrada* publicou: “O Sr. Pedro II, talvez por não poder cair do trono, e querendo saber como se cai de alguma coisa,

<sup>265</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 1

<sup>266</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 81.

<sup>267</sup> Idem.

continua a cair dos cavalos baios, que lhe deram lá em Minas!”<sup>268</sup> Nessa mesma edição publicou ainda: “S. M. levou mais um trambolhão! Felizmente o Poder Moderador não ficou muito machucado”.<sup>269</sup>

Como as publicações afirmaram, o Monarca nada sofreu a viagem continuou. Durante o percurso, por sugestão de Henri Gorceix, D. Pedro II visitou a mina do tenente-coronel Assis Jardim,<sup>270</sup> não sendo acompanhado pelas damas, que seguiram em frente. Entusiasmado com o passeio, o Governante fez questão de percorrer toda a lavra e anotar detalhes sobre seu funcionamento, percorreu o engenho, observou os instrumentos de mineração e a forma de trabalho na lavra:

Fui até o engenho seis pilões, couros sobre que passa a água com o pó do minério, e bateias que agitadas circularmente pela mão fazem depositar o ouro que se lavou dos couros. A água que por eles passou vai depositar mais longe o pó do minério que ainda se aproveitar [*ilegível*] pelo mesmo processo. Tiram quatro a seis oitavas de tonelada de minério. Por curiosidade trabalhei um pouco de bateia.<sup>271</sup>

Após a visita, o caminho para a mina do Morro Velho foi retomado e D. Pedro II seguiu conversando com Pearson Morrison. Depois de algum tempo de viagem, as liteiras foram alcançadas e o séquito chegou completo à residência do Sr. Morrison. Mais uma vez muitas pessoas estavam à espera dos ilustres viajantes e uma festiva recepção, com fogos de artifício, foi preparada como demonstração do regozijo popular. Já estabelecido, o Imperador tomou um banho, jantou aproximadamente às 19 horas e pouco depois se deitou.<sup>272</sup>

---

<sup>268</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 3.

<sup>269</sup> *Idem*. P. 8.

<sup>270</sup> LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. Fundação Gorceix, 1977. P. 75.

<sup>271</sup> VIANNA. *Op. Cit.* 1957. P. 81.

<sup>272</sup> *Idem*.

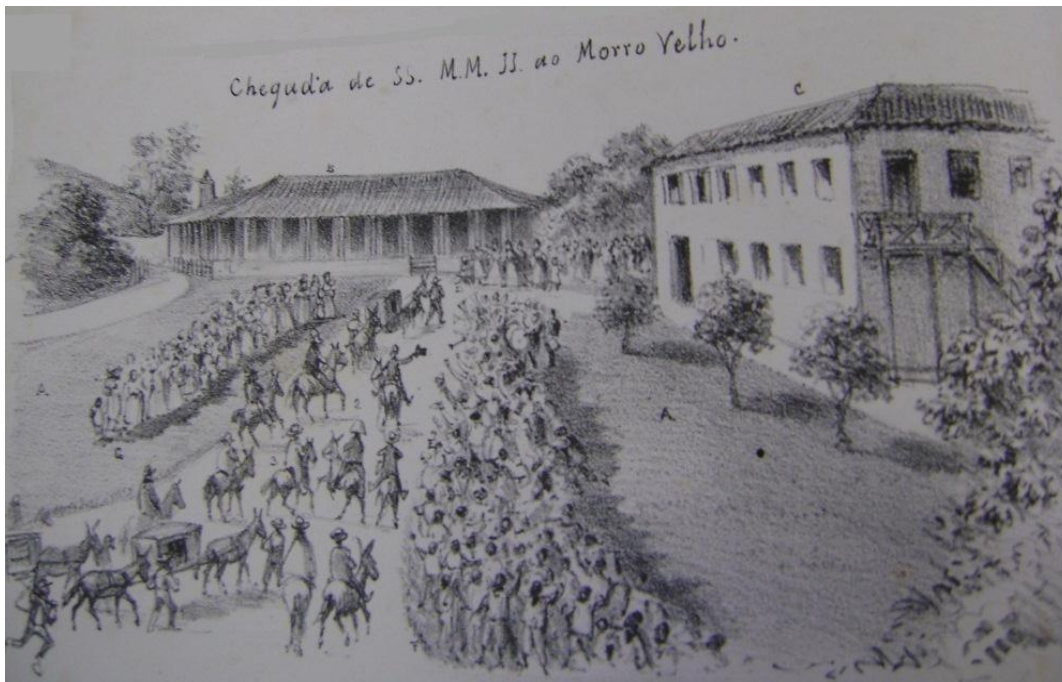


Figura 7: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, suplemento ao número 246, 1881. P. 6.

A gravura foi acompanhada pela seguinte legenda:

Viagem de SS. MM. à província de Minas (segundo alguns desenhos de nosso correspondente especial).

Chegada de SS. MM. II ao Morro Velho. Recepção feita pelos empregados da Companhia de Mineração de S. João d'El Rei e hospedagem oferecida pelo diretor Geral das Minas Mr. Pearson Morrison. **1** Liteira com a Imperatriz. **2** Imperador a cavalo (branco e Mr. Morrison inglês muito parecido com Rademaker da E. F. P. II de chapéu alto na mão dando vivas. O outro é o Barão de Maceió). **3** Barão Nog. da Gama, Eu, um inglês, e And. Pinto. **5** Lima Duarte e Inácio Martins. **6** Liteira com a dama e outra com as criadas, em seguida Tinoco e o resto da comitiva. **A** Canteiros gramados. **B** Casa onde se hospedaram SS. MM. **C** Casa onde se hospedaram a Comitiva e imprensa. **D** Família do diretor. **E** Trabalhadores formados – **F** Escravos. **G** Famílias dos trabalhadores.<sup>273</sup>

Durante a manhã do dia quatro, o Monarca visitou “todos os laboratórios e oficinas da companhia”<sup>274</sup> e assistiu ao processo de amalgamação feito em Morro Velho, fazendo anotações sobre seu procedimento. Ao retornar para casa, parou

<sup>273</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, suplemento ao número 246, 1881. P. 6.

<sup>274</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 16 de Abril de 1881. P. 2.



na biblioteca local e observou: “Possui boas obras inglesas sobretudo as de viagens modernas na América do Sul e interior da África”.<sup>275</sup>

Às 13 horas e 30 minutos saiu novamente, indo ao hospital, onde “deixou-se pesar, verificando-se o peso de sete arrobas e onze libras, dignando-se também assinar seu nome no livro do hospital onde estão inscritos os dos visitantes, com menção do peso e altura”.<sup>276</sup> Visitou a capela católica e vistoriou os edifícios públicos, preparando-se logo em seguida para descer à mina, situada “a 435 metros abaixo do nível da terra”.<sup>277</sup> Às 15 horas o Imperador e a Imperatriz já se encontravam na entrada da mina e estavam vestidos como mineiros: “sobre a roupa costumes de brim-lona, e puseram chapéus de couro duro, tendo uma vela de sebo espetada na copa”.<sup>278</sup>



Figura 8: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, suplemento ao número 246, 1881. P. 4 e 5.

<sup>275</sup> VIANNA. Op. Cit. 1957. P. 82.

<sup>276</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 17 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>277</sup> Idem.

<sup>278</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 82.

Através do elevador o casal desceu até a mina às 15 horas e 30 minutos e durante a descida o Imperador observou que: “Muita água escorria das paredes do poço”.<sup>279</sup> Dentro da mina foi oferecido “um suntuoso *lunch*, de que se serviram. Aí foram erguidos entusiásticos vivas a SS. Majestades, e pelo Sr. Gorceix, levantada uma saúde ao Exm. Sr. Barão de Maceió, que nesse dia completava 56 anos de idade”.<sup>280</sup>

Os visitantes permaneceram no local por aproximadamente uma hora e meia e através do mesmo elevador, retornaram para a superfície.

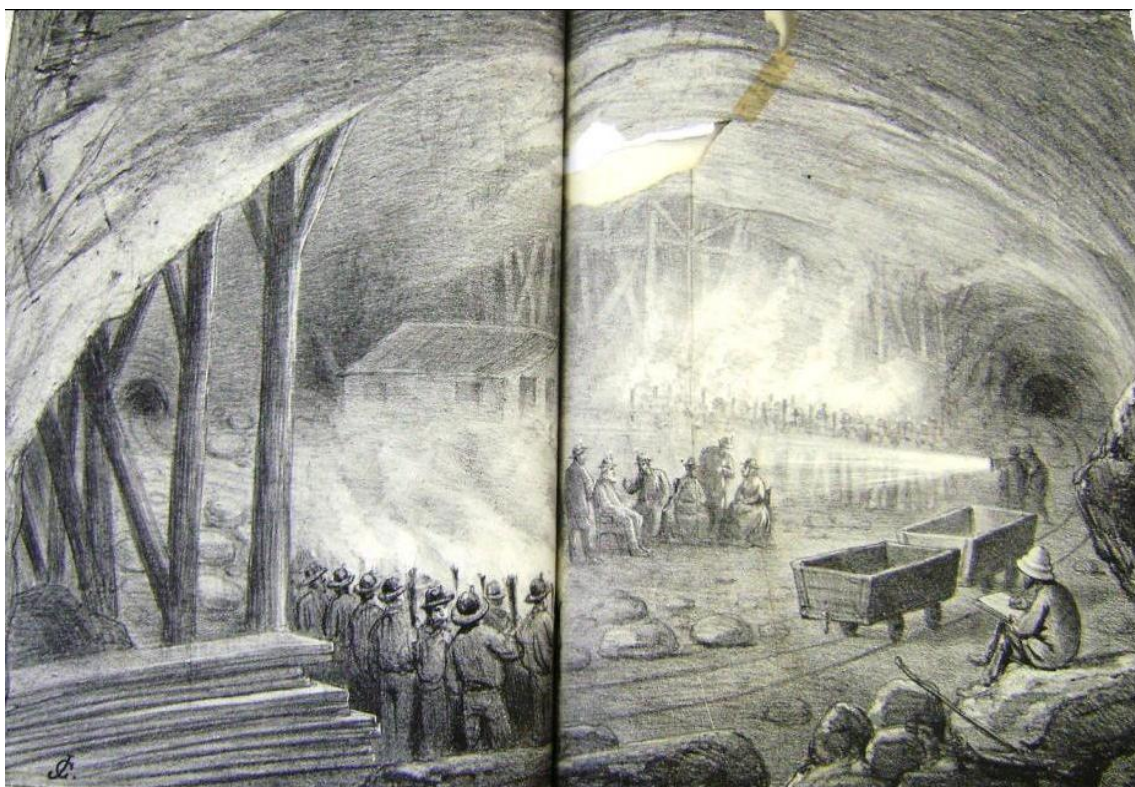


Figura 9: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, suplemento ao número 246, 1881. P. 2 e 3.

Assim como a descida, a subida foi realizada tranquilamente e já do lado externo, o Imperador seguiu com o diretor, a fim de ver “os três canos que formam um sifão conduzindo a água para movimento das máquinas”.<sup>281</sup> Antes das seis horas da noite o Monarca já havia se banhado e às 19 horas e 15 minutos o jantar foi servido. Logo em seguida todos se reuniram e ficaram conversando até

<sup>279</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 82.

<sup>280</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 16 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>281</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 82.

perto das 22 horas, durante o período de distração: “O diretor mostrou lindos cristais de rocha achados na mina. Alguns contém piritas que se irizam”.<sup>282</sup> Antes de se deitar o Monarca anotou no diário que na localidade havia “escola para os meninos filhos dos trabalhadores e empregados”,<sup>283</sup> e o fato de não ter visitado a capela protestante.

Ao se levantar na madrugada do dia cinco, D. Pedro II se banhou e serviu-se de uma leve refeição, partindo de Morro Velho às seis horas da manhã. Antes de partir, deixou 500\$000 para os operários<sup>284</sup> e 300\$000 para os pobres da freguesia.<sup>285</sup> A comitiva deixou então Morro Velho e partiu em direção a Sabará, sendo recebida pelo deputado Assis Martins e mais 300 cavaleiros, durante o trajeto. A chegada à cidade realizou-se às nove horas da manhã, “e durante toda a viagem eram sobre eles atiradas muitas flores e levantadas pelo povo as mais significativas provas de apreço, em calorosos vivas”.<sup>286</sup> O Monarca e a esposa ficaram hospedados na casa do Sr. coronel Jacinto Dias da Silva.

Ao meio dia o Soberano visitou o liceu, localizado na casa que foi do Barão de Curvelo, Joaquim José Meireles Freire. Durante sua permanência no local, interrogou alguns estudantes, elogiando os alunos de latim e de francês.

No que diz respeito às outras casas de instrução, duas de cada sexo, o Imperador considerou-as ruins, gostando apenas de uma das aulas de meninas.<sup>287</sup> Ao se retirar dos institutos, seguiu para a Igreja do Carmo e depois para o Hospital da Misericórdia, e ao saber da intenção de ali fundarem uma casa para lázaros, disse que “era melhor empregar o dinheiro no hospital geral e que no Rio de Janeiro havia muito lugar para lázaros”.<sup>288</sup> O jantar foi servido às 17 horas e 30 minutos e logo após foi apresentado um Te Deum na Igreja do Carmo. D. Pedro II não gostou da música executada, mas elogiou a pregação do vigário.

No dia seguinte, seis de abril, levantou-se às cinco horas da manhã e às seis horas e 15 minutos seguiu para Rio das Velhas, onde navegou na barcaça Cônego Santana. Durante o trajeto, observou a profundidade do rio e anotou qual

---

<sup>282</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 83.

<sup>283</sup> Idem. P. 82.

<sup>284</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 10 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>285</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 17 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>286</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 16 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>287</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 83.

<sup>288</sup> Idem. P. 84.



o período em que ele encontrava-se mais cheio, citando detalhes sobre o passeio a barco:

Começo a navegar o rio das Velhas, uma braça de fundo de areia – 6h 35' Capela arruinada de Sto. Antônio da Roça Grande. Margens com mais ou menos árvores formando muitas vezes mato espesso. [...] O rio começa a baixar em abril e a encher de setembro por diante. De Maquiné para baixo há pedras. Até lá areia. [...] 8h 40' Antônio do Bosque alarga bastante o rio – 9h Temperatura – da água  $19^{\circ} \frac{3}{4}$  – do ar  $20^{\circ}$  – 9h  $\frac{1}{2}$  José Correia margem esquerda. Bonito lugar. O rio é bastante largo de 150m talvez. 9h 50' Bicas. Tem-se visto algumas plantações de milho e muitas macaúbas. – 10h. Temperatura da água  $25^{\circ}$  – do ar  $21^{\circ} \frac{3}{4}$ . A 1 m de profundidade  $21^{\circ}$ .<sup>289</sup>

Às dez horas da manhã avistou a igreja de Santa Luzia e às onze horas aproximadamente avistou a ponte. A chegada à localidade foi efetuada às onze horas e 15 minutos, e a comitiva foi recebida festivamente:

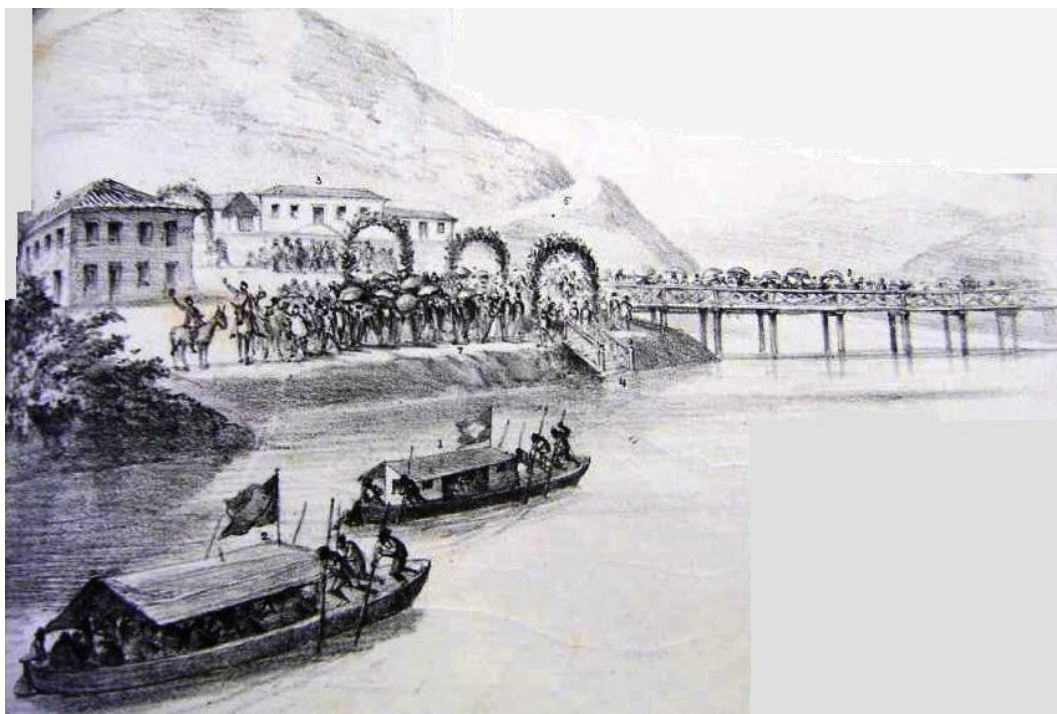


Figura 10: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, suplemento ao número 246, 1881. P. 7.

<sup>289</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 84.

A ponte de madeira sobre o Rio das Velhas estava apinhada de gente, todos aguardavam a chegada do Imperador, que encontrava-se no primeiro barco e no segundo estavam a banda de música e a criadagem.<sup>290</sup>

Assim que o desembarque foi efetuado, o almoço foi servido e antes de partir novamente, D. Pedro II conversou com o Dr. Modestino Carlos da Rocha Franco, médico e chefe do Partido Liberal em Santa Luzia.<sup>291</sup> Às 12 horas e 30 minutos a comitiva embarcou e deu prosseguimento à viagem. Muitas fazendas encontravam-se às margens do rio, dentre elas a Fazenda Pinhões, onde havia plantação de cana de açúcar: “As canas têm aparecido bonitas. Pedimos algumas que nos atiraram para bordo”.<sup>292</sup>

Em decorrência dos trabalhos de mineração, o rio continha muitas estacas, sendo necessário que o barco seguisse devagar, devido ao risco de bater. Com seu olhar de cientista, o Monarca atentou para a composição de uma montanha: “17h Grande montanha onde se vê uma que se me afigura parede de pedra calcária na margem esquerda. Mais de perto parece-me rocha xistosa”.<sup>293</sup>

No final da tarde, às 17 horas e 30 minutos, a comitiva chegou ao porto de Macaúbas e logo D. Pedro II já estava a passear pela localidade, indo à igreja e ao colégio de meninas, de onde se retirou satisfeito com as respostas das alunas e com suas escritas, assim como com a música tocada por duas meninas a quatro mãos. Em seguida visitou o convento: “Nesse antigo convento, que conta 32 freiras e 39 educandas, hospedaram-se SS. MM., sendo por eles visitado o grande edifício”.<sup>294</sup> Pouco depois do jantar, perto das 21 horas, o imperador se deitou.

Às cinco horas e 45 minutos de quinta feira, sete de abril, os viajantes partiram para Lagoa Santa. O trajeto foi feito inicialmente em barcas e depois, quando a margem oposta do rio foi alcançada, a cavalo. O caminho chamou a atenção imperial, que solicitou informações sobre diversas árvores e anotou a utilidade de seus frutos para a saúde humana: “Pequi fruto de caroço espinhoso que deve comer-se com cuidado para não ferir a boca e a língua. Barbatimão que

---

<sup>290</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, suplemento ao número 246, 1881. P. 7.

<sup>291</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 85.

<sup>292</sup> Idem.

<sup>293</sup> Idem.

<sup>294</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 16 de Abril de 1881. P. 2.

contém muito tanino; Pau-terra casca adstringente boa para a diarreia; Bolsa de pastor de casca boa para hidropsia”.<sup>295</sup>

Do alto de um morro o Imperador avistou Lagoa Santa, afirmando: “Lembrei-me do lago de Nicéia, cujo aspecto é contudo mais pitoresco, ainda que mais risonho o da Lagoa”.<sup>296</sup> Algumas pessoas foram ao seu encontro, dentre elas, o Barão do Rio das Velhas, Francisco de Paula Fonseca Viana, que o hospedou durante o tempo que permaneceu na localidade.<sup>297</sup>

Ao entrar no arraial o Governante foi recebido em festa: “A entrada da povoação foi por entre hastes e ramos de bananeiras, e outras plantas algumas floridas que produziam aprazível efeito”.<sup>298</sup> Após o almoço, visitou a igreja e a casa de Peter Wilhelm Lund: “já falecido, ao qual muito devem os museus do velho mundo, pelas preciosas peças científicas por ele enviadas, e na maior parte delas, senão em sua totalidade, arrancadas do solo que ora visita o imperante”.<sup>299</sup>

D. Pedro II percorreu toda a casa do pesquisador e conversou com Nereu Cecílio dos Santos, que desde criança foi protegido de Lund:

Visitou a casa que pertenceu a Peter Lund, examinou algumas de suas coleções e conversou com seu filho adotivo, Nereu Cecílio dos Santos. Nereu foi educado por Lund, tornou-se um auxiliar em seus trabalhos e foi incluído em seu testamento como herdeiro. O Imperador pediu a ele que redigisse algumas notas sobre o cientista e lhe entregasse juntamente com seu testamento.<sup>300</sup>

De acordo com as anotações presentes no diário: “Lund constituiu a Nereu uma pensão vitalícia com sobrevivência de 60\$000 mensais à mulher que principiou a gozar ainda na vida daquele e deixou-lhe no testamento o que possuía no Brasil: dinheiro e duas casas na Lagoa Santa”.<sup>301</sup>

Nereu deu notas escritas a respeito de Lund ao Imperador e lhe prometeu uma cópia em dinamarquês do testamento e das últimas anotações do

<sup>295</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 86.

<sup>296</sup> Idem.

<sup>297</sup> Informação retirada do site: <http://sumidoiro.wordpress.com/2012/03/01/sumidoiro-abreu-guimaraes-sabara-lagoa-santa-luzia-pedro-ii-jaguara-paula-santos-nova-lima-chalmers-visconde-rio-velhas-saldanha-marinho-morro-velho-mocambo-matozinhos-aleijadinho-fonseca-viana/>

Visitado em: 02 de abril de 2012, às 16:07 h.

<sup>298</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 86.

<sup>299</sup> A *Atualidade*. Ouro Preto, 16 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>300</sup> Informação retirada do site: <http://tremdahistoria.blogspot.com.br/2011/01/o-imperador-do-brasil-em-lagoa-santamg.html> Visitado em: 02 de abril de 2011, às 14:07 h.

<sup>301</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 88.

pesquisador.<sup>302</sup> Em seguida D. Pedro II foi até o jardim, onde muitas plantas haviam sido plantadas por Lund, que posteriormente as removeu para sua biblioteca, instalada nesse mesmo jardim e composta “de obras importantes em anos atrasados sobretudo relativos às ciências que ele cultivava”.<sup>303</sup>

Após a visita o Monarca seguiu para as escolas locais, que em sua opinião, se encontravam em edifícios acanhados. A escola de meninas possuía 103 alunas matriculadas e algumas destas não demonstraram conhecimento ao tentarem explicar doutrina religiosa, mesmo sendo a professora irmã do vigário local: “Aproveitei a ocasião para repetir que a doutrina religiosa deve-se ensinar somente na casa paterna e a igreja ou templo quando se possa ensinar aí; o que não sucede ainda no Brasil”.<sup>304</sup> Ou seja, para o Imperador, o ensino religioso deveria ficar restrito ao ambiente familiar, ou às igrejas e escolas religiosas.

Durante a tarde saiu para navegar na lagoa, mas como não conseguiu pescar nenhum peixe, voltou para casa às 16 horas e descansou por duas horas, quando então foi servido o jantar. Assim que retornou a Lagoa Santa, o Monarca recebeu alguns apontamentos feitos por Gorceix, dando-lhe informações sobre os locais a serem visitados nos dias seguintes.

À noite o Imperador assistiu a uma apresentação musical feita por Nereu, acompanhado por sua irmã e por sua esposa, Maria Cesarina Marques dos Santos: “Ele toca com seu gosto e a irmã tem voz agradável e bem afinada. A mulher também cantou agradavelmente o lundum mineiro – *quero me casar, quero me casar*” (*Grifo do autor*).<sup>305</sup> Antes da cidade doou aos pobres o valor de 200\$000,<sup>306</sup> e antes de dormir, como era de costume, anotou em seu diário os acontecimentos do dia e tomou um chá, deitando-se logo em seguida.

D. Pedro II pernoitou na vila de Matosinhos, de onde seguiu às cinco horas da manhã do dia oito de abril, sexta feira, para a gruta da Aldeia:

Chapadão de bela vista de madrugada. Engenho Fidalgo, Lapinha pequena, povoação onde se explora uma gruta e bem situada; Poção engenho de cana; Mocambo id. uma das cinco do vínculo de Jaguará. O caminho tinha sido preparado e estava bom. Quase sempre havia mais ou menos sombra antes de

<sup>302</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 87.

<sup>303</sup> Idem.

<sup>304</sup> Idem.

<sup>305</sup> Idem. P. 88.

<sup>306</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

Mocambo e depois ainda; pois o caminho atravessava capoeiras mais ou menos espessas.<sup>307</sup>

Poucos dias antes de visitar a Gruta da Aldeia, Henri Gorceix a percorreu e transmitiu algumas informações sobre ela ao Monarca:

Creio ser melhor preferi-la àquelas de Bom Jardim, visto ser menos afastada e 50 trabalhadores estarem empregados para tornar transitável a trilha que deve atingi-la. Devo prevenir Vossa Majestade de que esta trilha é, segundo as informações, muito ruim apesar das reformas que será possível fazer.<sup>308</sup>

A chegada à Gruta foi realizada às onze horas da manhã, mas antes de nela adentrar, os visitantes almoçaram debaixo das árvores. Em suas anotações o Imperador descreveu a entrada da gruta:

Bonito mato a precede. Desce-se até defronte do rochedo de calcário pouco cristalino entremeado de finas camadas de areia. A parte fronteira semelha um magnífico arco ou pórtico, com púlpito externo e um buraco parecendo uma *rosaça*. Raízes ou trepadeiras que parecem cordas pendem dessa fachada de igreja gótica, e insinuam-se por entre as falhas da rocha. [...] À direita fica a entrada da gruta que cobre uma espécie de chapéu de chaminé.<sup>309</sup>

No retorno para Matosinhos, os visitantes passaram por outro caminho: “Volta de certa altura seguiu-se outro caminho pelo lado do Sumidouro que vi ao longe à direita assim como a Quinta do mesmo nome num desbarrancado”.<sup>310</sup> Chegaram à vila pouco depois das 20 horas e perto das 22 horas o Monarca foi para seu quarto.

No sábado, nove de abril, o séquito se preparava para voltar a Santa Luzia, quando, algumas obras de Lund, enviadas por Nereu, foram entregues a D. Pedro II, que com satisfação, afirmou: “Hei de levá-las para mandar traduzir as que tratem de fósseis enviando cópia ao Gorceix”.<sup>311</sup> Antes de partir, o Monarca visitou o Barão do Rio das Velhas:

<sup>307</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 88.

<sup>308</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 76.

<sup>309</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 88.

<sup>310</sup> Idem. P. 89.

<sup>311</sup> Idem.



S. M. o Imperador, sabendo antes que o Sr. barão do Rio das Velhas caíra, às quatro horas da madrugada, de uma escada, ferindo o rosto, foi visitá-lo, encarregando o senhor barão de Maceió de prestar-lhe os socorros de que carecesse. O Sr. barão de Maceió julgou grave o estado do enfermo, pois hoje pela manhã já apresentava ligeiros sintomas de congestão cerebral.<sup>312</sup>

Após o Barão de Maceió analisar o estado de saúde do Barão do Rio das Velhas e aplicar-lhe os devidos cuidados, os viajantes seguiram para Santa Luzia: “O caminho é por chapadão descendo-se todavia para passar o ribeirão da Mata, e o córrego Sujo e outros poucos lugares até a grande descida para a ponte de Santa Luzia”. Ao chegar a um ponto mais alto, D. Pedro II surpreendeu-se com a bela paisagem, avistando a cidade ao longe.

Durante sua estadia na cidade, o Monarca ficou hospedado na residência dos Barões de Santa Luzia, sendo a baronesa, Maria Alexandrina de Almeida Viana, sua afilhada de batismo:

Fiquei em excelente casa que foi dos barões de Santa Luzia e agora pertence à filha do segundo barão [*Quintiliano Rodrigues da Rocha Franco*] casa[da] com o deputado Frederico de Almeida. Recebeu-me o tio desembargador aposentado Antônio Roberto de Almeida sua mulher e família (*Grifo nosso*).<sup>313</sup>

Após o almoço o Imperador foi até a igreja matriz, seguindo posteriormente para as aulas de meninas e meninos, tendo gostado apenas desta última. Logo depois visitou a Câmara e a cadeia, onde observou que não havia a devida conservação dos padrões métricos e os soldados de espingarda não tinham baionetas nem sabres. No que diz respeito ao Hospital da Misericórdia, escreveu: “Misericórdia em mesquinha casa fundada pela baronesa de Santa Luzia com apólices que o marido deixou por testamento”.<sup>314</sup> Às 14 horas D. Pedro II saiu acompanhado pelos senhores Roberto de Almeida Modestino, filho do segundo Barão de Santa Luzia e presidente da Câmara, e João Alves dos Santos Viana.

Interessado por toda forma de conhecimento e por todos os assuntos, o Monarca abordou diversos temas nas páginas de seu diário, como por exemplo, a venda de milho na região e as características do solo e da vegetação:

<sup>312</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 89.

<sup>313</sup> Idem. P. 90.

<sup>314</sup> Idem.

Gorceix disse-me em caminho que 50 litros de milho compram-se de a 4\$000 quando as estradas estão más e que em Araçuaí 80 litros vendem-se por 800 réis. Tenho notado a grande diferença entre a forma do solo e vegetação das duas margens. A esquerda de chapadões e árvores pequenas e a direita muito acidentada e com árvores grandes e de muito maior viço.<sup>315</sup>

Suas Majestades ficaram em Santa Luzia por pouco tempo, seguindo no mesmo dia para Sabará, onde, como de costume, fez doações, deixando a quantia de 1:000\$000 (um conto de réis) para a Misericórdia e 400\$000 para os pobres.<sup>316</sup>

Na descida para a cidade, uma forte chuva atingiu a comitiva e D. Pedro II chegou molhado da cabeça aos pés na residência do coronel Jacinto Dias, onde ficou hospedado: “Cheguei molhado como um pinto à casa do coronel Jacinto pouco antes das 18h”.<sup>317</sup>

Logo que os ilustres visitantes chegaram, o jantar foi servido e em seguida uma peça teatral foi apresentada. Antes de se deitar o Imperador fez anotações sobre o teatro: “O teatrinho não é feio e muito melhor que o de Barbacena. Representaram duas peças de dois e um ato e sofrivelmente para curiosos”.<sup>318</sup> Nesse mesmo dia conheceu o comendador Viana, enviado pelo Sr. Morrison, em nome da companhia do Morro Velho e que iria acompanhar o Monarca até a mina de Cuiabá no dia seguinte.

No dia dez de abril pela manhã D. Pedro II assistiu a uma missa celebrada na capela da residência e às seis horas da manhã visitou o Monsenhor José Augusto em sua casa, indo em seguida até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, que afirmou ser a mais bela:

A mais bonita igreja internamente que tenho visto. Duas galerias laterais com arcos a que correspondem os altares. Coro elegante. Obra de talha dourada de bom gosto. Quadros na sacristia de que o melhor é o da ressurreição. Penso que são os que St. Hilaire elogia.<sup>319</sup>

Após visitar a matriz, direcionou-se para a mina de Cuiabá. Durante o trajeto passou pelo arraial de Pompéu: “Às oito pequeno arraial quase abandonado

<sup>315</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 90.

<sup>316</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>317</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 90.

<sup>318</sup> Idem. P. 91.

<sup>319</sup> Idem.

de Pompéu onde houve mina de ouro”,<sup>320</sup> e um pouco mais tarde, às oito e 45 da manhã, chegou à mina de Cuiabá, onde era aguardado pelo diretor da mina de Morro Velho, Sr. Morrison. Antes de percorrer a mina o Imperador almoçou e foi ver uma turbina de queda d’água e os trabalhos de mineração:

Pouco antes das dez fui ver a turbina de queda de água de 50 pés correndo 250 pés cúbicos por minuto com a força de 55 cavalos que comprime o ar que move as brocas do túnel. Passei pelos pilões sistema antigo. A mina dá por hora 2 ½ oitavas ou menos por tonelada. O sistema é o antigo. Está assentado 20 pilões de novo sistema. Entrei no túnel a que faltam ainda 200 a 300 br. até chegar ao veeiro, tendo já 400 br. de comprimento e boa largura e altura. Vi trabalhar duas brocas. Podem trabalhar quatro. Fura cada uma polegada por minuto ou pouco mais de minuto, 250 pancadas por minuto. Num mês abrem-se 13 a 15 braças de túnel. A pedra do túnel é xistosa. O chão do túnel fica a 45 metros se não me engano, inferior ao alto da montanha. O veeiro corre N.O. S.E. .<sup>321</sup>

Em seguida visitou a mina, onde permaneceu aproximadamente uma hora, partindo às onze horas para Caeté. No caminho, D. Pedro II notou as particularidades da região, apontando em seu diário o fato do terreno ser montanhoso e a região, sobretudo, mineradora e criadora. Além disso, registrou também as características climáticas: “Bastante calor que ameaçava chuva sendo indício de tempo incerto o nublamento do cimo da Piedade”.<sup>322</sup>

Durante o percurso, mais uma vez a comitiva era aguardada por uma comissão:

encontrando SS. MM. Imperiais já nos altos d’aquela arraial o digno vice-presidente da câmara municipal, o tenente Emílio Pereira da Silva Grillo, incansável nos preparos para a recepção de SS. MM. Imperiais, levantou vivas a SS. MM. Imperiais, à Dinastia Imperial, e à Nação Brasileira que foram respondidos com entusiasmo tal que formou um eco semelhante ao estampido de um trovão que [*ilegível*] nos vales e serras levando-lhes a notícia de que SS. MM. Imperiais por ali transitavam largando Cuiabá e seguindo para Caeté (*Grifo nosso*).<sup>323</sup>

<sup>320</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 92.

<sup>321</sup> Idem.

<sup>322</sup> Idem.

<sup>323</sup> Idem.

D. Pedro II e D. Teresa Cristina entraram em Caeté acompanhados pelos membros da Câmara Municipal e foram ovacionados por todos que ali se encontravam, “em número superior talvez a quinhentos”.<sup>324</sup>

Apesar do pouco tempo hábil para a organização da cidade, uma vez que a Câmara recebeu a notícia da visita imperial apenas quatro dias antes da chegada dos ilustres visitantes, todos ficaram muito entusiasmados e honrados em receber o Governante do Brasil, e ninguém: “deixou de suplantar sacrifícios, e de envidar esforços por dia e noite a superar o trabalho e impossíveis, desde esse momento em diante, no asseio das ruas, praças, nos edifícios, e nas estradas”.<sup>325</sup>

Com muito empenho a população ornou as casas e as ruas para a festa de recepção:

Ao alvorecer do dia já o povo alegre e apinhado na casa destinada para o palácio de SS. MM. Imperiais a entrada da cidade, se ocupava em ornar suas casas já preparadas com cortinas de seda de diversas cores, em alcatifar o plano da rua e praças com flores colhidas nos jardins particulares, nas serras e prados, e levantarem arcos e orná-los com os vivas a SS. MM. Imperiais e com os dísticos alusivos a um assunto de tanta transcendência! Tudo ficou pronto como foi possível em relação ao tempo empregado. O palácio se ficou pronto com o luxo próprio ao menos aproximou.<sup>326</sup>

No percurso até a freguesia, o Imperador seguiu conversando com o já aposentado, vigário Jacinto: “Homem muito inteligente e dado às boas letras. Pregou aqui por ocasião de minha coroação e recebeu meu Pai”.<sup>327</sup> O vigário presenteou-o com “a cópia da memória de uma décima em português e em latim do senador [*Antônio Gonçalves*] Gomide”.<sup>328</sup> (*Grifo nosso.*).

Os Monarcas chegaram a Caeté pouco depois das 15 horas e foram recebidos entusiasticamente:

S. M. o Imperador ao apaar-se recebeu calorosos vivas até que recebendo S. M. Imperatriz pelo braço com ela seguiu para o paço aonde foram recebidos pelas autoridades e nobres, havendo antes ambos agradecido com a maior benignidade e

<sup>324</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>325</sup> *Idem*.

<sup>326</sup> *Idem*.

<sup>327</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 92.

<sup>328</sup> *Idem*. P. 93.

polidez inerentes à Suas Augustas Pessoas os vivas a SS. MM. Imperiais.<sup>329</sup>

Após a recepção, D. Pedro II deu início às costumeiras visitas, indo até às escolas de ambos os sexos e em seguida à Casa da Câmara e à cadeia:

A casa da Câmara é decente. Os padrões não se guardam aí! Cadeia em parte [*ilegível*] de alçapão, porém melhor que a de Santa Luzia. Livros escritos irregularmente e falta o dos termos de visita. Guardas com clavina. O serviço da polícia na província é muito mal feito (*Grifo do autor*).<sup>330</sup>

Ao retornar do passeio o Soberano tomou banho e às 18 horas e 30 minutos jantou e conversou com o vigário de Caeté. Durante a noite o Monarca recebeu a visita de algumas pessoas, tais como, três asiladas da serra da Piedade em companhia da diretora do asilo: “São 39 pobres e dez que pagam alguma coisa”<sup>331</sup>, e o inglês Edward William Jacobson Lott, com quem falou sobre mineração.

Em suas anotações o Imperador escreveu que estava com muito sono e ansiava por dormir: “Estava com muito sono e custou-me a chegar às nove horas”.<sup>332</sup> Mesmo cansado, escreveu sobre seu dia e ainda leu as anotações de Saint-Hilaire sobre a matriz do Sabará, repousando-se em seguida.

D. Pedro II deixou em Caeté “1:000\$000 para o asilo de meninas desvalidas, fundado pelo respectivo vigário, 200\$000 para o hospital e 200\$000 para os pobres”.<sup>333</sup>

Na segunda feira, dia onze de abril, levantou-se às cinco horas da manhã, tomou um banho de banheira e antes de partir para o Colégio do Caraça, recebeu do vigário uma cópia da inscrição da matriz.

Ao se dirigir para o Caraça, a excursão passou pela casa do Barão de Catas Altas, João Batista Ferreira de Sousa Coutinho, dono de Gongo-Soco até 1825,

<sup>329</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>330</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 92.

<sup>331</sup> Idem. P. 93.

<sup>332</sup> Idem.

<sup>333</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

onde foi construído um arco ao final de um muro, provavelmente como homenagem ao imperador D. Pedro I quando em passagem por Minas Gerais.<sup>334</sup>

Nessa ocasião, o segundo visconde de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant Pontes e o monsenhor José Augusto, também acompanharam o Imperador, que muito conversou com aquele último sobre a irmã Germana, citada pelo viajante August de Saint-Hilaire quando de sua excursão pelo distrito dos diamantes em Minas Gerais. Henri Gorceix, que desde Ouro Preto se integrou à comitiva, permaneceu entre o grupo e como de costume, dialogou com o Monarca sobre os minérios encontrados na região e sobre a flora local: “Gorceix também explicou-me porque não havia árvores frondosas em terreno de salitre; o terreno é aí pouco permeável às raízes”.<sup>335</sup>

No local denominado por D. Pedro II como Ilha, rodeado pelo Ribeirão do Carmo e por um riacho afluente dele, fez-se uma pausa na viagem, devido ao interesse do Monarca em ver separar o ferro do minério:

Queria ver o sistema primitivo de separar o ferro do minério. Botam carvão, acendem-no em uma espécie de buraco de fogão de alvenaria e depois camadas alternadas de jacutinga e carvão até encherem o vão. Depois de quatro horas tiram a lapa de ferro separando com martelo a borra. O ventilador é de água que também o monjolo martinete que bate o ferro [*sic*] e serve também de laminador por esse modo. Disse-me o neto de um fulano Marques dono agora do estabelecimento que separa até 12 arrobas de ferro por dia. Gorceix disse-me que se vende nas circunstâncias de 2 a 3\$000 por tonelada e no Ouro Preto por 12. O carvão também chega a 40 e tantos mil réis no Ouro Preto por tonelada, custando 12, se não me esqueço perto dos lugares onde o fazem em *covas* ou *caieiras* ou *medas* (meules) preferindo o primeiro sistema para o sistema primitivo. A ganga por sua porosidade é preferida para os fornos catalães. A forja que visitei pareceu-me a de Tubalcain (*Grifo do autor*).<sup>336</sup>

Enquanto parte do séquito parou junto ao Soberano para examinar o trabalho da fábrica de ferro, as liteiras seguiram viagem e para alcançá-las foi preciso cavalgar rapidamente. No caminho para a freguesia de São João do Morro Grande, diversos cavaleiros foram ao encontro da comitiva, dentre eles o então

<sup>334</sup> FERNANDES, Luciano de Oliveira. *Sistematização de estratégias de tradução: uma radiografia do processo tradutório da lápide de “Grace”*. In: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1533.pdf> Site visitado em 12 de abril de 2012, às 17:53 h.

<sup>335</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 94.

<sup>336</sup> Idem. P. 95.

deputado geral, Afonso Pena e “A caravana entrou reunida de novo em S. João do Morro Grande pouco depois de 11 ½”.<sup>337</sup>

Ao adentrar no arraial, o Governante observou a similaridade da igreja local com a igreja de Caeté e então salientou que Saint-Hilaire teve razão ao afirmar: “uma das mais belas igrejas que vi na província de Minas”.<sup>338</sup>

Após o almoço, conversou com pessoas da elite local, como por exemplo, com sobrinhas do Barão de Catas Altas, familiares do Barão de Cocais e representantes da Câmara Municipal. Em São João do Morro Grande, D. Pedro II doou a quantia de 200\$000 para os pobres.

---

<sup>337</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 94.

<sup>338</sup> Idem. P. 95.

# **CAPÍTULO 4**

---

---

The title 'CAPÍTULO 4' is centered on the page. Below the text, there are two horizontal lines. To the right of these lines, there are two vertical lines that intersect them, creating a decorative graphic element.



## Capítulo 4 - Colégio do Caraça e Mariana: religiosidade e festividades

Logo após conhecer membros da elite local, mais precisamente às 13 horas e 30 minutos, o Monarca partiu para o Colégio do Caraça.

Afonso Pena acompanhou o séquito até pouco depois de São João do Morro Grande, então se despediu e tomou o caminho de volta para a freguesia. A comitiva seguiu em frente e o Monarca atentava e encantava-se com a beleza da região e da natureza:

Desde que se começa a subir a serra do Caraça cresce a beleza da paisagem, e do alto descobre-se vastíssimo horizonte e depois uma das mais belas cascatas que eu conheço que forma lençóis e tanques e corre depois em fundo vale estreitado pelas montanhas de que já falei. Nunca admirei lugar mais grandiosamente pitoresco do que este.<sup>339</sup>

Em correspondência com a filha, o Imperador a aconselha, assim como à Condessa de Barral e seu filho Dominique, a ler o livro de August de Saint-Hilaire à província de Minas, pois teria a descrição completa e real do percurso, posto que o viajante “Observa muito bem tudo e suas reflexões tem amor para aplicação. [Abordou-me?] no Caraça do pau de jacarandá do Irmão Lourenço. O que S.<sup>te</sup> Hilaire diz d’ele é muito poético”, e completa: “Também nada tenho visto de mais pitoresco do que a serra do Caraça e o lugar do Seminário” (*Grifo nosso*).<sup>340</sup>

A viagem, realizada ao entardecer e à noite, foi iluminada pelo brilho das estrelas e da lua: “Felizmente o belo luar sempre deixa ver um pouco o lugar por onde se anda mesmo debaixo das árvores, e num lugar de grandes lagos, perigoso para liteira alumiaava a lua com todo o seu esplendor. [...] Não posso descrever tanta beleza”.<sup>341</sup>

Em seu diário, D. Pedro II reproduziu o cenário quando, enfim, avistou o Colégio:

<sup>339</sup> VIANNA, Hélio. *Diário da Viagem do Imperador a Minas – 1881*. Ministério da Educação e Cultura. Anuário do Museu Imperial. Volume XVIII: Petrópolis, 1957. P. 96.

<sup>340</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Pedro II a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial*. Fundo: XXXIX-1-22; 1881. Carta de oito de Maio de 1881.

<sup>341</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 96.

Por fim dobrando uma ponta do morro aparece de repente o edifício do Caraça iluminado e de que descem pela encosta duas longas filas de luzes. Altíssimos rochedos em anfiteatro formavam o fundo do quadro. Era bellissimo, mas a lua e as estrelas elevam-me os olhos a maior altura. Apeei-me e subi com as filas das luzes.<sup>342</sup>



Figura 11: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, suplemento ao número 246, 1881. P. 6.

A chegada ao Colégio do Caraça ocorreu por volta das 19 horas e Suas Majestades Imperiais foram recebidas pelos alunos e funcionários:

Às sete horas chegaram ao Caraça, em cuja entrada foram esperados pelos alunos, mais de 300, que de círio na mão e vestidos de batinas, saudaram os imperiais visitantes, ao som de excelente música cuja banda é formada de alunos do mesmo colégio.<sup>343</sup>

Após a recepção, o Monarca conversou com o superior do colégio, padre Júlio José Clavelin e com alguns professores, sobretudo com o professor de história e geografia, padre Socrate Collaro. Em seguida tomou um meio banho e ceou às 19 horas e 45 minutos, e terminado o jantar, informou-se com o padre

<sup>342</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 96.

<sup>343</sup> Idem.

superior sobre as aulas oferecidas no colégio, a fim de visitar as classes no dia seguinte. Ao Soberano foi reservado o mesmo aposento em que seu pai ficou quando visitou a província em 1831.<sup>344</sup>

Na manhã do dia 12, terça-feira, D. Pedro II acordou um pouco mais tarde que o de costume, às seis horas da manhã e logo depois tomou banho de rio: “Sabendo que o Imperador queria tomar banho no rio, o Superior chamou dois fâmulos que o acompanharam até à ponte, ficando discretamente à distância, enquanto S. M. se banhava”.<sup>345</sup> Ao regressar para o colégio, novamente as belezas do percurso o surpreenderam: “De volta admirei as montanhas por detrás da casa entre as quais a chamada Carapuça”.<sup>346</sup>

Às oito horas os Monarcas assistiram uma missa celebrada pelo padre Clavelin no antigo refeitório, onde permaneceram debaixo de um dossel. De acordo com padre Zico: “Os cânticos espirituais foram acompanhados por feliz combinação de harmônio e rabeça”.<sup>347</sup> Posteriormente, acompanhado pelo padre superior, o Imperador dedicou-se a conhecer as dependências do colégio, dentre elas a biblioteca: “Estive na biblioteca onde achei bons livros e edições antigas chamando minha atenção a da Crônica de Eusébio de 1483. Veneza, impressor Arnoldt Augustensis. Há aí uma pequena coleção de minerais quase todos de Minas”.<sup>348</sup>

Em seguida percorreu as salas de aula do Seminário Maior, interrogando os alunos sobre teologia dogmática, moral e história. Na aula de Direito Canônico, D. Pedro II perguntou o que se ensinava sobre o *Placet*, compreendido como o direito do Estado em vetar ou restringir em seus domínios, a aplicação de todas as bulas, cartas e documentos da Igreja, isto é, “de censurar todos os documentos provenientes de Roma, inclusive encíclicas”.<sup>349</sup>

Nesse período: “O seminário era administrado por lazaristas franceses, [...]. Os lazaristas conhecidos por sua posição ultramontana defendiam a supremacia da Igreja sobre o Estado”.<sup>350</sup>

<sup>344</sup> CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1975. P. 1242.

<sup>345</sup> ZICO, Padre José Tobias. *Caraça: peregrinação, cultura e turismo. 1770 – 1975*. Editora São Vicente: Belo Horizonte, MG, s/d. p.62.

<sup>346</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 96.

<sup>347</sup> ZICO. Op. cit. s/d. P. 62.

<sup>348</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 97.

<sup>349</sup> CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 150.

<sup>350</sup> Idem. P. 143.

A questão era delicada, uma vez que em oposição ao ultramontanismo dos padres, estava o Governante brasileiro, que apesar de seguidor da religião católica, era regalista, ou seja, defensor da subordinação da Igreja ao Estado. A oposição de ideologias entre Igreja e Estado gerou conflitos na década de 1870, na denominada Questão Religiosa.

Até meados da década de 1840, a Igreja no Brasil dependia mais do Estado que de Roma.<sup>351</sup> Porém, a relação entre o Estado e a Igreja começou a se modificar durante o reinado do papa Pio IX (1846-1878), que exigiu a centralização da Igreja em questão de doutrina e de governo eclesiástico, visando dessa forma, que a instituição religiosa ficasse sob o domínio romano e não sob o domínio do Estado. Pio IX ficou conhecido por seu ultramontanismo declarado: “Em seus 32 anos de governo, ganhou a fama de ter sido o mais reacionário e ultramontano dos papas até então”.<sup>352</sup>

Em 1864, o papa publicou o *Syllabus de Erros*, uma listagem de 80 erros por ele condenados, tais como: a separação entre Igreja e Estado; a supremacia civil sobre o direito eclesiástico; a presença de maçons na religião católica e a ilegalidade do *placet*. Contudo, o *Syllabus* não teve vigência no Brasil, pois D. Pedro II usou seu direito de *placet* e não o aceitou.

O impacto do *Syllabus* cresceu quando, em 1870, foi aprovada pelo Concílio de Trento, a infalibilidade papal, ou seja, a centralização institucional da Igreja Universal no papado. Alguns membros ultramontanos da hierarquia religiosa no Brasil, abraçaram a decisão, mesmo em desacordo com a Coroa.

O Governante se viu então obrigado a agir em nome do poder do Estado:

para compensar a centralização do papado, as autoridades incrementaram mais o recurso à Coroa. “Uma espécie de nacionalismo exaltado incitava os estadistas do Império a defender intransigentemente a autoridade do Estado contra o que era acusado de ser fanatismo da Cúria Romana.”<sup>353</sup>

Em 1868, o bispo do Rio de Janeiro, padre Pedro Maria de Lacerda, causou agitações na Corte. Adepto do *Syllabus*, o bispo procurou implantar em sua diocese as lições aprendidas com seu mestre, D. Antônio Viçoso, bispo de

<sup>351</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 150.

<sup>352</sup> Idem. P. 151.

<sup>353</sup> BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974. P. 59.

Mariana, um dos principais pregadores da Reforma Ultramontana no país. A intenção era controlar as ações das irmandades, que para D. Lacerda, gozavam de ampla autonomia. O bispo e seus seguidores resolveram estipular uma forma de enquadramento para essas irmandades, onde a autoridade clerical seria dominante e a autonomia dos leigos na direção da associação seria restrita.

Para os bispos reformadores, a ação das irmandades fugia da autoridade clerical e tal insubordinação era alimentada pelas prerrogativas a elas concedidas pelo Estado, o que limitava o poder eclesiástico sobre elas, como afirmou um artigo do jornal *O Apóstolo*.<sup>354</sup>

Em 1872, ao tentar suspender um padre maçom, D. Lacerda foi acusado de ser ultramontano. Ao perceber que a ocorrência ganhou proporções muito grandes, causando reação no governo e na imprensa maçônica, acabou por recuar.

Entretanto, seguindo a mesma linha de atuação, encontrava-se D. Vital Maria de Oliveira. D. Vital estudou na França e por insistência de D. Pedro II foi nomeado bispo. Em 1872, ordenou que os maçons fossem expulsos das irmandades religiosas e como sua ordem não foi cumprida, lançou uma interdição sobre as irmandades. No ano seguinte, D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará, fez o mesmo.<sup>355</sup>

As irmandades apelaram contra a interdição e seus membros dirigiram-se ao governo imperial, alegando que os documentos papais que excomungavam os maçons, não tinham o *placet* do governo, como exigia a lei brasileira.<sup>356</sup> A questão foi enviada ao Conselho de Estado, que concluiu que os bispos haviam extrapolado sua jurisdição e se insubordinado às leis do Império. Assim sendo, o Conselho Nacional ordenou que os bispos suspendessem a interdição contra as irmandades. Como a resposta dos religiosos foi negativa, teve início um conflito direto com o poder do Estado: “Foram acusados perante o Supremo Tribunal de Justiça e condenados, em 1874, a pena de quatro anos de prisão com trabalhos forçados, sentença que foi logo comutada por prisão simples”.<sup>357</sup>

---

<sup>354</sup> OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Os bispos e os leigos: reforma católica e irmandades no Rio de Janeiro imperial. In: *Devoção e Caridade: Irmandades Religiosas no Rio de Janeiro Imperial (1840-1889)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1995. P. 151.

<sup>355</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 152.

<sup>356</sup> Idem.

<sup>357</sup> Idem.

Em 1875, o Monarca concedeu exoneração a Rio Branco e o Duque de Caxias assumiu o novo Ministério. Para Caxias, o único meio possível para se conseguir a suspensão dos interditos por meio da Santa Sé, seria conseguindo a anistia dos bispos. Solicitou então a aprovação de D. Pedro II, que acabou cedendo ao pedido, afinal Caxias impusera: “a anistia ou a retirada do Gabinete”.<sup>358</sup> Para o Imperador, os bispos deveriam sofrer as consequências de seus atos, posto que violaram as leis do Império, contudo, mesmo não concordando com a anistia, a concedeu em 17 de setembro de 1875. Mesmo com a concessão, “as relações entre Igreja e Estado ficaram para sempre arranhadas”.<sup>359</sup>

Ao indagar sobre o ensino do *placet* no colégio, o Governante agitou uma “caixa de marimbondos”.<sup>360</sup> O professor da disciplina, padre João Chanavat, convidou o seminarista Rodolfo Augusto de Oliveira Pena para discorrer sobre o que aprenderam. O aluno “começou dizendo ser falsa e contrária aos ensinamentos do Concílio Vaticano a doutrina que julgava necessário o Placet para que os atos pontifícios tivessem força de lei num país católico”.<sup>361</sup>

A resposta incomodou o Monarca e como se a explicação do seminarista não fosse suficiente, o professor pediu ainda, que ele expusesse quantos poderes haviam na sociedade e o aluno afirmou que haviam dois poderes, o eclesiástico e o civil, e:

acrescentou que ambos os poderes eram distintos e livres na sua esfera; mas que o eclesiástico, o qual tem objeto mais alto, o bem sobrenatural e eterno, e extensão territorial maior, pois abrange o mundo todo, enquanto o poder civil tem por objeto imediato o bem temporal e se limita a cada nação em particular.<sup>362</sup>

Ao ouvir a assertiva, D. Pedro II interrompeu a explicação e perguntou o que era feito quando se tratava de questões mistas. O professor tomou a palavra e afirmou que, nesse caso, a decisão caberia à Igreja. Instantaneamente o Imperador

---

<sup>358</sup> LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II, 1825-1891*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977. Vol. 2. P. 217 e 218.

<sup>359</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 156.

<sup>360</sup> ZICO. Op. cit. s/d. P. 63.

<sup>361</sup> Idem. P. 64.

<sup>362</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. *Memórias – Caraça – Visita de D. Pedro II – 1878-1898*. Fundo: Livros Diversos – Armário VII – Prateleira 4. P. 24 (Carta remetida pelo Colégio do Caraça ao Bispo de Mariana).

discordou: “Como Chefe do poder civil, e defensor nato da Constituição brasileira, protesto”.<sup>363</sup>

Em carta ao bispo de Mariana, o padre Clavelin afirmou que: “Os rostos dos Seminaristas, que até então mostraram grande alegria pela presença do Monarca, cobriram-se logo de uma expressão de tristeza, manifestando assim a profunda mágoa que lhe causara tal protesto”.<sup>364</sup>

Ao perceber que o professor permaneceu disposto a provar a superioridade da Igreja sobre o Estado, o padre superior propôs que outros assuntos fossem abordados. Como para Chanavat a discussão não havia terminado, quando o Soberano passou por um grupo de seminaristas, o padre lhe disse que “não admitia o seu protesto, e que era escandaloso um Monarca Católico protestar contra a doutrina da Igreja e diante de alunos de Teologia”.<sup>365</sup>

Apesar do desacato, D. Pedro II

respondeu que admitia o poder eclesiástico para as causas espirituais; mas como o lente acrescentara que também o devia admitir para as questões mistas, S. M. não respondeu diretamente, afirmando só que é Católico, mas tolerante, enquanto o lente é intolerante.<sup>366</sup>

Após o ocorrido, o Imperador conversou com o padre Clavelin e afirmou que era contrário a abusos de autoridade eclesiástica, e que nessas circunstâncias, as decisões não caberiam unicamente à apreciação do clero.

Coincidência ou não, nesse contexto, a *Revista Ilustrada* publicou uma caricatura, acompanhada por uma nota, que acreditamos estar relacionada ao incidente: “As coisas não andam boas; o Padre Eterno está zangado... Horríveis terremotos tem abalado o velho mundo!”.<sup>367</sup>

<sup>363</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. *Memórias – Caraça – Visita de D. Pedro II – 1878-1898*. Fundo: Livros Diversos – Armário VII – Prateleira 4. P. 24 (Carta remetida pelo Colégio do Caraça ao Bispo de Mariana).

<sup>364</sup> Idem.

<sup>365</sup> Idem.

<sup>366</sup> Idem.

<sup>367</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 245, 1881. P. 4.



Figura 12: AGOSTINI, Angelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 245, 1881. P. 4.

Possivelmente, a fim de evitar maiores repercussões, o padre Clavelin, ao enviar explicações ao bispo de Mariana, solicitou que sua carta não chegasse à imprensa, pois poderia prejudicar o Monarca:

Me parece que já houve demasiado barulho ao redor deste fato, por isso peço a V. E. de não mandar minha carta para ser publicada nas folhas. O Caraça nada tem que perder, mas haveria talvez algum inconveniente em o Imperador ser conhecido pessoalmente oposto à doutrina ensinada pela Igreja, de hum modo tão claro e manifesto.<sup>368</sup>

Em um trecho da correspondência, a insatisfação do padre superior em relação ao acontecimento, tornou-se evidente: “é um espetáculo contestador ver a doutrina católica combatida por quem jurou protegê-la”.<sup>369</sup>

Eram os reflexos da Questão Religiosa e a divergência entre as duas instâncias ocupando a cena no seminário.

Por fim, o incidente foi “esquecido” e D. Pedro visitou o restante do estabelecimento, e assistiu às outras aulas: “Assisti a todas as classes onde gostei em geral do modo porque os estudantes respondiam. Desagradando-me as de álgebra e aritmética. Os professores a meu pedido chamavam os mais

<sup>368</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. *Memórias – Caraça – Visita de D. Pedro II – 1878-1898*. Fundo: Livros Diversos – Armário VII – Prateleira 4. Folha avulsa entre as páginas 23 verso e 24.

<sup>369</sup> Idem. P. 24 verso.



adiantados”.<sup>370</sup> A visita às salas de aula terminou às 16 horas e 45 minutos, em seguida o Imperador foi até a oficina do padre Luís Gonzaga Boavida: “Admirei aí o seu trabalho de órgão. A madeira preta das teclas é belíssima”.<sup>371</sup>

Após as inspeções, o Monarca jantou e logo depois foi ao Monte Calvário e seus arredores:

Subida ao pequeno morro de pedra do Calvário de onde a vista era belíssima sobretudo do lado da montanha da Carapuça com matizes róseos e violáceos do pôr do sol. Olhei bem para todas as montanhas que cercam o edifício. [...] Fui depois por um caramanchão onde está o chamado Quiosque até a represa de água em que se espelhava a lua. A noite está belíssima. [...] Avistei do Calvário a horta muito viçosa tem bois para carroto e 300 para corte.<sup>372</sup>

Ao retornar do passeio, D. Pedro II entrou no colégio pela cozinha e seguiu para a farmácia, dirigida por um dos padres: “Tem pequena enfermaria perto de cada dormitório e quartos para doentes graves. O médico Dr. Figueiredo vem de 15 em 15 dias quando não seja chamado para qualquer caso extraordinário e grave”.<sup>373</sup>

À noite, o Monarca foi homenageado em uma sessão solene: “Reuniram-se os professores e os estudantes na Capela que se constrói iluminada com velas em lustres de papel. O espetáculo era muito belo”.<sup>374</sup> Durante a cerimônia foram pronunciados discursos nas línguas francesa, latina, portuguesa, hebraica, grega, inglesa, italiana, espanhola e alemã:

Dirigiram-me discursos em francês Clavelin; latim e grego o grego de Constantinopla, professor de história e geografia; hebraico o padre Lacoste, espanhol um empregado da casa ex-oficial de cavalaria espanhol, inglês o professor de inglês, português o desta língua, e italiano um estudante Tertuliano Ribeiro de Almeida que pronunciou tão mal como o de inglês.<sup>375</sup>

---

<sup>370</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 97.

<sup>371</sup> Idem.

<sup>372</sup> Idem.

<sup>373</sup> Idem. P. 98.

<sup>374</sup> Idem.

<sup>375</sup> Idem.

Em agradecimento à homenagem: “S. M. o Imperador respondeu em hebraico, italiano e espanhol aos que recitaram discursos nessas línguas”.<sup>376</sup>

Logo em seguida a banda dos seminaristas dedicou um hino à Imperatriz e o superior levantou “vivas à religião do Estado, à Suas Majestades e à Família Imperial”.<sup>377</sup> A banda, considerada sofrível pelo Monarca, cantou “uns versos franceses antes de oferecerem um ramo com os versos acompanhados de flores pintadas pelo professor de desenho à imperatriz”.<sup>378</sup> Após a apresentação o Monarca se recolheu.

No dia 13, D. Pedro II acordou bem cedo e às cinco horas e 20 minutos, desceu a pé uma ladeira íngreme e mal calçada do colégio,<sup>379</sup> e aí escorregou e caiu. O incidente é lembrado até os dias de hoje, uma vez que a pedra onde possivelmente caiu, tem uma proteção ao seu redor e nela está escrito P II e o ano de 1881, além do desenho do brasão do Império.

Antes de partir do Colégio do Caraça, o Imperador doou “200\$ para os pobres e 500\$ para auxílio às obras da igreja ali em construção”.<sup>380</sup> A partida foi realizada às cinco e meia da manhã, e às nove e meia da manhã os visitantes chegaram a Catas Altas, onde novamente foram recebidos “pelo deputado Afonso Pena e mais de 400 cavaleiros”.<sup>381</sup> Tratava-se de uma “Freguesia de bastantes casas, bonita igreja, cujas torres tem remate um pouco extravagante e muito bem situada com a pitoresca serra do Caraça defronte para o ocidente, a qual torneamos”.<sup>382</sup>

A permanência da comitiva na cidade não foi prolongada, praticamente após o almoço os visitantes já se preparavam para a partida. Durante o tempo em que esteve em Catas Altas, o Imperador entregou “diversas cartas de liberdade concedidas pelo inglês diretor da mina de Cocais”,<sup>383</sup> e antes de dar prosseguimento à viagem, “Aí deixou S. M. o Imperador 400\$ para os pobres”.<sup>384</sup>

Após a entrega das cartas de alforria, os viajantes seguiram para Mariana, passando pelo arraial d'Água Quente. Parte da estrada após o arraial, não estava

---

<sup>376</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de abril de 1881. P. 1.

<sup>377</sup> *Idem*.

<sup>378</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 98.

<sup>379</sup> *Idem*.

<sup>380</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de abril de 1881. P. 1.

<sup>381</sup> *Idem*.

<sup>382</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 98.

<sup>383</sup> *Idem*.

<sup>384</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

em boas condições, sendo difícil transportar as liteiras. Mesmo com algumas dificuldades, a comitiva alcançou o arraial do Inficcionado, aí D. Pedro II recebeu a notícia da morte do Barão de Taunay, a qual muito sentiu.

Em seguida a comitiva passou pelos arraiais de Bento Rodrigues e de Camargos: “Pouco adiante vieram ao encontro cavaleiros entre os quais o Gentil [*José de Castro*], Carlos de Assis Figueiredo e seu sogro, e o diretor da companhia da mina da passagem [*Joseph R.*] Patridge [...]”.<sup>385</sup> Os viajantes chegaram a Mariana na companhia dos ilustres cidadãos.

Os preparativos para a festa na cidade estavam em andamento há algum tempo, porém, o bispo da cidade, D. Antônio Maria Correa de Sá e Benevides, demonstrava preocupação com os detalhes, uma vez que, juntamente com a comissão nomeada pela Câmara Municipal, era responsável pela formulação do programa de recepção à Suas Majestades Imperiais.

Em correspondência com a comissão, D. Benevides expressou sua preocupação quanto à chegada de D. Pedro II e D. Teresa Cristina, pois não havia sido confirmado se eles chegariam pelo Paço da Câmara, pela Catedral da Sé, ou pela Igreja São Pedro. Assim sendo, era necessário:

distinguir se S.S.M.M. querem vir de Carro até a porta da Sé, ou se querem apear-se em S. Pedro. No primeiro Caso, o Bispo e o Clero, bem como a Ilustríssima Câmara devem esperar S.S.M.M. à porta da Catedral, tomando os Ilustríssimos Vereadores, trajados com os competentes uniformes, as varas do pátio até a Capela do S.S. Sacramento, onde S.S.M.M. farão oração, e o Bispo fará o que está prescrito no Pontifical. Se S.S.M.M. entrassem no Domingo de Ramos, ou Segunda ou terça-feira da Semana Santa, deveria haver Te – Deum – solene: entrando porém na 4ª feira o Te – Deum não pode ter lugar. No 2º Caso, isto é, se S.S.M.M. quiserem apear em S. Pedro, então o Bispo, o Cabido e o Clero da Cidade, a Ilustríssima Câmara, e todos os funcionários públicos, com suas insígnias, deveriam formar o préstito, tomando os Ilustríssimos Vereadores as Varas do pátio, e o préstito seguiria por entre alas da tropa, que deveria dispor-se sendo possível até a Catedral: sendo porém pequeno o número de Soldados, bastará que façam a devida Continência, tocando-se o hino Nacional e depois acompanhará o préstito atrás do pátio. Penso que devem neste caso estar três bandas de Música dispostas, uma em S. Pedro, outra na porta do Paço da Câmara, e outra a porta da Sé. As ruas em qualquer dos dois casos devem ser convenientemente ornadas com arcos e

---

<sup>385</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 99.

flores, e as janelas guarnecidas festivamente. Quanto á ordem do préstito dependerá do pessoal que se apresentar.<sup>386</sup>

Ainda no dia 13, antes de chegarem a Mariana, os visitantes passaram próximo à mina do Morro de Santana e em seu diário, o Imperador observou que:

Todos os povoados revelam mais ou menos decadência. St. Hilaire diz: “En peu d'années un petit nombre d'homens auront ravagé (pela mineração) une immense province et ils pourront dire: He terra acabada!” Contudo essas minas abandonadas são de novo trabalhadas pela indústria, melhoradas pela ciência e disseram-me em Caeté que a vida reaparece.<sup>387</sup>

A estrada que levava à Mariana encontrava-se em melhores condições que as demais: “O caminho não é mau agora que não tem chovido foi muito reparado, porém há ladeiras íngremes e com pedras por onde não podiam passar os carros”.<sup>388</sup> Mesmo assim, os carros não passaram facilmente:

A viagem de SS. MM. foi penosa: sobre a distância de onze léguas que se marca do Caraça à Mariana, acresce mais a circunstância da ingratidão do terreno para dele se fazer uma boa estrada. Lutando, entretanto, com todas estas dificuldades chegaram felizmente a Mariana.<sup>389</sup>

Suas Majestades Imperiais chegaram à localidade durante a noite e acompanhados pelos cavaleiros com quem se encontraram depois do arraial de Camargos, foram recebidas com euforia:

Às nove horas da noite fizeram os Augustos Imperantes a sua entrada. O troar de inúmeras girândolas que subiam aos ares, e os sons alegres e festivos dos sinos, bem demonstravam o contentamento de que naquele instante eram possuídos os Marianenses, contentamento este ainda mais sensivelmente manifestado por imensos vivas partidos de todos os pontos, e miríades de flores que de muitas janelas eram espargidas sobre os carros que conduziam os augustos hóspedes. A cidade estava brilhante e simetricamente iluminada. Muitos arcos se erguiam aqui e ali, cujas luzes produziam o mais deslumbrante efeito. As

<sup>386</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. *Memórias – Caraça – Visita de D. Pedro II – 1878-1898*. Fundo: Livros Diversos – Armário VII – Prateleira 4. P. 21 verso.

<sup>387</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 100. Observação: Interpretamos a frase em francês escrita por Saint-Hilaire da seguinte maneira: “Em poucos anos um pequeno número de homens devastaram (pela mineração) uma província enorme e eles podem dizer: É terra acabada”. (*Grifo do autor*).

<sup>388</sup> Idem. P. 99.

<sup>389</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 18 de Abril de 1881. P. 2.

casas igualmente mostravam um aspecto atraente, já pelo bom gosto da iluminação, já pelo bem acabado de outros enfeites.<sup>390</sup>

O Monarca atentou para a boa qualidade das casas e elogiou as iluminações, dirigindo-se então para o Palácio dos Bispos, atual Museu da Música, onde ficou hospedado e foi recebido pelo bispo D. Antônio Maria Correia de Sá e Benevides, “que antes se passara para o Seminário”.<sup>391</sup> A fim de hospedar o casal, o Palácio passou por melhorias: “Sabe V. Ex.<sup>a</sup> que se fizeram no palácio Episcopal obras para a recepção de S.S.M.M.II e que foram comprados móveis e alfaias para sua decoração”.<sup>392</sup>

Ao chegarem ao Palácio Episcopal, D. Pedro II e D. Teresa Cristina foram ovacionados pela multidão que os aguardava. Logo que se acomodaram, o jantar foi servido e em seguida Suas Majestades se recolheram em seus aposentos, não assistindo ao ofício de trevas para o qual eram aguardados:

Por falta de acordo esperaram com as trevas até minha chegada, contudo eu falara com o bispo de modo a começarem-nas às cinco mesmo que eu não estivesse. Despedindo-se o bispo de mim a fim de eu poder descansar julguei-me dispensado de assistir às trevas. Irei às de amanhã e de sexta-feira, o que não faço no Rio.<sup>393</sup>

No dia 14 de abril, quinta-feira, o Imperador se levantou às cinco e meia, e às oito horas confessou ao “monsenhor Joaquim Silvério Pimenta” e comungou “na capela do palácio episcopal onde estou e que tem Sacramento”.<sup>394</sup> “Suas Majestades confessaram-se e receberam a sagrada comunhão na quinta-feira santa, cujos atos estiveram soleníssimos, com grande assistência de povo”.<sup>395</sup>

Em seguida assistiram à uma celebração religiosa realizada na Catedral da Sé:

Às 10 horas da manhã, a catedral estava majestosa! Um espaçoso estrado coberto com ricos tapetes, e uma mesa, estavam no meio do templo. Ao som de *Ecce Sacerdos*, entoado

<sup>390</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 18 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>391</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>392</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Móveis do palácio por ocasião da visita do Imperador. In: *Visita Imperial a Mariana – Correspondência com o Império – 1881*. Fundo: Dom Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides (1877-1896). Arquivo 2 – Gaveta 3 – Pasta 17. P. 1.

<sup>393</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 99.

<sup>394</sup> Idem. P. 101.

<sup>395</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

na sacristia, começaram a mover duas alas de sacerdotes, em número de 12 e 7 diáconos, depois o Cabido, que era dirigido pelo seu ilustre Prelado. Em boa ordem dirigiu-se a procissão para a porta da catedral, onde cumpria aguardar-se a chegada de Suas majestades, e, depois de breve oração, todos tomaram seus lugares competentes. (...) Durante a missa, que era ouvida com toda a atenção por Suas Majestades e pelo povo houve a tocante e instrutiva cerimônia da benção dos santos óleos, que remonta aos tempos apostólicos. (...) Tornou o Exm. Sr. Bispo para o altar, e a hóstia que foi consagrada para o dia seguinte foi levada com toda a pompa e reverência para o túmulo, que era cercado de mil luzes. Conduziam as varas do pálido, Sua Majestade, o Exm. Sr. Ministro, semanários e barão de Maceió.<sup>396</sup>

Após a celebração o jantar foi servido e às 18 horas e 45 minutos o Governante novamente se encontrava na igreja matriz, onde assistiu ao lava-pés do bispo. Assim como pela manhã, mais uma vez o casal foi aguardado à porta da catedral e iniciada a cerimônia, a pregação ficou a cargo do cônego Bernardino Brandão, que aproveitou a ocasião para enaltecer a fé dos Monarcas:

No exórdio expandiu-se o orador Rvm. Sr. Cônego Bernardino Ferreira Brandão em belíssimos pensamentos, que manifestavam os extremos de sua gratidão ao Deus das misericórdias, por haver conduzido ao interior de Minas Suas Majestades. Pôs em relevo aquele grandioso ato que Suas Majestades haviam praticado pela manhã, com a recepção da Santíssima Eucaristia. “Vieram Vossas Majestades, com seu efficacíssimo exemplo, disse o orador, animar a fé de uns, despertar a piedade de outros, e edificar sem exceção a todos, mostrando como o homem não se abate, quando curva o colo à suprema grandeza de Deus, porque este rendimento é que dá verdadeiro esplendor às coroas e cetros dos grandes monarcas do mundo”.<sup>397</sup>

Assim que a cerimônia chegou ao fim, D. Pedro II acompanhou o bispo até a Igreja de São Francisco de Assis, onde o Sacramento estava em exposição. Ao saírem da igreja, o Imperador regressou à matriz e assistiu às trevas, chegando em casa apenas às 23 horas e 20 minutos.

É importante ressaltarmos aqui, a abordagem e até mesmo o estudo constante que o Monarca fez da obra de Saint-Hilaire, uma vez que

<sup>396</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. *Visita Imperial a Mariana – Correspondência com o Império – 1881*. Fundo: Dom Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides (1877-1896). Arquivo 2 – Gaveta 3 – Pasta 17. P. 3 e 4.

<sup>397</sup> Idem. P. 4.

constantemente encontramos citações sobre o naturalista no diário de viagem. Dessa forma, percebemos que além de salientar a rotina de seu dia, D. Pedro II buscava fundamentar suas observações a partir dos escritos do naturalista, demonstrando assim, que mesmo em viagem, destinava parte de seu tempo ao estudo e ao aprofundamento de seus conhecimentos.<sup>398</sup>

Na manhã de 15 de abril, o Imperador analisou processos até às nove horas, em seguida almoçou e pouco depois das dez horas, assistiu ao ofício, que terminou pouco antes das 14 horas. Após o ofício, houve adoração da cruz e nessa ocasião, o Soberano elogiou a pregação do padre João Batista Cornaglioto: “O pregador Corneliotto agradou-me. É padre de talento e instrução e houve momentos em que revelou muito sentimento”.<sup>399</sup>

Durante a tarde D. Pedro II assinou decretos de perdão e comutações: “Na sexta-feira, S. M. o Imperador lavrou um decreto comutando e perdoando a 18 infelizes que se achavam condenados”.<sup>400</sup>

Das 17 horas e 30 minutos, até às 20 horas, o Monarca esteve na igreja, onde assistiu o ofício de trevas. Após a celebração, encaminhou-se até a residência onde se encontravam o presidente da província e o ex-presidente, Quintiliano José da Silva, com quem conversou antes de passar a Procissão do Enterro. Aproximadamente três mil pessoas seguiram o préstito, que liderado pelo reverendo Cornaglioto, emocionou a todos.<sup>401</sup> Nas páginas de seu diário, o Imperador fez anotações sobre a cerimônia: “As longas caudas dos cônegos arrastando pela rua produziam um efeito majestoso. A princípio pareciam a sombra dos corpos”.<sup>402</sup> Depois do movimentado dia, D. Pedro II retornou ao Palácio e se recolheu, retomando no dia 16, sábado, o roteiro programado previamente.

Pela manhã, recebeu Robert Wendeborn, “enviado da Companhia que administra a mina de Passagem”,<sup>403</sup> de quem recebeu uma coleção de minerais variados. Assim que o visitante se despediu, o Monarca tomou banho numa fonte

<sup>398</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 100.

<sup>399</sup> Idem. P. 101.

<sup>400</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 18 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>401</sup> Idem.

<sup>402</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 101.

<sup>403</sup> PIRES, João Ricardo Ferreira. *Notas de um diário de viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)*. Dissertação apresentada na Pós-Graduação em História/UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de mestre. Belo Horizonte: 2007. P. 119.

localizada no jardim da residência e em seguida dedicou-se à leitura de notícias científicas. Às nove horas o almoço foi posto à mesa e após a refeição, partiu para a matriz, onde participou dos ofícios religiosos.

O ofício teve início às dez horas da manhã e terminou às 14 horas, e quando chegou ao fim, o Imperador retornou ao palácio e logo depois visitou a aula de meninos, não a apreciando muito, e a de meninas, agradando-lhe a maestria da professora e o asseio do estabelecimento.<sup>404</sup>

Ao deixar a escola, foi até a Igreja São Pedro: “Fui até o alto onde se começou a construção da Igreja de S. Pedro, que pena é não acabarem pois é a mais bela externamente das de Mariana”.<sup>405</sup> Ressaltou ainda, que da igreja se tinha uma bela vista para a cidade e que bebera “excelente água de um chafariz”,<sup>406</sup> localizado ali perto.

Da igreja seguiu para o Seminário, sendo recebido festivamente pelos seminaristas: “À sua chegada muitas girândolas subiram ao ar, e a banda de música, composta dos alunos, entoava o majestoso hino nacional”.<sup>407</sup>

D. Pedro II admirou o latim pronunciado por dois alunos, não tendo gostado, no entanto, das respostas obtidas na aula de geometria. Ao retirar-se do Seminário, retornou ao palácio e pouco antes das 19 horas jantou. Após o jantar recebeu as pessoas interessadas em cumprimentá-lo e em seu diário citou uma visita em especial: “Vieram dois índios um velho que fala bem português e outro moço que apenas o entende”.<sup>408</sup> Os índios eram da tribo Nak-na-nuk, cuja língua era conhecida pelo Monarca: “Noutro livrinho escrevi algumas palavras da língua deles, dos Nak-na-nuks aliás já bem conhecida”.<sup>409</sup>

Na manhã do dia 17, domingo, mais uma vez o Imperador tomou banho no jardim e às sete horas saiu para visitar a cadeia e a Casa da Câmara, onde percebeu, como o de costume, que os padrões métricos não estavam bem guardados: “Casa da Câmara. Boa. Padrões métricos tratados com descuido. Cadeia boa, mas com presos demais. Enfermeira pestilencial pelo mau cheiro. Livros como sempre irregulares”.<sup>410</sup> Durante a inspeção, D. Pedro II foi

<sup>404</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 101 e 102.

<sup>405</sup> Idem. P. 102.

<sup>406</sup> Idem.

<sup>407</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 18 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>408</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 102.

<sup>409</sup> Idem.

<sup>410</sup> Idem.



acompanhado pelo Barão Nogueira da Gama e pelo conselheiro José Rodrigues de Lima:

Às sete horas da manhã do dia 17 de Abril do corrente ano de 1881, S. M. o Imperador, seguido do camarista Barão Nogueira da Gama, ministro da marinha Dr. José R. de Lima Duarte, dirigiu-se ao paço da câmara municipal, ali presentes o presidente da província, Dr. José Francisco Netto, juiz de direito, Dr. José Antônio Alves de Brito, delegado de polícia, Joaquim da Silva Braga Breyner, câmara municipal e pessoas gradadas d'esta cidade, foi recebido e introduzido nos salões do paço, que logo passou a percorrer, indagando tudo minuciosamente e mostrando-se satisfeito com as informações, que lhe dava o presidente da câmara, major Firmino Ferreira da Costa; descendo às prisões S. M. examinou-as e manifestou ao Sr. delegado de polícia sua satisfação, por ver que n'elas havia o asseio desejável.<sup>411</sup>

Os vereadores solicitaram ao Monarca que assinasse um livro da casa, “para que a notícia de tão distinta honra chegue à mais remota posteridade e com ela a expressão do mais profundo reconhecimento d'esta Câmara”.<sup>412</sup>

Em seguida visitou as igrejas do Carmo, julgando-a elegante, e a de São Francisco. As festas religiosas do domingo de Páscoa duraram das dez horas até aproximadamente meio dia e meia. A pregação ficou a cargo do cônego Honório Benedito Ottoni e de acordo com o Imperador, poderia “fazer melhor sermão”.<sup>413</sup>

Retornou então ao Palácio, descansou um pouco e voltou a sair, indo conhecer o estabelecimento das irmãs de caridade, o Colégio Providência: “O colégio tem 142 pensionistas e 58 pobres separadas umas das outras embora podendo comunicar-se. Muito asseio e ordem”.<sup>414</sup> Suas Majestades Imperiais foram recebidas pelas irmãs e alunas: “Aí, uma órfã educanda, [...], proferiu uma saudação em francês a SS. MM. Todo o auditório mostrou-se preso à voz da gentil e inteligente oradora. Findo o discurso, S. M. o Imperador a abraçou e beijou-lhe a frente”.

Além de visitar o colégio, D. Pedro II visitou também o Hospital de Misericórdia, “quase que unicamente para mulheres – 68 – que pareceram-me antes inválidas. Os edifícios são da mitra. Cada pensionista paga 20\$000 por

<sup>411</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 24 de Maio de 1881. P. 3.

<sup>412</sup> Arquivo da Câmara Municipal de Mariana, *Códice 230: Livro de atas das sessões da câmara: 1876 – 1885*. DVD 032. Imagem 168, página 167 e 167 verso.

<sup>413</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 102.

<sup>414</sup> *Idem*.

mês”.<sup>415</sup> Do hospital voltou ao Palácio dos Bispos e se preparou para ir à mina da Passagem: “SS. MM. tomaram a estrada do arraial da Passagem, onde foram examinar os trabalhos de mineração de uma companhia que outrora ali existira e de uma outra que no mesmo lugar se pretende estabelecer”.<sup>416</sup> Sobre o passeio, que durou aproximadamente uma hora, o Monarca relatou:

Agora só a tem esgotado por meio de bomba movida por água. É trabalhada desde 1713. A água tinha sido causa sobretudo da interrupção dos trabalhos. Acompanharam-me Patridge, Wenderborn e Monchot. Gostei muito do segundo. Esperam tirar muito ouro do veieiro que vi bem. [...] A mina da Passagem é de quartzito e vi um trabalhador separar facilmente o ouro, que logo pintou, na bateia.<sup>417</sup>

Antes de regressarem a Mariana, o Governante foi: “medir com os olhos de um pequeno teso o abismo por onde corre o ribeirão”.<sup>418</sup> De acordo com Fabiano Reis Silva, o Cânion do Ribeirão do Carmo:

caracteriza-se como um desnível topográfico escavado pelas águas do Ribeirão do Carmo, que se estende por cerca de 10 km, entre as margens da BR 356 no bairro de Bauxita em Ouro Preto e Mariana. No local, aparecem alguns dos marcos mais representativos da riqueza do ouro no Quadrilátero Ferrífero, como o Morro Santo Antônio e a antiga Mina da Passagem.<sup>419</sup>

D. Pedro II e a Imperatriz chegaram ao Palácio às 17 horas e 30 minutos, e durante a noite o Monarca muito conversou com D. Benevides, então responsável pela construção do estabelecimento para as aulas primárias na cidade, e com o monsenhor e cônego D. Silvério Gomes Pimenta, a quem indicou algumas leituras: “Indiquei-lhe as obras de l’abbé Vigouroux e de Maspero que ele não conhecia”.<sup>420</sup> O Soberano conversou ainda com o padre Sípolis, que lhe falou

---

<sup>415</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 102.

<sup>416</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 18 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>417</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 102 e 103.

<sup>418</sup> Idem. P. 103.

<sup>419</sup> SILVA, Fabiano Reis. *A paisagem do quadrilátero ferrífero, MG: potencial para o uso turístico da sua geologia e da sua geomorfologia*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Belo Horizonte, 2007. P. 104.

<sup>420</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 103.

sobre seus estudos e descobertas na natureza. D. Pedro registrou no diário que “a conversa de Sípolis é muito interessante e seu ar extremamente simpático”.<sup>421</sup>

A noite de domingo para segunda foi bastante chuvosa, mas felizmente a chuva cessou e a comitiva imperial pôde partir de Mariana na manhã do dia 18. O Imperador destinou para a localidade, a quantia de “1:340\$ para diversos fins pios, e 400\$ para uma casa de instrução”.<sup>422</sup> Às seis horas o séquito partiu para a mina do Morro de Santana de Maquiné, a fim de conhecer “o novo mecanismo aí assentado para a extração da água da mina”.<sup>423</sup>

D. Pedro II percorreu as galerias, observou o uso da nova bomba hidráulica, recém saída de seu “período de teste” e examinou todos os detalhes que lhe foram possíveis:

Vi primeiro a bomba hidráulica cujo motor é uma máquina de vapor de 30 cavalos. A bomba começou hoje a trabalhar regularmente. Os trabalhos de extração do minério (jacutinga) estão parados há 1 ½ ano por se ter desarranjado a enorme roda de ferro feita na Inglaterra na fábrica Hail que, pela queda d’água, movia a bomba de esgoto. Sobre a galeria em que estou há outra que se abandonou há 19. Esta é explorada há 10. Anda-se perfeitamente pela galeria na extensão de 440 m ou 220 br. e ainda há 100 e tantas cheias de água que se esgota à razão de quatro metros cúbicos por hora. Reparei bem para tudo e trago um pedaço da rocha de que se separa por bateia o ouro.<sup>424</sup>

D. Pedro atentou ainda para o fato de que naquele momento a mina era composta por mais de 300 trabalhadores, sendo quase todos escravos alugados. Esse total representava metade do número de trabalhadores que a mineradora havia alcançado anteriormente.

Às nove e meia da manhã a companhia *D. Pedro North d’El-Rey* ofereceu um almoço aos visitantes:

SS. MM. Imperiais, de passagem para Antônio Pereira, dignaram-se honrar este estabelecimento visitando as minas e maquinismos, e ainda dispensaram a subida honra de aceitarem almoço, que, embora modesto, a Companhia ofereceu às expensas suas, ficando-lhe o pesar de não manifestar de um

<sup>421</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 103.

<sup>422</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 1.

<sup>423</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 18 de Abril de 1881. P. 2.

<sup>424</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 103.

modo mais brilhante o respeito e a subida homenagem que tributa aos Augustos Imperantes do Brasil.<sup>425</sup>

Às dez e meia da manhã a excursão seguiu em direção ao arraial de Antônio Pereira, onde a notícia da visita foi dada com apenas três dias de antecedência, o que não impossibilitou a execução de preparativos para bem receber os visitantes. O vice-presidente da província autorizou que fossem feitos reparos no caminho de acesso à freguesia, sendo empregados na obra “diversos trabalhadores de dia e de noite, de sorte que concluiu-se o trabalho 2ª feira pela manhã”.<sup>426</sup> Assim que foi notificado que o Monarca ia honrar a localidade com sua presença, o “povo pôs-se logo em movimento para mostrar sua grande satisfação por tão faustoso acontecimento”.<sup>427</sup>

O caminho foi descrito pelo Imperador como possuidor de grande beleza: “Belo caminho que domina um largo vale. A vista do arraial de Antônio Pereira é muito risonha por causa de suas plantações verdejantes”.<sup>428</sup> A entrada da comitiva realizou-se durante a manhã, mas desde a madrugada a localidade estava em festa:

Pela madrugada desse dia houve alvorada; e às onze horas uma girândola de foguetes anunciou a chegada de SS. MM., que encontraram a rua principal alcatifada de flores, adornada com arcos de folhagem, e plantada de viçosos arbustos. Além disso apresentaram-se as janelas das casas com colchas, e bandeiras, e tudo isso era a prova do imenso júbilo que se apoderou da população. Ao entrarem os Imperantes no arraial, acompanhados por alguns cavaleiros e depois dos vivas, oito amadores da arte musical, executaram o hino nacional”.<sup>429</sup>

Os jornais de Ouro Preto afirmaram que a intenção do Monarca ao visitar a localidade, era conhecer a igreja seminatural de Nossa Senhora da Lapa e os trabalhos de mineração da lavra do Sr. Paula Castro.<sup>430</sup> D. Pedro II visitou primeiramente a capela, que não o surpreendeu positivamente:

Não tem nada de notável. Afeiaram-na com o pórtico, e o que construíram dentro para tornarem-na capela. Deviam aproveitar somente as pedras naturais [...] Corri o que pude da lapa. Para

<sup>425</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 15 de Maio de 1881. P. 1.

<sup>426</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>427</sup> *Idem*.

<sup>428</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 103 e 104.

<sup>429</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>430</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 18 de Abril de 1881. P. 2; & *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

ver os outros três salões teria de passar quase de rastos por dentro d'água.<sup>431</sup>

Em relação à última observação, explicou que as águas secavam em determinadas épocas do ano, como por exemplo, em agosto, mês de romaria. Muitas pessoas encontravam-se na gruta a fim de receber o ilustre visitante, constantemente ovacionado e a quem todos levantaram vivas. Uma senhora homenageou os Monarcas cantando-lhes uma canção e em seguida,

um dos alunos do internato de N. Senhora da Lapa entregou ao Imperador um discurso. Na ocasião em que SS. MM. achavam-se no interior do templo, executou-se no coro uma brilhante variação de requinta. Consta-nos que S. M., sentando-se na escada do púlpito, notou que se tivessem feito obras de pedra dentro da capela, tirando assim a forma natural; declarando que ali só se devia ter feito o altar.<sup>432</sup>

O passeio terminou às 12 horas e 40 minutos, e quando se preparava para dar continuidade ao percurso, parou na casa do capitão Paula Castro, onde era esperado para visitar a mina, apesar de nunca ter citado que a visitaria.<sup>433</sup> ao chegar na residência, o hino foi novamente executado e logo depois foi oferecido um lanche: “Havia mesa posta, porém só bebi café com bolinhos mineiros”.<sup>434</sup> Talvez por não ter demonstrado interesse prévio em conhecer a mina, D. Pedro II quase nada citou a seu respeito, atentando apenas para a ondulação do solo, que afirmou ser resultado das escavações.

Antes de retornar para a capital, fez uma doação de “200\$ para a matriz e 100\$ para os pobres”.<sup>435</sup>

---

<sup>431</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 104.

<sup>432</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>433</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 104.

<sup>434</sup> *Idem*.

<sup>435</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 1.

# **CAPÍTULO 5**

---

---

A decorative graphic consisting of two vertical lines of varying lengths, positioned to the right of the chapter title. The shorter line is on the left, and the taller line is on the right, both intersecting the horizontal lines.

## Capítulo 5 – Retorno a Ouro Preto, recepção em São João Del Rei e chegada à Corte

No trajeto até Ouro Preto, a comitiva foi acompanhada “por grande número de cavaleiros, e em caminho os amadores tocaram algumas peças musicais, tendo por mais de vez de corresponder com o hino aos vivas”.<sup>436</sup> Durante o percurso alguns cavaleiros foram ao encontro dos viajantes, dentre eles, o coronel Pereira, de Queluz.

A paisagem até a capital despertou a atenção de D. Pedro II, que identificou a localização da mina de Santana do Maquiné, avistou o Morro do Frazão e a Serra do Caraça, além de ter avistado Mariana: “Em caminho vi bem Mariana em baixo iluminada pelo sol e antes descobriu-se o pico de Itabira do Campo”.<sup>437</sup>

Às 16 horas, do dia 18 de abril, o Imperador e sua comitiva novamente chegava a Ouro Preto, sendo recebidos “ao som de girândolas, música, salvas e saudações populares que jubilosamente acolhiam os augustos viajantes”.<sup>438</sup> A entrada na capital se deu pelo Morro São Sebastião:

Borbulhava no excesso do júbilo ondeando frenética pelas ruas e praças, a briosa população Ouro-pretana, despertada pelo troar das bombadas e estalar dos foguetes que de longe anunciavam a próxima chegada de um Bem, que as saudades reclamavam; viam-se, em distância mais ou menos aproximada, deslizar-se, como que serpentando ao descambar pela pitoresca estrada do poético morro – S. Sebastião.<sup>439</sup>

Depois de se estabelecer mais uma vez no Palácio dos Governadores, o Monarca tomou meio banho, para melhor dormir e às 17 horas e 30 minutos jantou. À noite, o Governante soube que a população havia se levantado contra o repórter José Carlos de Carvalho, representante da *Gazeta de Notícias* e da *Revista Ilustrada*, posto que esta última publicou um artigo retratando as ouro-pretanas de forma maliciosa e ofensiva.

<sup>436</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>437</sup> VIANNA, Hélio. *Diário da Viagem do Imperador a Minas – 1881*. Ministério da Educação e Cultura. Anuário do Museu Imperial. Volume XVIII: Petrópolis, 1957. P. 104.

<sup>438</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>439</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

A notícia chegou até os ouro-pretanos no mesmo dia em que os Monarcas regressaram de sua excursão:

Tendo uma folha da corte publicado recentemente no seu texto um escrito cínico, contendo as mais vis e abjetas alusões contra as senhoras ouro-pretanas, a população desta capital considerou-se justamente ofendida nos seus brios e, por todos os lados, na mais perfeita união, estigmatizava as torpes injúrias do insólito pasquim, que foi aqui conhecido à 18 do corrente. No transporte de sua indignação, o povo, que acabava de festejar entusiasta o regresso de SS. MM. Imperiais a Ouro Preto, atribuindo a autoria do indecente escrito ao *repórter* da *Gazeta de Notícias*, da corte, José Carlos de Carvalho, dirigiu-se em massa, na tarde d'aquela dia, até a frente da casa do Sr. tenente coronel Carlos Gabriel de Andrade, [*exigiu ao repórter*] a imediata retirada desta capital, que aliás pouco antes o havia recebido com todas as provas da mais cordial e generosa hospitalidade (*Grifo nosso*).<sup>440</sup>

Antes de abandonar a cidade, Carvalho buscou refúgio no palácio: “Enfim Carvalho entrou pelos fundos do Palácio. Nicolau foi falar-lhe na sala de jantar. Resolveu-se a sair de Ouro Preto”.<sup>441</sup> O médico Manuel de Aragão Gesteira, facilitou a fuga do repórter e o criado do Imperador, Pedro Antônio de Paiva, lhe emprestou um casaco. O jornalista retirou-se da capital no final da conturbada noite:

Duraram estas cenas até cerca de nove horas da noite, que foi quando começou a dispersão de povo, convicto já de ser real a retirada exigida. Entretanto, desde uma hora antes, já Carvalho havia efetivamente saído pelos fundos da casa, partindo ao fim desta capital por volta da meia noite.<sup>442</sup>

No decorrer da conturbada noite, D. Pedro II recebeu alguns visitantes, dentre eles os senhores Quintiliano, ex-presidente da província, Vilaboim e o juiz de direito, José Inácio Gomes Guimarães, acompanhado de duas filhas, que em homenagem ao Imperador tocaram piano: “O juiz de direito Guimarães veio com as filhas que tocaram muito bem piano e a mais jovem uma valsa de sua

<sup>440</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>441</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 105.

<sup>442</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.



composição”.<sup>443</sup> Aproximadamente às 20 horas e 30 minutos, D. Pedro II refugiou-se em seu quarto e antes de dormir, se dedicou à leitura.

Na terça-feira, 19 de abril, às cinco horas da manhã o Monarca já encontrava-se acordado, tomou então um banho frio e em seguida deu continuidade às suas leituras, o fazendo das oito até perto das onze horas. Após seus estudos, o Imperador se dirigiu até a Escola de Minas e assistiu uma lição ministrada por Gorceix, que discorreu sobre a pré-história: “Última lição de Gorceix. Falou da época quaternária. Começou pela Europa e sobretudo bacia do Sena, e depois tratou de Minas”.<sup>444</sup> O professor falou também sobre Lund e Liais: “Nessa aula Gorceix falou, ainda, dos estudos de Lund e de Emmanuel Liais (1826-1900), diretor do Imperial Observatório Astronômico desde 1871, sobre fósseis nas cavernas mineiras”.<sup>445</sup>

Após a aula de Henri Gorceix, D. Pedro II compareceu à lição de mecânica oferecida pelo professor Artur Thiré e elogiou suas explicações, assim como um dos estudantes: “anotou o desempenho do aluno Augusto Barbosa de Silva, um dos alunos prediletos de Gorceix, que depois se destacará na metalurgia, tendo construído um forno elétrico durante a Primeira Guerra Mundial e será professor da mesma escola”.<sup>446</sup> Ainda na instituição, o Imperador se encontrou com o engenheiro francês, Edmond Boutan, que havia chegado naquele dia e era o “encarregado na província de avaliar minas para algumas companhias francesas”.<sup>447</sup>

Após o passeio pela Escola, o Monarca retornou ao palácio e então o almoço foi servido. Seguidamente à refeição, foi até as escolas primárias de ambos os sexos em Antônio Dias: “Estão as duas de meninas e de meninos em boas salas quase contíguas da mesma casa”.<sup>448</sup> D. Pedro simpatizou-se mais com o que ouvira na escola de meninos, uma vez que um dos alunos “mostrou saber mais doutrina religiosa que em todas as outras aulas que tenho visitado”.<sup>449</sup> Ao

---

<sup>443</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 105.

<sup>444</sup> Idem.

<sup>445</sup> PIRES, João Ricardo Ferreira. *Notas de um diário de viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre. Belo Horizonte: 2007. P. 122.

<sup>446</sup> Idem.

<sup>447</sup> Idem. P. 123.

<sup>448</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 106.

<sup>449</sup> Idem.

retirar-se das instituições de ensino, seguiu até o chafariz da ponte de Antônio Dias, pois queria ver a neta de Marília de Dirceu, que, de acordo com o que lhe falaram, morava naquelas proximidades. Tratava-se, no entanto, de uma sobrinha neta de Marília, chamada Francisca Lídia de Queiroga Andrade, esposa do coronel Andrade e futuramente Baronesa de Saramenha.<sup>450</sup>

O Soberano passou também pelo prédio do Tribunal de Justiça, onde se encontravam o senhor Quintiliano e o secretário. Logo em seguida, acompanhado pelo conselheiro Lima Duarte e pelo coronel Pereira, honrou pela primeira vez o Quartel de Linha com sua visita.<sup>451</sup> Porém, suas observações a respeito do edifício não foram positivas: “Quartel de linha com a companhia de cavalaria e o contingente do 7º de infantaria. Em mau estado e guardam nele cunhetes com pólvora! Assoalhos todos esburacados. Prisões solitárias mefíticas. A cavalaria é boa”.<sup>452</sup>

De volta ao Palácio dos Governadores, mais uma vez destinou seu tempo livre à leitura, o fazendo até a hora do jantar, servido às 16 horas. Quando eram 17 horas, D. Pedro II e D. Teresa Cristina foram até a Igreja de São Francisco de Paula e aí o Soberano assentou

a primeira peça de um dos altares que ali se estão fazendo. Grande número de pessoas concorreu a este ato, estando também postada à porta do templo a banda de música do corpo, que, depois do hino nacional, executado por ocasião da chegada dos Augustos Imperantes, executou ainda outras muitas peças do seu vastíssimo e escolhido repertório.<sup>453</sup>

Ao anoitecer, os Monarcas, “acompanhados por muitas pessoas gradas da capital”,<sup>454</sup> foram até o local denominado Funil, “onde existe a afamadíssima e tradicional água da Mãe Chica. A especialidade desta água foi, por assim dizer, o que levou SS. MM. a visitarem aquele lugar”.<sup>455</sup> O passeio agradou o Imperador: “Era já escuro, mas a noite clara por causa das estrelas tornou poético o passeio ao reflexo nas águas que borbulhavam”.<sup>456</sup>

<sup>450</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 106.

<sup>451</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>452</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 106.

<sup>453</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>454</sup> *Idem*.

<sup>455</sup> *Idem*.

<sup>456</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 106.

Ao retornar para o palácio, a iluminação decorativa da cidade já estava acesa e fogos de artifício iluminavam o céu, formando “um belo espetáculo”:<sup>457</sup>

Às sete horas, menos um quarto, subiram SS. MM. para palácio. Era belo de ver-se o entusiasmo quase delirante do povo! Junto às carruagens que levavam os Imperantes, agrupava-se a multidão, e inúmeros vivas ecoavam por toda parte. Nessa ocasião, como durante boa parte da noite, apresentava a capital um aspecto verdadeiramente encantador. A iluminação tocava ao sublime, e sublime também eram os demais adornos, que em profusão havia. Chegados a palácio às sete horas, poucos minutos depois apreciavam SS. MM. um lindíssimo fogo de artifício, que se queimava em frente ao quartel de linha.<sup>458</sup>

Durante a queima dos fogos, D. Pedro II conversou com o irmão do poeta Bernardo Guimarães, o desembargador Joaquim Caetano da Silva Guimarães, que lhe prometeu “um romance de costumes mineiros escrito por ele e de mandar-me ao Rio o manuscrito de uma espécie de prefação histórica que pretendia anexar ao romance”.<sup>459</sup>

Após os fogos, o Imperador e a Imperatriz foram ao teatro – “que é menor, porém bonito e muito mais elegante que o de Sabará”<sup>460</sup> – assistir à peça Capitão Paulo de A. Dumas: “Em presença de SS. MM., e de imensa concorrência de espectadores, que enchiam todo o edifício, subiu à cena o drama – Capitão Paulo. A peça foi sofrivelmente desempenhada, e terminou a 1 e ½ horas da madrugada”.<sup>461</sup>

Na manhã seguinte, 20 de abril, quarta-feira, o Monarca acordou às cinco e meia da manhã e como de costume, tomou um banho frio e logo em seguida pôs-se a ler. Às sete horas partiu para uma excursão ao Pico do Itacolomi:

cerca de 40 pessoas desta cidade fizeram uma aprazível excursão ao Itacolomi. A festiva jornada foi promovida pelos ilustres diretor e professores da escola de minas, Dr. Gorceix, Bovet e Thiré, que para ela convidaram os representantes da imprensa da corte e desta província.<sup>462</sup>

<sup>457</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 106.

<sup>458</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>459</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 106.

<sup>460</sup> Idem. P. 107.

<sup>461</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>462</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

A trilha havia sido reparada no ano anterior, sob a direção de Gorceix, que na época escreveu ao amigo: “Tive que aceitar a incumbência da reforma da trilha que leva até o cume do Itacolomi. Meus esforços não tiraram nada do pitoresco e nem das dificuldades da ascensão”.<sup>463</sup> O Sr. Boutan, convidado pelo Imperador na noite anterior, também compôs o grupo, que percorreu a trilha sob forte neblina: “Neblina cerrada com garoa ou antes chuva. Bom caminho. [...] Estava no ponto mais alto que não o do rochedo columi às nove horas. Dez horas. Tudo rodeado de neblina”.<sup>464</sup> Além da presença de apontamentos sobre o clima no diário de viagem, D. Pedro II também manteve o hábito de escrever sobre a vegetação local.

Às dez horas o almoço foi servido no alto do Itacolomi:

A todos os convidados obsequiaram os Srs. Dr. Gorceix e seus dignos colegas com um magnífico almoço do cimo do Itacolomi, trocando-se por essa ocasião muitos brindes e reinando na alegre reunião a mais perfeita cordialidade.<sup>465</sup>

Aproximadamente ao meio dia, as nuvens se dispersaram e o sol ganhou espaço no céu, possibilitando dessa forma, que o Monarca avistasse a região:

Perto do meio dia clareou. Vi Ouro Preto e Mariana, serra de Itatiaia e de Ouro Branco, descobri também a igreja da Boa Vista. Quando tudo estiver claro há de ser uma paisagem admirável. Também se via o pico de Itabira do Mato-Dentro.<sup>466</sup>

O grupo retornou do passeio durante a tarde e às 14 horas e 30 minutos, D. Pedro II já se encontrava no palácio, tomando então um banho morno antes de ler um pouco e de jantar.

Habitualmente, quando o Imperador honrava as localidades com sua presença, muitas delas o aguardavam para inaugurar estabelecimentos de importância para a região e em Ouro Preto não seria diferente. Após o jantar, o Governante foi ao Saramenha, onde era esperado para a inauguração do Asilo Agrícola, cujo diretor era o padre João Paulo Maria de Brito:

<sup>463</sup> LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. São Paulo: Fundação Gorceix, 1977. P. 77.

<sup>464</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 107.

<sup>465</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>466</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 107.

Ao chegar a comitiva imperial ali, perguntou S. M. quem era o diretor da casa. – O Reverendo vigário João Paulo, murmurou alguém com hesitação. – Um vigário ensinando agricultura! Disse S. M., com o mesmo sorriso triste que confrangiu-lhe os lábios ao contemplar a carta-postal do Sr. José Bento.<sup>467</sup>

A instituição foi “criada por iniciativa particular e com o fim de comemorar a visita do sábio Monarca à nossa província”.<sup>468</sup> O estabelecimento funcionava “em edifício doado à província por distintos cidadãos aqui residentes, [...]. Já foram nele matriculados cinco menores, que recebem por enquanto somente o ensino prático, alimentação, vestiário e mais cuidados”.<sup>469</sup>

De acordo com *A Província de Minas*, na ocasião da inauguração do Asilo Agrícola, não havia luz no colégio e o ambiente foi iluminado apenas quando chegaram velas da casa em frente. As velas foram colocadas “em meia dúzia das duzentas garrafas esvaziadas em tantos jantares e ceias, anteriormente celebradas ali pelos pândegos”.<sup>470</sup>

D. Pedro II não escreveu muito a respeito da visita ao estabelecimento, mas segundo suas anotações, a casa era boa e nove alunos já haviam sido matriculados, no entanto, apenas cinco permaneceram, posto que “quatro saíram porque os papais pensavam que os filhos não teriam de trabalhar braçalmente”.<sup>471</sup>

Ao se retirar do colégio, mesmo sob chuva e com as dificuldades impostas pelas ladeiras da capital, o Imperador e a Imperatriz seguiram para a matriz de Antônio Dias, onde lhes foi dedicado um *Te-Deum*, “executado pelo bispo Antônio de Sá”.<sup>472</sup> Os habitantes “fizeram celebrar em ação de graça pelo seu feliz regresso à esta capital.”<sup>473</sup> De acordo com o Monarca: “O *Te Deum* esteve mais concorrido que o da matriz de Ouro Preto”.<sup>474</sup>

Era noite quando o casal retornou ao palácio e antes de partirem para mais um compromisso social, D. Pedro II recebeu alguns visitantes, como por exemplo, o senhor Thomaz Wood, representante da fábrica Fundação de Ferro de Itabira, que “veio apresentar-lhe algumas amostras da dita fábrica. S. M. I. fez diversas perguntas relativas à capacidade do forno e métodos empregados, mostrando

<sup>467</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>468</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>469</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 27 de Maio de 1881. P. 1.

<sup>470</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 3.

<sup>471</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 107.

<sup>472</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 123.

<sup>473</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>474</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 107.

assim o interesse que tomou nesta nova indústria, única na província”.<sup>475</sup> Recebeu também, a comissão formada pela diretoria da Estrada de Ferro Ouro-Pretana:

mostrando o mesmo Augusto Senhor o seu interesse nesta empresa, de tanta importância para a nossa capital, e aceitando do engenheiro Manders e do secretário da companhia, planos e esclarecimentos acerca da futura estrada, e entre estes um cálculo aproximado, fundado em bases seguras, sobre o rendimento provável do ramal, proveniente de fretes de importação e exportação.<sup>476</sup>

Aproximadamente às 21 horas, os Monarcas foram até o Paço da Assembleia Provincial e assistiram ao sarau musical, dirigido pelos senhores “desembargador Villaboim e Drs. Gomes Guimarães e Fernando Torres”,<sup>477</sup> e regido pelo professor Francisco Vicente Costa.<sup>478</sup>

A entrada era gratuita para os convidados e para os homens, as mulheres pagavam entrada: “O presidente, ele mesmo tinha convidado por cartas muitas famílias; mas para o resto do povo masculino a entrada era franca”.<sup>479</sup>

Os jornais da capital mineira retrataram o sarau como sendo a solenidade suprema de encerramento das festas de recepção ao Imperador e sua comitiva:

Foi o concerto musical da noite de 20, que fechou a série de festejos, oferecidos aos nossos Augustos Imperantes pela legendária – Ouro Preto – a velha capital da província – a majestosa – na frase do fundador do Império. O salão do paço provincial, ornado com elegância, e profusamente iluminado, regurgitava, mal podendo acomodar em seu vasto recinto e galerias os convidados e assistentes. Cavalheiros de nossa melhor sociedade, a *high-life* ouro-pretana, ocupavam os espaços laterais, e o topo do fundo: do centro resplandiam, como jardim fantástico, os rostos fascinantes de nossas belas patrícias, a disputar fulgores às ondas de luz, que inundavam a sala. [...] Lá fora, a multidão compacta esperava ansiosa, para saudar nossos Augustos Soberanos, na última noite de sua estada em Ouro Preto. SS. MM. foram recebidas á entrada do paço provincial pela comissão organizadora do concerto, entre os mais calorosos vivas, que se levantavam de todos os ângulos da praça da Independência.<sup>480</sup>

<sup>475</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 26 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>476</sup> *Idem*.

<sup>477</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 24 de Abril de 1881. P. 1.

<sup>478</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>479</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 22 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>480</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 2.

Ao chegarem ao Paço, Suas Majestades Imperiais “foram ter a uma sala interior, donde fizeram sua entrada no salão por uma porta ao lado direito da mesa do presidente da assembleia”.<sup>481</sup>

O artigo que nos expõe os acontecimentos dessa noite, é do periódico *A Província de Minas* e apesar de se tratar de um artigo de autoria desconhecida, acreditamos que quem narra a história é o senhor Timon, uma vez que o autor citou seu próprio ao descrever o momento em que foi convidado para se retirar do Paço, a fim de tomar um copo de champanhe:

senti uma mão apertar-me o braço, e voltando a cara reconheci o engenheiro Francisco de Lemos. – Quer ir beber um copozinho de Champanhe muito bom? Disse-me ele. – mas eu não quero perder minha música. É longe? – Não, Sr. Timon, é perto, seis minutos.<sup>482</sup>

O autor do texto juntou-se então a mais cinco pessoas, dentre elas, Bernardo Guimarães, que demonstrava preocupação em se encontrar com o Monarca, uma vez que não conseguira ir ao seu encontro durante todo o dia e considerava impróprio abordá-lo durante a apresentação do sarau: “Não tinha podido falar-lhe às sete horas; não podia se lhe apresentar na sala, onde se dava o concerto, hora e lugar impróprios; e demais, ele desejava o menor número de testemunhas possível no ato da entrega de seus livros”.<sup>483</sup>

Durante um dos intervalos do sarau, o poeta Bernardo Guimarães teve acesso ao Imperador e cumpriu o que anteriormente lhe prometera, entregar os livros de sua autoria:

De posse de suas obras, poesias e romances, Bernardo Guimarães havia resolvido entregá-las ele mesmo ao Imperador; e a ocasião pareceu-lhe a mais própria para apresentar às augustas pessoas imperiais duas filhinhas suas, incluídos ao número de suas obras de arte aqueles dois frutos da natureza.<sup>484</sup>

O autor do artigo infelizmente perdeu o encontro entre o romancista e o Governante, mas mesmo assim nos relatou como o descreveram:

---

<sup>481</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 22 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>482</sup> Idem.

<sup>483</sup> Idem.

<sup>484</sup> Idem.

B. Guimarães fez sua entrada no salão pela porta de que já te falei, à direita da mesa do presidente da assembleia, [...]. O poeta conduzia pelas mãos as duas meninas, uma de um lado, outra de outro, e alguém trazia uma bandeja contendo os livros, que deviam ser entregues por uma delas. O imperador, em pequena distância da porta, avistou logo a Bernardo Guimarães, as meninas, e os livros; e mesmo sem estar prevenido, adivinhou o que o poeta dele pretendia; e levantou-se e marchou para o lado da porta. Todos supuseram a princípio que o Imperador ia retirar-se, e toda aquela assembleia se pôs de pé. Mas, quando o poeta aos primeiros passos apareceu, notou-se um sussurro, que denotava a impressão que ele causara em todos que ali se achavam. Ele estava todo trajado de preto e as meninas traziam vestidos brancos curtos. Nem uma condecoração se via em seu peito, nenhuma flor nos cabelos das meninas, nenhuma fita em seus vestidinhos. Como marchassem um para o outro, o Imperador tomou com as suas as mãos do poeta; e apertou-as com força e visível efusão. [...] O Imperador conversou por alguns instantes com B. Guimarães, tomou as meninas pelas mãos e as apresentou à Imperatriz, que também se tinha levantado. [...] Em seguida teve lugar a entrega dos livros.<sup>485</sup>

D. Pedro II não teceu nenhum comentário sobre o encontro nas páginas de seu diário, o que nos causou estranhamento. Em contrapartida, dedicou algumas linhas à apresentação: “Concerto no Paço da Assembleia. Esteve sofrível. As senhoras tocaram bem piano. Na retirada houve vivas a mim e morras à Confederação Argentina por causa do sucesso do vapor *Inca* de que falam os diários do Rio de ontem”.<sup>486</sup> De acordo com Hélio Vianna, os morras à Confederação foi resultado dos “tiros disparados do couraçado argentino *Avellaneda*, que atingiram o vapor brasileiro *Inca*”.<sup>487</sup>

O concerto chegou ao fim aproximadamente à meia noite e então Imperador e a Imperatriz dirigiram-se ao palácio, onde passaram sua última noite, posto que pela manhã do dia 21, a comitiva imperial se despediu de Ouro Preto.

Antes de partir da capital, D. Pedro II distribuiu a importância de “1:200\$ para pecúlio de vários escravos, 200\$ para os pobres da freguesia de Ouro Preto e 150\$ para os de Antônio Dias”.<sup>488</sup> Ainda sobre os donativos efetuados, A *Província de Minas* publicou que: “Em Mariana e Ouro Preto Suas Majestades

<sup>485</sup> A *Província de Minas*. Ouro Preto, 22 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>486</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 107.

<sup>487</sup> Idem.

<sup>488</sup> A *Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 1.



distribuíram mais 950\$ em diversas esmolas. Informam-nos que até sua partida desta capital os donativos generosamente feitos pelos augustos viajantes excediam já 34:000\$000”.<sup>489</sup>

Na manhã do dia 21 de abril, D. Pedro II levantou-se antes das cinco horas, tomou um banho frio, fez algumas leituras e então se preparou para partir. Antes de iniciar a nova jornada, foi presenteado pelo padre Sípolis, que lhe enviou a pintura de um inseto, e por Henri Gorceix, que lhe deu “o cálculo aproximado da altura do cimo do Itacolomi [*sic*]; uma pedra aí quebrada e o ouro que ele bateou em minha presença na Escola de Minas” (*Grifo do autor*).<sup>490</sup>

Após 23 dias de viagem por Ouro Preto e região, de doações, de análise da região mineradora e constante aprendizado sobre as localidades visitadas, o séquito seguiu rumo a São João Del Rei às seis horas da manhã.<sup>491</sup> Os viajantes foram acompanhados pelo desembargador Quintiliano, o coronel Gentil, Carlos de Assis Figueiredo e o monsenhor Pimenta, até perto do Falcão, onde a comitiva parou para almoçar.<sup>492</sup> Terminada a refeição, a viagem foi retomada e às 14 horas e dez minutos, o séquito chegou à casa de Bruno von Sperling. Enquanto o jantar não era servido, D. Pedro II pôs-se a ler, examinando então algumas “notas relativas ao projeto do ramal de ferro entre a estrada de ferro de Pedro 2.º e Ouro Preto e outras coisas”.<sup>493</sup>

Após o jantar, o Imperador e Sperling conversaram sobre a navegação do Rio das Velhas e o ambicionado ramal férreo, e às 20 horas e 45 minutos, o Monarca se recolheu. Às seis horas da manhã, 22 de abril, os hóspedes se despediram do anfitrião e acompanhados por Gorceix até pouco depois de Ouro Branco, seguiram para Queluz.

A comitiva chegou à cidade pouco depois das dez horas da manhã, almoçou e partiu para a freguesia de Santo Amaro. Entre as duas localidades, o Monarca avistou pequenas plantações e ressaltou em seu diário, que a maior parte das terras da região era destinada à criação de animais. Durante o trajeto, algumas pessoas foram ao seu encontro, dentre elas, Joaquim Alves Pereira Campolina e o

---

<sup>489</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, primeiro de Maio de 1881. P. 1.

<sup>490</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 108.

<sup>491</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 21 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>492</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 107.

<sup>493</sup> *Idem*.

escrivão Benfica,<sup>494</sup> possivelmente, Antônio Martiniano da Silva Benfica, ambos da vila de Suaçuí.

Chegando a Santo Amaro, o Imperador se dirigiu até a casa do vigário da freguesia, onde pernitoitou: “O arraial de Sto. Amaro [...]. É pequeno, mas como todos fez seus arcos e enfeitou-se. Cheguei à casa do vigário às 3h 35’. Disseram-me muito bem do vigário”.<sup>495</sup> Como o de costume, D. Pedro II fez doações à freguesia, “sendo 100\$ destinados aos pobres e 100\$ a canalização d’água potável”.<sup>496</sup>

O jantar foi servido às 17 horas e 45 minutos, em seguida, houve apresentação musical e o Monarca conversou com os senhores presentes. Ao se recolher em seus aposentos, leu um pouco antes de dormir. Nas anotações sobre o dia 22 de abril, o Governante fez referência à viagem de Saint-Hilaire a Minas Gerais, ressaltando os apontamentos do naturalista a respeito da região de Queluz e Ouro Branco, sobre a falta de um hospital próprio na capital e sobre a diferença da vegetação de Ouro Preto e Mariana.

Na manhã de 23 de abril, mais uma vez leu Saint-Hilaire e logo depois participou da oração realizada na igreja, e debaixo de chuva, partiu da povoação às seis horas da manhã, tomando “a estrada da Lagoa Dourada, com direção a S. João d’El-Rey”.<sup>497</sup> Às dez horas e 20 minutos, a comitiva chegou à Fazenda do Curtume, de propriedade de João Ferreira da Fonseca, “plantador e criador de cavalos e bois, 100 crias por ano. Belos cafeeiros”.<sup>498</sup> Aos viajantes foi oferecido um almoço e depois de servidos, às onze horas da manhã, ainda sob chuva, deram continuidade à viagem.

Devido à chuva na região, o caminho havia sido prejudicado: “Terra fofa e com a chuva de ontem de noite já dava mau trânsito em muitos lugares”.<sup>499</sup> Mesmo com dificuldades, o séquito seguiu em frente e antes de chegar a Lagoa Dourada, foi recebido por alguns cavaleiros e mais à frente, por um italiano, empregado da mina ali estabelecida, e “no princípio do arraial”, pelo diretor.<sup>500</sup>

---

<sup>494</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 108.

<sup>495</sup> Idem.

<sup>496</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>497</sup> Idem.

<sup>498</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 109.

<sup>499</sup> Idem.

<sup>500</sup> Idem.

Pouco depois das 16 horas, D. Pedro II chegou à residência onde ficou hospedado e às 17 horas foi conhecer a mina “de extração de ouro e outros minérios e, como fez com outras, anotou no Diário sobre os equipamentos existentes, sobre a condição de trabalho, sobre a produção e os rendimentos outros assuntos concernentes à mineração”.<sup>501</sup> Acompanhado pelo engenheiro Campos e por alguns membros da comitiva, o Imperador “visitou o estabelecimento de mineração sob a direção do Sr. Caetano Dias da Silva Júnior. – É uma companhia brasileira, e trabalha com vantagem, servindo-se de máquinas a vapor”.<sup>502</sup>

Ao retornar do passeio, se trocou e após as 18 horas o jantar foi servido e assim como em Santo Amaro, em Lagoa Dourada também houve música. O Imperador ficou a conversar até perto das 21 horas, recolhendo-se em seguida.

No domingo, 24 de abril, acordou às quatro e meia da manhã e pôs-se a ler os apontamentos de Saint-Hilaire. Para João Ricardo Ferreira Pires, ao se debruçar sobre as pesquisas do botânico, D. Pedro II buscava legitimar suas próprias observações:

D. Pedro II, ao que parece, usa o texto do botânico como um discurso da autoridade, [...]. A ciência natural (da qual D. Pedro II muito se apeteceu) que Saint-Hilaire pratica legitima as observações desse e do Imperador também. Ou seja, ao fazer referências a nomes científicos, a observações naturais, a narrativa ganhava legitimidade científica para o próprio D. Pedro II.<sup>503</sup>

A leitura foi interrompida devido à celebração de uma missa às cinco horas e 15 minutos, na residência onde estava hospedado. Em foi até a matriz e às seis horas da manhã, partiu para São João Del Rei.

Várias fazendas compunham o cenário, dentre elas a Fazenda do Capão, de Francisco José Ferreira e a do Engenho, “de Domiciano Ribeiro de Resende, sobrinho neto do marquês de Valença”.<sup>504</sup> Antes de chegarem a Carandaí, a comitiva parou para almoçar e às dez horas retomaram o roteiro de viagem. Após passarem pela localidade, os viajantes pararam na Fazenda do Retiro, onde os animais da liteira e o cavalo do imperador foram substituídos: “Fazenda do Retiro.

<sup>501</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 127.

<sup>502</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>503</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 126.

<sup>504</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 110.

Parei aí para se mudarem as bestas da liteira e eu bebi boa água e mudei para o melhor animal (cavalo) da viagem de Minas”.<sup>505</sup>

Próximo a São João Del Rei, Suas Majestades Imperiais foram aguardadas pelo deputado Galdino Emiliano das Neves, pelo Juiz de Direito, Costa Belém e por muitos outros cavaleiros:

Légua e meia antes da Cidade cerca de 200 cavaleiros entre os quais o Dr. Juiz de Direito da Comarca, o Promotor público, os Diretores da E. do Oeste, o Dr. Balbino da Cunha, o Redator desta folha [*Severiano Nunes Cardoso de Resende*], e pessoas das mais gradas, postados ao longo da estrada esperaram os Augustos viajantes e sua comitiva (*Grifo nosso*).<sup>506</sup>

No local onde a comitiva era aguardada, foi erguido um arco de folhagem enfeitado com flores e os camponeses residentes nos arredores da cidade, saudavam festivamente o casal: “Ali erguia-se um arco de folhagem ornado de mimosas flores do campo, tão simples e modesto como os campônios daqueles vales, que saíam ao encontro dos Imperantes, alcatifando a estrada de verde tapete”.<sup>507</sup>

À medida que se aproximavam de São João Del Rei, “novos bandos se agrupavam, aumentando-se consideravelmente o número, de sorte que ao chegarem SS. MM. à Cidade eram seguidos por cerca de 500 a 600 cavaleiros”.<sup>508</sup>

Ao entrar nos limites da cidade, a comitiva passou primeiramente pelo arraial de Matosinhos, atravessada a ponte de madeira, os viajantes encaminharam-se para a várzea do Marçal, “acompanhando o leito arenoso de águas”.<sup>509</sup>

Para finalmente chegar à cidade, passaram ainda pelo “arroio de Água Limpa vendo-se à esquerda os pegões do viaduto da estrada de ferro de Oeste e depois o Sto. Antônio que como o anterior vai ao rio das Mortes e enfim cheguei à cidade”.<sup>510</sup> Em todos os lugares por onde o séquito passou, vivas foram continuamente levantados, sendo ainda mais entusiásticos quando D. Pedro II e a esposa se aproximaram da estação da Estrada de Ferro Oeste de Minas, a EFOM.

<sup>505</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 110.

<sup>506</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>507</sup> Idem.

<sup>508</sup> Idem.

<sup>509</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 111.

<sup>510</sup> Idem.

Um arco em homenagem aos Monarcas foi construído pelos operários da EFOM e uma banda de música encontrava-se à espera:

Logo que foram avistados os Augustos hóspedes na Estação da E. de ferro de Oeste, onde elegante arco se levantava, feito pelos operários desse edifício, ouviu-se uma salva de vinte e um tiros, tocando a música, ali postada hino nacional e a multidão prorrompendo em uníssono e entusiástico brado: viva S. M. o Imperador! Viva S. M. a Imperatriz! Viva a monarquia.<sup>511</sup>

Sobre a localidade, D. Pedro II anotou que:

É bem colocada e risonha, sobre o Sto. Antônio (hoje Riachuelo) há duas pontes de arco de pedra correndo a água antes da primeira e do lado delas por uma rampa de lajedo de um açude, o que dá a este lado da cidade subindo para o edifício da Câmara o aspecto do Arno em Florença.<sup>512</sup>

A comissão nomeada para organizar a recepção em São João Del Rei foi formada pelo presidente da Câmara Municipal, senhor “Carvalho Mourão e os vereadores Bastos e Carlos Ratton”.<sup>513</sup> A população preparou a cidade com o maior esplendor possível: ruas e casas foram ornadas e iluminadas, e diferentes setores da sociedade ergueram arcos do triunfo em homenagem ao Imperador:

Linda era então a perspectiva que se apresentava: ao fundo uma monumental ponte de cantaria com três arcos, sobre a qual se levantava um torreão gótico entrelaçado de festões e onde tremulavam bandeiras e galhardetes de vivíssimas cores, obra devido ao patriotismo dos inteligentes Acadêmicos e Farmacêuticos.<sup>514</sup>

<sup>511</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P

<sup>512</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 111.

<sup>513</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 130.

<sup>514</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.



Figura 13: IPHAN. Arco do triunfo. 1881. 1 fot., p&b.<sup>515</sup>

O arco construído pelos acadêmicos e farmacêuticos, representava “as alegrias festivas dos peitos dos moços que ouvem constantemente o canto das cotovias entoarem canções de esperanças juvenis”.<sup>516</sup>

Ansiosa por ver D. Pedro II e D. Teresa Cristina, a população ocupou todas as ruas da cidade por onde os Monarcas passaram e foi com dificuldade que conseguiram chegar ao destino final. Durante os dias em que permaneceram na localidade, a população pôs-se a festejar a presença dos ilustres visitantes: “A cidade de S. João d’El-Rei deixou de ser naqueles dias, em que teve dentro dos seus limites os imperiais viajantes, a abelha trabalhadora, para se transformar em uma rosa formosa e luxuriante”.<sup>517</sup>

Ao passarem pela Câmara Municipal, ornada com toda a pompa, uma banda de música prontamente começou a tocar. As janelas das casas estavam devidamente enfeitadas e as senhoras aguardavam a passagem dos Monarcas: “As janelas estavam elegantemente adornadas e cheias de senhoras, que, por sua

<sup>515</sup> Acervo do Museu Regional de São João Del Rei / IPHAN.

<sup>516</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 3.

<sup>517</sup> Idem.

formosura e apurado toalete prendiam a atenção, caindo dali sobre os Augustos viajantes uma chuva de [ilegível] flores” (*Grifo nosso*).<sup>518</sup>

A comitiva passou então pela rua da Municipalidade, São Francisco e enfim, chegou à praça de mesmo nome: “Na rua de S. Francisco imponente e alegre era a vista que se oferecia, não só pelo luxo na ornamentação, como também pelo primor da igreja dos Franciscanos ostentando sua pompa majestática”.<sup>519</sup> Médicos e advogados solicitaram a construção de um arco do triunfo na praça, sendo este um “aprimorado trabalho do inteligente artista Sanjoanense Luís Batista Lopes”.<sup>520</sup>

No palacete do Barão de São João Del Rei, Eduardo Ernesto Pereira da Silva – também situado na praça de São Francisco –, ficaram hospedados o Imperador e a Imperatriz, e os senhores “Conselheiros Barão Nogueira da Gama, José Caetano de Andrade Pinto e Barão de Maceió”.<sup>521</sup> Os representantes da imprensa foram acolhidos na casa do Dr. Balbino da Cunha.<sup>522</sup>

A chegada ao palacete ocorreu aproximadamente às 15 horas e 15 minutos e infelizmente os hóspedes não puderam ser recepcionados pelo Barão de São João Del Rei, que encontrava-se enfermo. Contudo, foram recebidos por membros da elite local:

foram os soberanos recebidos pelos Vereadores, pelo exm. sr. dr. Carvalho Rezende, coronel Custódio de Almeida Magalhães e pelas excelentíssimas sras. D. Maria Pereira Mourão, D. Isabel de Carvalho Rezende, D. Cândida Lacerda da Costa Rodrigues, D. Antônia Fonseca da Cunha e outras distintas senhoras, e por um lindo e gentil cortejo de meninas que alastrava de flores o chão onde pisavam Suas Majestades.<sup>523</sup>

A residência do Barão de São João Del Rei foi preparada pelos membros da municipalidade, que solicitaram a confecção de 13 arcos do triunfo, a fim de empregá-los na entrada do palacete:

Ao longo da entrada do palacete se notavam 13 lindíssimos arcos preparados de cetim, filó e gaze, entrelaçados de mimosas

<sup>518</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>519</sup> Idem.

<sup>520</sup> Idem.

<sup>521</sup> Idem.

<sup>522</sup> Idem.

<sup>523</sup> Idem.

flores artificiais, trabalho de que se encarregou uma comissão de distintas senhoras. No primeiro deles se lia em letras d'ouro sobre veludo: *À S. M. a Imperatriz as senhoras S. Joanaenses* e dos outros pendiam fitões auriverdes tendo cada um uma saudação aos imperantes (*Grifo do autor*).<sup>524</sup>

Já instalado, às 17 horas D. Pedro II saiu para um passeio pela cidade. O primeiro estabelecimento que o Monarca honrou com sua presença, foi a Câmara Municipal e a cadeia:

Casa da Câmara e cadeia. Grande edifício e de boa aparência. A cadeia ocupa o andar térreo. Notei que se pode conversar com pessoas da rua por entre as grades. O despejo é em barris apesar de ter rio perto. Casas de pau como gaiolas para os bêbados! Livros irregulares, última visita pelos termos de 9bro passado. [...] As prisões são bem arejadas e não senti mau cheiro nelas. A casa da Câmara tem tudo o que é preciso menos armário [sic] para guardar os padrões que estavam bem arranjados por constar o que tenho reparado.<sup>525</sup>

Durante a inspeção do edifício, o Imperador foi até a biblioteca, aberta ao público apenas pela manhã e a considerou muito boa, apesar de conter livros antigos “e pouco próprios para bibliotecas populares”.<sup>526</sup>

Ao se retirar do estabelecimento, passou pela Casa da Filarmônica e pelo Hospital de Misericórdia, que acolhia “76 doentes dos quais 30 loucos em parte distinta do edifício. É o único asilo para loucos da província”.<sup>527</sup> No hospital havia espaço para plantação, uma pequena igreja, farmácia e enfermarias, sendo que estas, na opinião do Monarca, careciam de mais ventilação. D. Pedro II visitou também o recolhimento de meninas, onde recebiam instrução primária, aprendiam a costurar e a exercer trabalhos domésticos.

Era noite quando o Imperador retornou de seu passeio, a cidade já se encontrava completamente iluminada, e a iluminação que mais chamou sua atenção foi a do arco transparente erigido a pedido dos médicos e advogados, e a iluminação da Igreja de São Francisco, que era “de muito bom gosto”.<sup>528</sup> À noite houve queima de fogos e a apresentação de três bandas de música, sendo que duas delas – uma da própria cidade, sob a direção do professor Carlos José Alves e a

<sup>524</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>525</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 111.

<sup>526</sup> Idem.

<sup>527</sup> Idem.

<sup>528</sup> Idem. P. 112.



outra de Prados, dirigida por Francisco Fonseca – foram colocadas nos coretos dispostos ao lado da residência do Barão de São João Del Rei.<sup>529</sup>

Durante a noite o Monarca conversou com as pessoas que foram visitá-lo e às 21 horas e 25 minutos, finalmente descansou.

Na segunda-feira, 25 de abril, após o café da manhã, D. Pedro II pôs-se a ler Saint-Hilaire e às sete horas foi até a Igreja de São Francisco, ressaltando que o que nela havia de notável, era o arco que sustentava o coro. Em seguida foi até a Igreja do Carmo e próximo à Igreja das Mercês, onde devido à neblina não pôde visualizar nitidamente a paisagem, contudo: “As margens do rio de Sto. Antônio com suas duas pontes e represa é o que mais me agradaram”.<sup>530</sup>

O Imperador passou também pela casa da sobrinha do Barão de Camargos, a fim de “ver um pé gigantesco de cambucazeiro”,<sup>531</sup> e pelo jardim do colégio de meninas, onde retornou mais tarde, acompanhado pela Imperatriz. Em seguida voltou ao palacete, às nove horas o almoço foi servido e às onze horas, o casal foi ao colégio de meninas, o Colégio da Conceição:

Depois do almoço Suas Majestades acompanhados de sua Corte, do presidente da câmara municipal, do dr. Balbino da Cunha e de outras pessoas gradas, visitavam o Colégio da Conceição, onde foram saudados, em breve por eloquente alocação, por uma menina de oito anos Antoninha Escudero.<sup>532</sup>

O Imperador ficou satisfeito com as respostas das alunas e simpatizou-se com o professor de francês, Aureliano Pimentel, mas chamou atenção para as ideias ultramontanas do docente.<sup>533</sup> Ao se retirar do colégio, seguiu para a Igreja das Mercês e finalmente pôde avistar a bela paisagem. Em seguida D. Teresa Cristina retornou ao palacete para “descansar das fadigas de tão longa e incômoda viagem, devendo assistir ao Te Deum, que se celebrará na Matriz”,<sup>534</sup> e D. Pedro II foi até o colégio de meninos, dirigido pelo cônego Antônio José da Costa Machado. No estabelecimento havia mais de trinta alunos, sendo os estudantes de francês e latim os que mais o surpreenderam, assim como a biblioteca do diretor:

<sup>529</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>530</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 112.

<sup>531</sup> Idem.

<sup>532</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>533</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 112.

<sup>534</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 3.

“A biblioteca do vigário compõe-se de excelentes livros revelando nele muita inteligência e seriedade de espírito, embora ultramontana”.<sup>535</sup>

Ao se retirar do colégio, o Monarca seguiu para a Escola João dos Santos, a ser inaugurada naquele dia. Durante o percurso, foi constantemente ovacionado pela população, “sendo saudado em várias ruas por aclamações populares e por festivais hinos executados por excelentes bandas de música”.<sup>536</sup>

A Escola João dos Santos, de propriedade do médico e político João Batista dos Santos, futuramente visconde de Ibituruna, foi fundada em homenagem à memória de seu falecido pai, o português João dos Santos Pinto.<sup>537</sup> O Soberano novamente se encontrou com Aureliano Pimentel, que fez “um curto e bonito discurso”,<sup>538</sup> e na ocasião, puderam conversar mais detidamente.

Pedro Calmon, em a *História de Dom Pedro II*, nos conta que o Imperador falou ao literato sobre seu desejo em lhe visitar, no entanto, Aureliano afirmou que sua residência “era tão humilde que nela não podia recebê-lo”.<sup>539</sup>

Após a inauguração da escola, o Monarca foi conhecer o Externato: “Um pouco em desordem embora a casa da antiga intendência seja boa”.<sup>540</sup> Assim que a visita terminou, foi até a Igreja do Bonfim, de onde avistou grande parte da cidade: “É realmente linda e risonha esta cidadela!”.<sup>541</sup> Ao descer do Bonfim, inspecionou a aula de meninas: “Sala acanhada. Não me agradou senão a menina que respondeu bem em doutrina religiosa”.<sup>542</sup>

Pouco antes das 17 horas D. Pedro II retornou ao palacete, jantou e como de costume, recebeu visitas, como por exemplo, “José de Resende Teixeira Guimarães e o coronel Custódio de Almeida Magalhães”,<sup>543</sup> representantes da Câmara Municipal do Turvo, os senhores “Honoré Genteur e Arthur Genteur, Comissários da *Académie Nationale de Paris*”, que encontravam-se no país a fim de “estabelecer relações comerciais entre o Brasil e as casas de Paris”.<sup>544</sup>

<sup>535</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 112.

<sup>536</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>537</sup> Informações extraídas a partir de exposição efetuada pelo Museu Regional de São João Del Rei em 2008.

<sup>538</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 112.

<sup>539</sup> CALMON. Op. cit. 1975. P. 1252.

<sup>540</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 112.

<sup>541</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>542</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 113.

<sup>543</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>544</sup> VIANNA. Op. it. 1957. P. 113.

Após a recepção, às 19 horas Suas Majestades seguiram de carro até a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, onde eram esperados “pela Municipalidade empunhando as varas do pálido e por vários cidadãos com tochas acesas”.<sup>545</sup> Antes do Te Deum ter início, o cônego Costa Machado subiu à tribuna para saudar o Imperador e sua esposa, e seguidamente: “O vigário fez um pequeno sermão em sentido inteiramente religioso e algum tanto ultramontano citando muitos autores”.<sup>546</sup>

Um coro dirigido pelo regente e violinista, Martiniano Ribeiro Bastos, acompanhou a cerimônia: “A música do Te Deum foi a melhor que ouvi em Minas, dizem ser composição do padre José Maria”.<sup>547</sup> Concluída a celebração, os Monarcas caminharam até o palacete e por onde passavam eram ovacionados pelo povo. Ao passarem pela Rua Municipal, onde um arco da classe caixeiral havia sido construído,

foi cantado o hino nacional pela exma. sra. D. Josina de Almeida, esposa do digno Vereador José Antônio de Almeida, e em novos e repetidos vivas prorrompeu o povo, confundindo-se as ovações com os marciais acordes das bandas de música.<sup>548</sup>

Após realizar uma breve recepção no palacete, o Imperador foi ao teatro assistir um espetáculo, durante o qual sentiu muito sono.<sup>549</sup> Assim que a peça terminou, retornou para a residência e se deitou.

Antes de partir de São João Del Rei, D. Pedro II doou 1:000\$000 para o Hospital de Misericórdia, 500\$000 para o recolhimento de órfãos, 400\$000 para os pobres e 300\$000 para a biblioteca.<sup>550</sup>

Às seis horas da manhã do dia 26 de abril, terça feira, a comitiva partiu em direção a São José Del Rei. Antes de chegarem ao arraial, os viajantes percorreram “pelo leito da estrada de ferro margeando o rio das Mortes com a serra de S. José à esquerda” e às oito horas chegaram à gruta da Casa de Pedra.<sup>551</sup>

O Imperador e sua corte exploraram o local por uma hora:

<sup>545</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>546</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 113.

<sup>547</sup> Idem.

<sup>548</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 02 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>549</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 113.

<sup>550</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>551</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 113.

Corri-a como pude até perto de 9h. Não há estalactites curiosos a não ser o que chamam púlpite. Há salas vastas, sobretudo a chamada do lustre. A gruta tem mais 2 andares superiores que só poderia percorrer se tivesse tempo embora a subida por eles seja difícil.<sup>552</sup>

No caminho para São José Del Rei, passaram próximo ao Rio Elvas e à margem do Rio das Mortes, de onde foi possível avistar a cidade. Na freguesia, o Monarca almoçou na casa do falecido padre Lara; conversou com o sobrinho-neto do frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da *Flora Fluminense*; visitou a escola de meninos, que não lhe “pareceram adiantados na instrução primária”,<sup>553</sup> e a igreja matriz, que não o “agradou como outras”.<sup>554</sup>

Despedindo-se de São José Del Rei, os viajantes deram continuidade à viagem, realizada a partir de então, em trem. Passaram pela estação da Invernada e pelo arraial de Barroso, chegando à estação do Sítio às 19 horas e 15 minutos, “aonde trocaram de trem para um da linha comum da EF DP II e chegaram na estação de Barbacena perto das 20 horas”.<sup>555</sup> Ao desembarcarem, seguiram de carro para a casa da Viscondessa de Prados, onde se hospedaram um mês antes.

Após o jantar, o Monarca conversou um pouco e então se recolheu, fazendo suas anotações diárias até pouco depois das 23 horas, deitando-se em seguida. Pela manhã do dia 27, D. Pedro II leu um pouco e então se retirou de Barbacena, onde fez a doação de “500\$000 para o hospital, 200\$000 para esmolas e 200\$000 para uma liberdade”.<sup>556</sup>

Às oito horas e 45 minutos da manhã, os membros da comitiva chegaram a Juiz de Fora e foram recebidos na residência do Barão de Cataguases, Manuel de Castro Guimarães. Às onze horas e dez minutos, após a refeição oferecida pelo Barão, partiram para a estação de Serraria e seguiram em um trem da Estrada de Ferro União Mineira, para São João Nepomuceno. Durante os 84 quilômetros percorridos entre as localidades, o Governante conversou com o engenheiro Pedro Betim Pais Leme e com o desembargador Pedro de Alcântara Cerqueira Leite, pouco depois Barão de São João Nepomuceno.

<sup>552</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 113.

<sup>553</sup> Idem.

<sup>554</sup> Idem.

<sup>555</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 133.

<sup>556</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 08 de Maio de 1881. P. 2.

O séquito chegou à cidade às 16 horas e 20 minutos, e logo o Monarca observou que a localidade que antes encontrava-se decadente, começava a ressurgir.<sup>557</sup> Para João Ricardo Ferreira Pires, a vila ressurgia devido à implantação da estrada de ferro.<sup>558</sup>

D. Pedro II inspecionou a construção do edifício destinado à escola de ambos os sexos, construção agenciada pelo juiz de direito, Virgílio de Melo Franco: “O juiz de Direito da comarca (Rio Novo) Virgílio de Melo Franco agenciou 3:000\$000 para compra de boa casa para as aulas e biblioteca. É um bom prédio”.<sup>559</sup> Visitou também o prédio das futuras Câmara e cadeia, a aula de meninas e de meninos. Em seguida retornou para casa, jantou às 18 horas e 30 minutos, conversou com algumas pessoas e foi para seus aposentos antes das 22 horas.

Na quinta-feira pela manhã, orou na igreja local, doou “400\$000 para as ditas obras, 100\$000 para os pobres e 300\$000 para a fundação de uma biblioteca”,<sup>560</sup> e às sete horas embarcou no trem da estação de São João Nepomuceno, “ponto terminal da estrada União-Mineira”.<sup>561</sup> Quando chegaram à estação de Bicas, ramal da Estrada de Ferro Leopoldina, Suas Majestades foram de carruagem até a fazenda de Assis Ferreira, sobrinho do Conde de Prados, Camilo Maria Ferreira Armond.

O Monarca percorreu toda a fazenda e anotou em seu diário os detalhes da produção cafeeira e do maquinário utilizado. Além disso, relatou que Assis Ferreira aparentava ser um homem inteligente e sério, e contratava homens livres para a colheita do café: “Assis já paga a homens livres para a colheita e o fará para a cultura”.<sup>562</sup>

Depois de conhecer a fazenda, o Imperador e os membros da comitiva almoçaram, em seguida partiram para a estação de Porto Novo do Cunha, onde passaram “para um trem especial da estrada de ferro Leopoldina”<sup>563</sup> e seguiram até a estação do Pântano. Na ocasião, D. Pedro II conversou com o presidente da companhia Estrada de Ferro Leopoldina, o senhor Antônio Paulo de Melo

<sup>557</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 114.

<sup>558</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 134.

<sup>559</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 114.

<sup>560</sup> *O Arauto de Minas*. Ouro Preto, 08 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>561</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 30 de Abril de 1881. P. 3.

<sup>562</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 115.

<sup>563</sup> *O Arauto de Minas*. Ouro Preto, 08 de Maio de 1881. P. 2.

Barreto, sobre a construção da malha ferroviária em Minas Gerais.<sup>564</sup> Assim que chegaram, os viajantes foram caminhando até a Fazenda do Pântano, propriedade do Dr. José Joaquim Álvares dos Santos Silva, futuro Barão de São Geraldo, secretário da mesma companhia acima citada.

A chegada à fazenda ocorreu às 15 horas e 30 minutos, em seguida o Imperador tomou um banho morno e após o jantar, servido às 18 horas, conversou com os senhores presentes, dentre eles, o ex-vigário de Barbacena, Camilo de Brito, que esteve em Ouro Preto na ocasião da visita do Monarca. No decorrer da noite foi realizada uma apresentação musical e os músicos eram escravos da casa.<sup>565</sup> Aproximadamente às 22 horas e 30 minutos, D. Pedro se recolheu.

Na sexta-feira, 29 de abril, assim que se levantou o Monarca tomou banho de chuveiro e às cinco e meia foi até a capela da fazenda, que apesar de pequena, era muito bonita.<sup>566</sup> Às seis partiu em direção à estação de Volta Grande, “entroncamento da estrada de ferro Pirapetinga”.<sup>567</sup> Daí seguiu para a estação de Pirapetinga, onde foi recebido pela diretoria da estrada de ferro, que o acompanhou até o arraial. Às oito horas e 30 minutos, visitou a igreja, a aula particular de meninos, a ponte de ligação entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro, e a casa provincial destinada à aula pública.<sup>568</sup>

Após o passeio, a comitiva regressou a Volta Grande às nove horas. O casal imperial e alguns integrantes do séquito continuaram a percorrer pela região da Zona da Mata, passando então pela estação de São Geraldo, posteriormente pela estação de Pomba e enfim à estação de Ponte Nova, uma “povoação nascente”.<sup>569</sup> O Monarca caminhou pelo vilarejo e observou a existência de poucas casas no local: “Poucas casas quase todas feitas depois da abertura da estação em janeiro de 1880”. Com a expansão da malha ferroviária, vilarejos surgiam e cidades que encontravam-se em decadência ressurgiam.

Após a rápida passagem por Ponte Nova, os viajantes passaram pelo município do Presídio e diretamente da estrada de ferro, partiram de trole até a Fazenda da Liberdade, propriedade do deputado José Cesário de Faria Alvim. Para bem receber o Governante, o deputado mandou iluminar a frente da casa

<sup>564</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 115.

<sup>565</sup> Idem. P. 117.

<sup>566</sup> Idem. P. 115.

<sup>567</sup> *O Arauto de Minas*. Ouro Preto, 08 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>568</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 116.

<sup>569</sup> Idem.

e contratou uma banda de música. De acordo com o Imperador: “A frente da casa que é boa estava lindamente iluminada. Muito boa banda de música vinda de Ubá”.<sup>570</sup>

Assim que chegou à fazenda D. Pedro II tomou banho e conversou até o jantar ser servido. Após a refeição assistiu à procissão dos colonos italianos, que cantaram e dançaram: “vi a procissão de colonos italianos com archotes. Falei-lhes e ao padre Filó que os dirige. Tocou gaita de foles, cantou um e dois dançaram. São quase todos da província de Salerno”.<sup>571</sup>

Às 22 horas, retirou-se da festa a fim de descansar e escrever em seu diário, e aproximadamente às 23 horas se deitou.

No dia 30 de abril, logo que acordou foi tomar banho de cachoeira, analisou alguns papéis e pouco depois seguiu para Ubá, onde, acompanhado por D. Teresa Cristina, foi até a igreja matriz.<sup>572</sup> Por estar cansada, a Imperatriz retornou para a residência “do médico Esteves Brás”<sup>573</sup> e o Monarca foi à Câmara Municipal e à cadeia. Encontrou o livro de entradas mal escriturado e os padrões métricos jogados pelo chão, sem o menor cuidado: “Casa da Câmara e cadeia grande, mas está só com o livro de entradas mal escriturado; padrões métricos para um lado e no chão do quarto das testemunhas”.<sup>574</sup> Ao passar pela cadeia, ordenou que fossem retiradas as gargalheiras do pescoço de dois presos.

Em seguida inspecionou as aulas de meninas, o colégio não lhe pareceu mal, já a aula pública, afirmou ser realizada em péssima casa: “A professora, mulher do agente do correio apronta a sala em casa própria porque tem internos que lhe pagam”.<sup>575</sup> Feitas as vistorias, D. Pedro II conversou com o presidente da Câmara, João Carlos Moreira e com o deputado Carlos Peixoto de Melo.

Os viajantes permaneceram em Ubá por apenas duas horas e foram levados de carruagem até a estação, partindo às oito horas da manhã. Uma parada foi feita na estação Diamante e aí o Imperador se encontrou com o tenente-coronel Daniel da Rocha Ferreira, que cultivava na região um famoso fumo de rolo. Após o lanche oferecido por Antônio Gomes Pereira, sogro do filho de Daniel, a viagem foi reiniciada e a locomotiva seguiu para a estação de Vista Alegre, e às dez horas

<sup>570</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 117.

<sup>571</sup> Idem.

<sup>572</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 08 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>573</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 117.

<sup>574</sup> Idem.

<sup>575</sup> Idem.

e 35 minutos seguiu pelo ramal Leopoldina, chegando à cidade de mesmo nome às 11 horas e 30 minutos.

Em Leopoldina o séquito foi recebido na residência “de um amigo de Gervásio Monteiro de Barros sobrinho neto do Congonhas”.<sup>576</sup> Depois do almoço, D. Pedro II inspecionou a Câmara e a cadeia: “Neste estabelecimento S. M. notou que não se executava o regulamento de Janeiro de 1842, observação que com razão já havia feito em visitas a outras cadeias da província”.<sup>577</sup> Em seguida assistiu às aulas primárias, visitou um colégio de meninas e por fim, acompanhado pelos membros da comitiva, foi de carruagem até a igreja. Às 13 horas e 45 embarcaram na estação e em 25 minutos já tinham alcançado a estação de Vista Alegre, seguindo então para a estação de Porto Novo do Cunha, onde o Ministro da Agricultura, conselheiro Manuel Buarque de Macedo, estava à espera dos Monarcas. Assim que o ministro embarcou, a viagem foi retomada e às 16 horas e 40 minutos a locomotiva passou mais uma vez pela povoação do Pântano e depois por São José de Além Paraíba.

Para a realização da excursão, foram utilizadas: “quatro liteiras, servidas por 24 bestas e nove tocadores; 32 cargueiros, divididos em quatro lotes tocados por dez tropeiros; 23 cavalos de sela e 57 bestas, parte para a remonta e parte para os cargueiros”, além disso, foram necessários ainda “Cinco arrieiros montados para conduzir as tropas e vigiar a cavalhada e onze camaradas, inclusive ferradores, corrieiros e campeiros”.<sup>578</sup>

Após 36 dias de viagem, realizada sobre quadrúpedes, liteiras, trem e até mesmo a pé, D. Pedro II chegou à Corte às 23 horas e 40 minutos do dia 30 de abril, desembarcando sob chuva na estação da Quinta da Boa Vista e encerrando a primeira viagem a Minas Gerais no ano de 1881.

No dia oito de maio, em correspondência com a filha, numa espécie de resumo, o Monarca contou o que achou da excursão à província e ninguém melhor para nos informar o quanto a viagem “foi interessante”:

Cara Filha

O diário lhe teria dito como foi interessante minha viagem a Minas. Esta província tem grandes elementos de prosperidade. Não falo de suas montanhas de ferro e de ouro e outros

<sup>576</sup> VIANNA. Op. cit. 1957. P. 117.

<sup>577</sup> *A Província de Minas*. Ouro Preto, 08 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>578</sup> *A Atualidade*. Ouro Preto, 05 de Maio de 1881. P. 2.



minerais. Tem regiões fertilíssimas por todas as culturas mesmo para o trigo de que comi muito bom pão. A escola de Minas pode servir de modelo. O Gorceix prestou um grande serviço ao Brasil. Acompanhou-me quase sempre de modo que foi quase uma contínua lição de mineralogia e de geologia. Leis e conferência de Gorceix sobre as riquezas mineralógicas de Minas [*Há publicada?*] no diário do Rio. Recomendo-lhe a leitura da viagem de Auguste Saint Hilaire na província de Minas. Observa muito bem tudo e suas reflexões tem amor para aplicação. [...] Diga á Condessa a que talvez me [*escapasse?*] uma carta que lhe escrevi, sobretudo recomendo a Ela e a Dominique a leitura de Saint Hilaire e da conferência de Gorceix, que provavelmente mandarei a Gaston o 1º nº interessantíssimo do Ano da Escola de Minas. As estradas de ferro vão continuando. [*ilegível*] e creio que com algum resultado [*ilegível*] de Goiás e Mato Grosso. O Buarque é muito inteligente e [*ético?*]. [*Vim achar?*] e edificar escola de Medicina transformando com grande proveito nosso ensino. [...] Gosto de ver que os fazendeiros de café em Minas perto da província do Rio já vão assalariando gente livre. [*A informação?*] pública em Minas [*não vai?*] bem. Má [*ilegível*] dependendo de como que não é tão necessário. Pensam em ramais de estrada de ferro do Pedro 2º que [*ilegível*] terá de seguir até o rio de S. Francisco para o das Velhas só com igual dispêndio [*ilegível*] regular e franca a vapores mesmo pequenos. Tomei nota de tudo; mas [*umas não?*] pude [*concordar?*] em tudo.<sup>579</sup>

---

<sup>579</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Pedro II a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial* (manuscritas). Fundo: XXXIX-1-22; 1881; Documentos: 24. Carta de 08 de Maio de 1881.

# **CAPÍTULO 6**

---

---



## Capítulo 6 – De volta a São João Del Rei: inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas

Desde que D. Pedro II partiu de São João Del Rei de volta à Corte, no final do mês de abril de 1881, a população são-joanense já ansiava por seu retorno, uma vez que o Monarca havia confirmado sua presença no momento da inauguração da EFOM: “devendo inaugurar-se a Estação de S. João d’El-Rei pelos meados desse mês, dependendo fixar-se o dia da inauguração, de designação de S. M. o Imperador que se digna honrar este ato, demorando-se nesta cidade três ou quatro dias”.<sup>580</sup>

A ansiedade popular quanto ao retorno do Monarca, estava diretamente relacionada à expectativa de que com a inauguração da linha férrea, a cidade seria inserida nos caminhos do progresso e enfim, a economia passaria por uma fase de ascensão, devido à facilidade do desenvolvimento do mercado interno e o escoamento dos produtos para o Rio de Janeiro, uma vez que São João Del Rei era um de seus “principais centros distribuidores”.<sup>581</sup>

Assim sendo, para os são-joanenses, “a locomotiva despertará com o seu estridente sibilar a pacífica cidade, onde se preparam festejos para solenizar uma época que lhe vem marcar propício futuro”.<sup>582</sup>

Até junho de 1881, ainda faltavam 13 quilômetros para os trilhos chegarem à cidade, além da conclusão das obras na ponte sobre o riacho Água Limpa,<sup>583</sup> e do término da construção da Estação, que encontrava-se sob a direção dos engenheiros Joaquim Cunha e Costa Real:

A estação nesta cidade está quase pronta. Elegante, sólida e de vastas proporções vem esta edificação ocupar lugar muito saliente entre os principais edifícios da cidade. Bem avisada andou a Diretoria confiando esta construção aos Drs. Joaquim Cunha e Costa Real.<sup>584</sup>

<sup>580</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 21 de Maio de 1881. P. 2.

<sup>581</sup> SANTOS, Welber Luiz dos. *A Estrada de Ferro Oeste de Minas: São João Del-Rei (1877-1898)*. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História. Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História. Mariana, 2009. P. 40.

<sup>582</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 04 de Junho de 1881. P. 2.

<sup>583</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 28 de Julho de 1881. P. 2.

<sup>584</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 04 de Junho de 1881. P. 2.

De acordo com Pablo Luiz de Oliveira Lima, a estação foi construída a partir de armações metálicas, tendo como modelo básico, os pavilhões ferroviários europeus da época.<sup>585</sup>

O trem de lastro chegou a São José Del Rei no dia cinco de junho e apenas no dia 25 de julho os trilhos chegaram a São João Del Rei, quanto à locomotiva: “Ainda não pôde a máquina chegar à Estação por não estar concluída a ponte sobre o riacho Água-Limpa”.<sup>586</sup>

Cinco dias depois o trem chegou à estação da cidade<sup>587</sup> e muitas pessoas gradas da sociedade estavam embarcadas, sendo recebidas com festa por toda a população, que ocupava as ruas à espera da chegada da locomotiva e seus passageiros:

No dia 30 do mês findo entrou na Estação desta cidade a locomotiva S. João d’El-Rei, trazendo no trem de lastro mais de mil pessoas, entre elas o presidente da câmara municipal, vereadores, representantes da Imprensa da localidade, senhoras e na máquina os três diretores da Companhia. Vinham todos os carros embandeirados e repletos de gente. A espaçosa praça da Estação estava apinhada de povo e a multidão estendida ao longo da estrada em cerca de um quilômetro, quando passava o trem, erguia vivas aos S. Joanenses e à patriótica diretoria da Oeste. Em vários pontos estavam postadas bandas de música, levantaram-se arcos e subiam ao ar estrepitosas girândolas. Na estação, depois do desembarque, a multidão prorrompeu em entusiásticas ovações à diretoria sendo pronunciados pelos srs. Fernando Lima e Fernando Evaristo brilhantes discursos.<sup>588</sup>

A fim de celebrar a chegada da locomotiva à cidade, uma grande recepção foi organizada. Além das inúmeras girândolas que subiram ao céu e das bandas de música que animaram o dia, foi servido um “suntuoso jantar de mais de 200 talheres nas proximidades da Estação”.<sup>589</sup>

Nesse dia se realizará o jantar de que já nos ocupamos, na chácara do sr. Francisco de Paula Corrêa que, conjuntamente com o sr. F[rancisco] A. Ferreira de Mello, o promoveu em

<sup>585</sup> LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *A máquina, tração do progresso. Memórias da ferrovia no oeste de Minas: entre o sertão e a civilização*. 1880-1930. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003. P. 85.

<sup>586</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 28 de Julho de 1881. P. 2.

<sup>587</sup> *Tribuna do Povo*. São João Del Rei, 31 de Julho de 1881. P. 2.

<sup>588</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 04 de Agosto de 1881. P. 2.

<sup>589</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 14 de Julho de 1881. P. 2.

regozijo pela chegada do lastro. Pela diretoria da estrada será nesse mesmo dia oferecido um outro jantar aos trabalhadores da linha (*Grifo nosso*).<sup>590</sup>

Como a estrada de ferro já encontrava-se em pleno funcionamento, restava apenas aguardar que o Imperador estipulasse a data para a inauguração:

Pedida a S. M. o Imperador a designação do dia para a inauguração desta importante via férrea da nossa província, por acharem-se terminados os trabalhos de sua construção e quase prontos os preparativos para a solenização do desejado ato inaugural, dignou-se S. Majestade prometer essa indicação para um dos dias entre 10 e 20 de Agosto próximo que será mais precisamente designado ainda, conforme a oportunidade também pedida de ser o ato honrado com a augusta presença de S. Majestade.<sup>591</sup>

Acreditamos que D. Pedro II tenha sugerido a data de inauguração da EFOM ainda no final do mês de julho, porém, a tão aguardada festa do progresso ocorreu apenas no dia 28 de agosto, sendo tal atraso consequência de uma síncope sofrida pelo Monarca no início desse mês: “Em seis de agosto, ‘assistia à missa estando ajoelhado, quando foi acometido de uma síncope’”.<sup>592</sup>

Devido ao ocorrido e visando sua recuperação, os médicos recomendaram que o Governante ficasse de repouso por uma semana e dessa forma, o retorno a São João Del Rei foi postergado.

Em meados de agosto, escreveu uma carta à princesa Isabel, notificando-a de que mais uma vez iria até a província de Minas Gerais: “Depois de 25 vamos a S. João d’El rei em estrada de ferro. A construção dela é na direção de Pitangui águas também do S. Francisco”,<sup>593</sup> afirmou ainda, que planejava permanecer na cidade por quatro dias: “Domingo vou até S. João d’El rei e estarei de volta aqui na quarta feira à noitinha”.<sup>594</sup>

Devido à festa que se organizava na cidade, a movimentação era constante. As ruas eram ocupadas tanto por cidadãos são-joanenses, quanto por fazendeiros

<sup>590</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 28 de Julho de 1881. P. 2.

<sup>591</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 04 de Agosto de 1881. P. 2.

<sup>592</sup> CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1975. (Coleção documentos brasileiros). P. 1256.

<sup>593</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Pedro II a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial* (manuscritas). Fundo: XXXIX-1-22; 1881; Documentos: 24. Carta de 14 de Agosto de 1881.

<sup>594</sup> Idem. Carta de 22 de Agosto de 1881.

da região e por pessoas oriundas da Corte, afinal, todos desejavam assistir a inauguração oficial da linha férrea, que desde o dia 22 de agosto encontrava-se ativa.<sup>595</sup>

Dentre as pessoas que visitaram São João Del Rei nessa ocasião, esteve a professora alemã, Ina von Binzer, que educando os filhos do fazendeiro “Dr. Rameiro”, acompanhou o patrão à cidade, onde chegou um dia antes da data estipulada por D. Pedro II para a inauguração da linha férrea:

Ina von Binzer veio para o Brasil em 1881, contratada por uma família do Estado do Rio, residente provavelmente nas divisas com São Paulo, e cujo chefe apelidou de “Dr. Rameiro”. Grande fazendeiro e senhor de escravos [...]. Do segundo casamento teve 12 filhos, dos quais sete entregues à direção da professora. Não foi possível averiguar o nome exato dessa família, que poderia ser a dos barões de Rameiro, a dos barões de Mauá, ou mesmo a do Marquês de Barbacena, cujas fazendas se estendiam pela baixada fluminense.<sup>596</sup>

De acordo com as anotações da educadora, a viagem até São João Del Rei foi realizada inicialmente, pela E.F.D.P.II:

Primeiro tomamos a grande estrada de ferro D. Pedro II, já existente, que somente na Província de Minas se liga à nova linha. Com verdadeira liberalidade brasileira, esta estrada transportou os convidados não só pelos seus domínios sem nenhuma remuneração, como entendeu-se com a grande estrada de ferro, de forma que percorremos uma distância de mais de cem milhas alemã, sem dispender um vintém.<sup>597</sup>

Assim que a locomotiva chegou à Estação do Sítio, houve a troca de trem e os passageiros embarcaram na locomotiva da EFOM. Ina von Binzer ficou admirada com o tamanho do vagão que os transportaria até São João Del Rei e descreveu a uma amiga a pequenez do veículo: “Você precisava ver o menor trem jamais sonhado, com vagões e locomotiva em miniatura! [...] É claro que, entre outros para passar o tempo, medimos o vagão, tinha 1,65m de largura”!<sup>598</sup>

<sup>595</sup> *Tribuna do Povo*, São João Del Rei, 28 de Agosto de 1881. P. 2.

<sup>596</sup> BINZER, Ina von. *Os meus romanos*: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. 6ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. P. 14.

<sup>597</sup> *Idem*. P. 47.

<sup>598</sup> *Idem*. P. 48.

A locomotiva partiu então em direção à cidade e seu desempenho surpreendeu a visitante alemã: “Afinal, partimos: primeiro devagar, depois mais depressa, sempre mais depressa, avançando ousadamente através das montanhas e pontes, como se aquela coisinha minúscula nada receasse”.<sup>599</sup>

A estação encontrava-se ornamentada e os hóspedes foram recebidos festivamente pela população: “Na estação embandeirada e enfeitada com festões, uma banda de música (na maior parte alemães) tocava alegremente instrumentos de sopro; na plataforma comprimia-se a multidão inextricável que viera receber os hóspedes ou apenas bisbilhotar”.<sup>600</sup>

Devidamente instalados, os viajantes recolheram-se a fim de descansar, afinal, o dia seguinte lhes reservava muitos compromissos. Como era de se esperar, São João Del Rei amanheceu agitada: “Todos os convidados estavam de pé, para ir visitar a cidadezinha e mesmo o mais pobre dos habitantes mostrava-se orgulhoso e amável porque se considerava um anfitrião”.<sup>601</sup>

Segundo Ina von Binzer, já pela manhã a população encontrava-se vestida com esmero para bem recepcionar Suas Majestades Imperiais:

Já cedo, pela manhã, as beldades brasileiras, isto é, uma parte delas, vestiram seus mais lindos vestidos, elegantes *toilettes* de cerimônia, procedentes de Paris. Quem tinha dinheiro e relações, mandara realmente encomendar um vestido parisiense ou pelo menos do Rio.<sup>602</sup>

Além do esmero quanto ao vestuário, a cidade também havia sido devidamente organizada para recepcionar os Augustos visitantes, que partiram da Corte pela manhã.

Mais uma vez bandas de música foram posicionadas por toda a cidade, fogos de artifício queimados e arcos do triunfo construídos. Enquanto a população orgulhava-se de seu trabalho na ornamentação da localidade, a professora criticava cada detalhe, como por exemplo, os arcos, que para ela nada tinham de triunfais: “Eram executados da maneira mais primitiva, com bambu flexível, um

---

<sup>599</sup> BINZER. Op. cit. 1994. P. 48.

<sup>600</sup> Idem.

<sup>601</sup> Idem. P. 49.

<sup>602</sup> Idem. P. 50.

grande no centro e dois pequenos dos lados. Deitados na calçada, foram revestidos de gaze multicolor e com intervalos de um pé, enrolados com fita”.<sup>603</sup>

Com o intuito de causar boa impressão nos hóspedes, algumas reformas foram empreendidas na cidade, tais como concertos de edifícios públicos e a limpeza das ruas:

É de necessidade absoluta que a ilustríssima câmara municipal mande fazer a limpeza da praia e das ruas; do contrário, passaremos por uma vergonha não só com o imperador, mas com uma enormidade de povo que vem assistir à inauguração da estrada.<sup>604</sup>

D. Pedro II e sua comitiva saíram da Corte na manhã do dia 28, acreditando que ao anoitecer já estariam em São João Del Rei. Contudo, devido a um problema da locomotiva em um dos túneis da E.F.D.P.II, o Imperador e seus acompanhantes foram obrigados “a esperar duas horas na estação de Entre Rios, que ainda estava sendo pintada e atapetada”.<sup>605</sup>

Assim sendo, o séquito chegou atrasado à Estação do Sítio: “Chegaram S.S.M.M. imperiais ao Sítio às 17 horas e 45 minutos, devida a demora da viagem a um desarranjo na máquina dentro do túnel do Casal”.<sup>606</sup> A Estação do Sítio, ponto final da E.F.D.P.II, era também o local de onde partiam os trilhos da EFOM, que inicialmente “contava com as estações de Sítio, Barroso, Tiradentes e São João Del Rei, e os postos telegráficos de Ilhéus e Capão Redondo”.<sup>607</sup>

Assim que a locomotiva chegou ao Sítio, foi realizada uma cerimônia de benção dos vagões e da linha férrea, e logo em seguida viajantes partiram para São João Del Rei.<sup>608</sup> Para compor sua comitiva, o Monarca convidou os:

Srs. Ministro da Agricultura [*Manuel Buarque de Macedo*] e da Marinha [*José Rodrigues de Lima Duarte*], Barão e Baronesa de Wildk, os semanários conselheiros Antônio Henrique de Miranda, Olegário Herculano [*de Aquino e Castro*], Dr. Souza Fontes, a dama de S. M. a Imperatriz, Exma. Sra. D. Maria Luiza, diversos empregados do Paço, Senador Cristiano Ottoni, Conde de Villeneuve, Dr. Herculano [*Veloso Ferreira*] Penna,

<sup>603</sup> BINZER. Op. cit. 1994. P. 51.

<sup>604</sup> *Tribuna do Povo*. São João Del Rei, 24 de Agosto de 1881. P. 2.

<sup>605</sup> BINZER. Op. cit. 1994. P. 52.

<sup>606</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 1.

<sup>607</sup> LIMA. Op. cit. 2003. P. 85.

<sup>608</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 1.



diretor da estrada D. Pedro II, Dr. Rademaker [*Jorge Rademaker Grunewald*], Dr. Niemeyer e Soares, Comendador [*Joaquim Miguel Ribeiro*] Lisboa, grande número de senhoras e perto de 300 convidados, entre eles engenheiros de várias estradas de ferro, representantes do Jornal do Comércio, Cruzeiro e Gazeta de Noticias (*Grifo nosso*).<sup>609</sup>

O trem de lastro chegou a São João Del Rei aproximadamente às 22 horas, entretanto, desde as 17 horas o povo aguardava na estação e ao longo da estrada de ferro:

Desde cinco horas da tarde em todas as ruas desta cidade movia-se compacta multidão de povo, que assemelhando-se a uma torrente caudalosa, vinha correndo a encher a praça da Estação e suas imediações. Ao longo dos trilhos estendia-se uma grossa linha de gente, acotovelando-se impaciente à espera do trem Imperial.<sup>610</sup>

De acordo com a folha conservadora local, a participação do Monarca e sua consorte na inauguração da ferrovia, era a prova do quanto o representante da nação se importava com as conquistas de seus súditos.

Assim sendo, D. Pedro II almejou estar presente nesse momento tão importante para São João Del Rei, que “pela primeira vez abria os olhos à luz do dia”.<sup>611</sup> Ou seja, pela primeira vez a cidade despontava nos caminhos do progresso e da civilização: “Do letargo, em que jazias, hoje acorda-te contente O grito agudo estridente Do progresso, que aí vem! É a vida que começa pra nossa terra benquista. É o sinal da conquista Da glória acenando além”.<sup>612</sup>

Todos consideravam a EFOM “um grande passo dado na estrada do progresso e vem testemunhar o quanto são capazes os S. Joanenses, semelhantes aos empreendedores Paulistas, quando se trata de elevar seu país”.<sup>613</sup>

O sibilar da locomotiva anunciou a chegada de Suas Majestades Imperiais à cidade e seu retorno foi compreendido pela população como uma grande demonstração do quanto “se interessam os augustos soberanos pelo engrandecimento desta briosa população”.<sup>614</sup> Assim que os ilustres visitantes

<sup>609</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 1.

<sup>610</sup> *Idem*.

<sup>611</sup> *Idem*.

<sup>612</sup> *Idem*. P. 3.

<sup>613</sup> *Idem*. P. 1.

<sup>614</sup> *Idem*.

desembarcaram, foram prontamente saudados com vivas pela multidão e recebidos com fogos de artifício, com uma salva de 21 tiros e a apresentação de uma banda de música ali disposta.

São João Del Rei novamente encontrava-se em festa pela visita dos Monarcas e mais uma vez:

A cidade vestia suas mais custosas galas e a brilhante iluminação dava-lhe aspecto deslumbrante, fazendo admirável efeito as luzes artisticamente colocadas ao longo do cais, pelos campanários, pelas ameias dos edifícios públicos e pelas pitorescas casinhas semeadas pela serra.<sup>615</sup>

A fim de homenagear e enaltecer o Imperador e a Imperatriz, inúmeros arcos foram construídos: “Nas ruas da cidade levantaram-se soberbos arcos triunfais adornados com primor, iluminados à *giorno* e nos quais se liam análogas inscrições, enfeitadas as casas com galhardetes, festões de flores e arbustos, e bandeiras de variadas cores”.<sup>616</sup>

Saudados e ovacionados pela população, D. Pedro II e D. Teresa Cristina cumprimentaram seus súditos e então seguiram para o palacete do finado Barão de São João Del Rei, falecido havia quase dois meses.

Durante o percurso até a residência, as lâmpadas das ruas foram acesas e as casas se iluminaram, segundo Ina von Binzer, com “uma espécie de lanterna de carro de boi de cada lado das janelas”,<sup>617</sup> e o casal foi então acompanhado pela multidão:

Suas Majestades entraram pela rua Municipal conduzidos em coche aberto, sendo por toda parte seguidos por imensa multidão, que não cessava de erguer-lhes entusiásticos vivas, acompanhando-os até o palacete do finado Barão de São João del-Rei onde se hospedaram.<sup>618</sup>

A Rua São Francisco, que levava ao palacete onde Suas Majestades Imperiais ficaram hospedadas, foi adornada com arcos do triunfo, porém, a decoração apresentada em tom elogioso pelos periódicos da cidade, foi criticada em demasia por Ina von Binzer:

<sup>615</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 1.

<sup>616</sup> *Idem*.

<sup>617</sup> BINZER. Op. cit. 1994. P. 53.

<sup>618</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 1.

Essa avenida de arcos do triunfo levava ao logis imperial e, se tivesse sido decorada com propriedade, poderia ter ficado muito graciosa. Mas com aqueles invólucros rijos e com a deficiente iluminação, quando os arcos foram erguidos do pó da rua no terceiro dia, apresentavam aparência desoladora, tanto mais que, para fixá-los, tinham aberto o calçamento espalhando as pedras desordenadamente. Diante da casa destinada ao Imperador, um pórtico feito de madeira recoberta de papel fechava essa alameda de arcos aparentando solidez, no seu aspecto pesadão e atarracado.<sup>619</sup>

Ainda de acordo com seu testemunho, o pórtico foi iluminado por lamparinas, no entanto, nem todas ascenderam “e essa linha de luzes interrompidas prejudicava o conjunto”.<sup>620</sup>

Quando o carro que transportava Suas Majestades foi avistado, uma voz anunciou a chegada dos ilustres hóspedes. Ansiosa por conhecer o Imperador do Brasil, a professora logo procurou avistá-lo:

Curiosa, avancei minha cabeça: um senhor alto, imponente, de barba branca, apertava cordialmente a mão do Dr. Rameiro, que se achava perto da porta; depois, esse vistoso senhor entrou no corredor e apertou a mão das senhoras, que se inclinaram levemente, e a seguir a dos senhores. [...] Atrás do Imperador, vinha uma senhora muito pequenina e um pouco disforme, vestida simplesmente de preto, sorrindo com benevolência e dando a mão a beijar. Eram o Imperador e a Imperatriz do Brasil. Você não pode fazer ideia do que sentia! Era tudo tão horrivelmente simples e eu imaginara de maneira tão diferente uma recepção aos Imperadores oferecida por esses suntuosos brasileiros! Não havia nada impressionante!<sup>621</sup>

Assim que chegou ao palacete, o casal foi recebido pelo Dr. Rameiro e seus acompanhantes, e por alguns membros da elite local, sendo a comissão, formada por apenas 12 pessoas: “Chegamos, atiramos o chapéu, o xale, e descalçamos a luva direita porque a etiqueta brasileira não permite cumprimentar S.S. Majestades de luvas. Depois, ficamos em pé no corredor da entrada da casa – doze pessoas apenas”.<sup>622</sup>

<sup>619</sup> BINZER. Op. cit. 1994. P. 51.

<sup>620</sup> Idem. P. 53.

<sup>621</sup> Idem. P. 54.

<sup>622</sup> Idem. P. 53.

Para a alemã, além da exagerada simplicidade em torno dos Monarcas, a residência havia sido decorada humildemente, sendo composta por “móveis de palhinha, mais que simples para o gosto europeu” e muitos objetos foram emprestados para compor e “enriquecer” a decoração.<sup>623</sup> Finalizados os cumprimentos, de braços dados com a esposa, D. Pedro II se dirigiu ao segundo andar e a Imperatriz então seguiu até a sala de visita, onde se sentou e conversou com as senhoras ali presentes:

Em cima, a Imperatriz senta-se no sofá da sala de visitas, as senhoras presentes seguem o exemplo dessa única dama da corte, à direita e à esquerda, nas filas de cadeiras em ângulo reto, e a pobre princesa, velha e cansada, encontra ainda uma palavra amável para cada uma.<sup>624</sup>

Sobre o Monarca, Ina von Binzer afirmou que, “como se fosse um moço, sem o mínimo sinal de fadiga”, se reuniu com os senhores.<sup>625</sup> O Soberano conversou com os senhores e, para sua surpresa, também se dirigiu à preceptora:

Ele falou também comigo. Primeiro, assustei-me quando se dirigiu a mim perguntando por meu tio que se acha em Nova York, mas viveu muito tempo no Brasil, tendo sido muito protegido pelo Imperador. Parece que D. Pedro fala bem o alemão, mas comigo falou em francês.<sup>626</sup>

Acreditamos que posteriormente à recepção, foi oferecido um jantar aos Monarcas, uma vez que Ina von Binzer afirmou que nada lhe parecia confortável na residência, “a não ser a sala de jantar onde havia uma mesa lindamente arranjada e decorada por um cozinheiro francês”.<sup>627</sup>

Após as boas vindas, todos se retiraram e finalmente o Imperador e Imperatriz puderam descansar da viagem.

Infelizmente, no decorrer da madrugada do dia 29 de agosto, o Ministro da Agricultura, conselheiro Buarque de Macedo, que havia passado mal dentro do túnel do Casal e desde Entre Rios se queixava de indisposição, teve seu estado de saúde agravado:

---

<sup>623</sup> BINZER. Op. cit. 1994. P. 53 e 54.

<sup>624</sup> Idem. P. 54 e 55.

<sup>625</sup> Idem. P. 55.

<sup>626</sup> Idem.

<sup>627</sup> Idem. P. 54.

Desde Entre Rios o conselheiro Buarque queixava-se de leve indisposição, que agravou-se na demora dentro do túnel do Casal pelo desarranjo da máquina e que no Sítio tomou maiores proporções a ponto de lhe aconselharem os amigos que tomasse um trem para Barbacena a fim de prontamente medicar-se.<sup>628</sup>

Mesmo recomendado a seguir diretamente para Barbacena, o conselheiro preferiu seguir até São João Del Rei, onde se hospedou na residência da sogra do conselheiro José Rodrigues de Lima Duarte, D. Maria da Glória Teresa Batista Machado.<sup>629</sup> Assim que chegou à casa, o ministro “atirou-se ao leito ofegando de aflição e sentindo falta de ar”.<sup>630</sup>

Já de cama, o conselheiro recebeu os cuidados do conselheiro e amigo José R. de Lima Duarte, do Dr. Azevedo Lima e do Dr. Batista dos Santos. Porém, mesmo recebendo assistência médica, aproximadamente às quatro horas da manhã:

os médicos assistentes declararam gravíssimo o estado do enfermo, sendo convocada logo uma conferência, convidados para esse fim os drs. Cassiano Gonzaga, Lazarini, Souza Fontes e Mourão, proferindo eles este terrível prognóstico – congestão pulmonar, tendo por origem uma lesão cardíaca.<sup>631</sup>

Como as tentativas dos médicos não resultaram em uma melhoria do quadro de saúde do paciente, D. Pedro II foi comunicado da situação e às cinco horas da manhã chegou à residência, a fim de mostrar sua condolência e preocupação com o enfermo. O Imperador permaneceu no local até às sete horas e após duas horas retornou. Neste momento o ministro já agonizava: “Às nove horas voltou S. Majestade e já encontrou o conselheiro Buarque na agonia e não lhe restando mais esperança de ver salvo seu ministro disse: ‘É preciso chamar o Vigário’”.<sup>632</sup>

<sup>628</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 2.

<sup>629</sup> HOLANDA, Bartolomeu Buarque de. *Buarque: uma família brasileira – Ensaio histórico-genealógico*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. P. 166.

<sup>630</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 2.

<sup>631</sup> Idem.

<sup>632</sup> Idem.

Além dos médicos e o Monarca, estavam presentes também, entre outros, o engenheiro Ewbank e o cônego Costa Machado, que aplicou a extrema unção antes que o político falecesse.<sup>633</sup>

À tarde, ao invés do esperado clima festivo e das solenidades organizadas, os cidadãos encontravam-se de luto e acompanhavam o carro que conduzia o corpo do político:

Às cinco horas da tarde foi transportado o cadáver, acompanhado por imensa multidão de povo, à estação da Estrada d'Oeste sendo depositado em um carro adornado lugubrememente, proferindo uma alocução antes de partir o trem o sr. dr. Cassiano.<sup>634</sup>

O dia foi marcado por profunda tristeza e todas as pessoas que ali se encontravam, a fim de participar da festa do progresso, encontravam-se de luto:

Quando se esperava o regozijo inteiro do festim, quando a cidade estava completamente coberta de galas, foi agredida pela infausta morte de tão distinto cidadão que ocupava nos conselhos da coroa elevada posição. [...] Quando o povo havia alvorado a bandeira do festim, imediatamente se ergueu um pavilhão completamente de luto.<sup>635</sup>

Devido ao falecimento do ministro, a pedido do Monarca, foi celebrada na Igreja de São Francisco de Assis, uma missa pela alma do ministro.<sup>636</sup> Em carta datada de primeiro de setembro, D. Pedro II contou à filha sobre o passamento do conselheiro e demonstrou tristeza pela perda: “A morte do Buarque de Macedo a que assisti em S. João d’El-rei consternou-me”.<sup>637</sup>

Assim como o marido, D. Teresa Cristina também escreveu à filha sobre o infeliz acontecimento:

Chegamos [...] da nossa viagem de São João del Rei a qual como deve bem saber que tivemos o desgosto de perder no dia seguindo da nossa chegada foi o conselheiro Manuel Buarque de Macedo ministro da Agricultura que muita pena nos fez e

<sup>633</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 2.

<sup>634</sup> *Idem*.

<sup>635</sup> *Tribuna do Povo*. São João Del Rei, 04 de Setembro de 1881. P. 2.

<sup>636</sup> *Idem*.

<sup>637</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Pedro II a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial* (manuscritas). Fundo: XXXIX-1-22; 1881; Documentos: 24. Carta de primeiro de Setembro de 1881.

tudo isto fez que nada das festas que estavam preparadas puderam haver lugar.<sup>638</sup>

Após o triste dia, o Monarca recolheu-se no palacete do Barão de São João Del Rei, de onde se retirou apenas no dia 30, quando os festejos foram retomados e as bandas de música animaram as ruas: “A Comissão do Comércio primou nos festejos a seu cargo. A rua desse nome estava magnificamente enfeitada e num coreto a banda de música tocou variadas e escolhidas peças durante a noite”.<sup>639</sup>

Como de costume, durante os dias 30 e 31 de agosto D. Pedro II destinou seu tempo a visitar os edifícios públicos, escolas, igrejas, a Santa Casa de Misericórdia e o arrabalde de Matosinhos, onde percorreu muitas chácaras.<sup>640</sup>

Após três dias desde a chegada a São João Del Rei a comitiva retornou para a Corte no dia 31, levando consigo o corpo do conselheiro Manuel Buarque de Macedo. No caminho de volta, houve uma rápida parada em Juiz de Fora, onde o Imperador participou de mais uma inauguração de linha férrea, tratava-se da Estrada de Ferro de Juiz de Fora – Piau.<sup>641</sup>

Logo após a solenidade, a viagem teve continuidade e de acordo com D. Teresa Cristina, o trem chegou ao Rio de Janeiro aproximadamente às 20 horas.<sup>642</sup>

---

<sup>638</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Teresa Cristina a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial* (manuscritas). Fundo: XL2-26; 1881; Documentos: 41. Carta de primeiro de Setembro de 1881.

<sup>639</sup> *O Arauto de Minas*. São João Del Rei, 03 de Setembro de 1881. P. 2.

<sup>640</sup> Idem.

<sup>641</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco. *As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX*. Juiz de Fora: Clío Edições Eletrônicas, 2002. P. 14.

<sup>642</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Teresa Cristina a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial* (manuscritas). Fundo: XL2-26; 1881; Documentos: 41. Carta de primeiro de Setembro de 1881.

# **CONCLUSÃO**



## Conclusão

No decorrer do primeiro capítulo nos foi possível observar D. Pedro II como um intelectual, cuja afeição aos estudos o levou a ser considerado um “Homem de Letras”, dedicado ao conhecimento. Assim sendo, tudo relacionado à ciência, como por exemplo, as descobertas e invenções do século XIX, atraía o Monarca. Essa atração pode ser observada durante todo o seu reinado, uma vez que incentivou constantemente a modernização do país, apoiando, por exemplo, a implantação de estradas de ferro e de rodovias, e a modernização do sistema elétrico, possivelmente visando inserir o Brasil nos caminhos do progresso.

Acreditamos que sua dedicação à ciência e à civilidade, tenha sido uma das razões que o impulsionaram a visitar a província de Minas Gerais, ou seja, supomos que as viagens empreendidas no decorrer do ano de 1881, possam ter sido uma resposta aos seus anseios intelectuais. Presumimos ainda, que a situação política vigente no país nesse contexto, também tenha impulsionado a excursão à província.

Em oposição à Monarquia, no início da década de 1870 uma nova proposta de governo começou a circular, sendo então criado o Partido Republicano, que conquistou adeptos em todo o país. Foi ainda no decorrer desse decênio, que críticas ao Imperador e ao regime governamental, ganharam destaque na imprensa e nas ruas, sobretudo durante as festas de carnaval. Assim sendo, durante os anos finais do Império brasileiro, percebemos uma crise abrangendo a imagem de D. Pedro II, como o representante político da nação.

Para nós, a crise envolvendo o Soberano e o governo imperial, teve início no momento em que o Monarca mostrou-se favorável à abolição da escravidão, causando reação, sobretudo, entre os proprietários de escravos e de terras.

Entre as décadas de 1860 e 1870, o trabalho escravo foi amplamente discutido entre os políticos e o Imperador, que em 1864 enviou uma carta ao Presidente do Conselho de Estado, Zacarias de Góes e Vasconcellos, discorrendo

sobre a possibilidade da libertação do ventre da mulher escrava:<sup>643</sup>

A medida que me tem parecido profícua é a liberdade dos filhos das escravas, que nascerem daqui a certo número de anos. Tenho refletido sobre o modo de executar a medida; porém é de ordem das que cumpre realizar com firmeza, remediando os males que ela necessariamente originará, conforme as circunstâncias o permitirem.<sup>644</sup>

Em 1865, D. Pedro II solicitou a José Antônio Pimenta Bueno, futuro Visconde de São Vicente, a elaboração de propostas de ação legislativa visando a emancipação dos escravos.<sup>645</sup> As propostas foram concluídas em janeiro de 1866, sendo sua análise retardada devido à Guerra do Paraguai, que teve início no final de 1864.<sup>646</sup>

Seis meses após a conclusão das propostas, o Monarca recebeu um pedido encaminhado pela Junta Francesa de Emancipação:

Preocupados com a forma lenta como a abolição se processava no Brasil, os seus membros enviaram, em julho de 1866, uma mensagem a D. Pedro II, na qual manifestavam seu estado de espírito e apelavam ao Imperador no sentido de que terminasse no mais curto prazo possível a escravidão no Brasil.<sup>647</sup>

O Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em nome de D. Pedro II, afirmou à Junta Francesa que: “A emancipação dos escravos, consequência necessária da abolição do tráfico, não

---

<sup>643</sup> Sobre a questão da mão-de-obra escrava no Segundo Reinado, ver: CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008; CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Braziliense, 1985. 3ª edição; DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel, a “Redentora” dos Escravos: uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846 - 1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004; LINHARES, Maria Yedda. *História geral do Brasil*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Campus, 1990; LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II, 1825-1891*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

<sup>644</sup> LYRA. Op. cit. 1977. Vol. 1. P. 162.

<sup>645</sup> CHALHOUB. Op. cit. 2003. P. 139.

<sup>646</sup> Sobre a Guerra do Paraguai, ver: CARVALHO. Op. cit. 2007; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998; SILVA, Eduardo. *Dom Obá d’África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>647</sup> MOURA, Clóvis. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. Clóvis Moura; assessora de pesquisa Soraya Silva Moura. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. P. 228.

passa de uma questão de forma e oportunidade”.<sup>648</sup> O posicionamento do Soberano gerou reação e grande efervescência entre políticos e fazendeiros.

Segundo Joaquim Nabuco, a proposta teve

o efeito de um raio caindo de céu sem nuvens. Ninguém esperava tal pronunciamento. Tocar assim na questão da escravidão pareceu a muitos, na perturbação do momento, uma espécie de sacrilégio histórico, de loucura dinástica, de suicídio nacional.<sup>649</sup>

Favorável à causa emancipacionista, em 1867 o Imperador nomeou uma comissão do próprio Conselho, presidida por Nabuco de Araújo, que teria como finalidade a formulação de um projeto baseado na opinião da maioria dos conselheiros.

A resistência ao projeto foi clara desde o início de seu desenvolvimento, tendo à frente da linha de oposição, a elite proprietária e alguns políticos, em sua maioria conservadores. A fim de justificar os motivos para tal objeção, a classe senhorial relacionou sua resistência à dependência econômica do país da mão-de-obra escrava, considerada a maior responsável pela pujança da economia de exportação.<sup>650</sup>

Um dos conselheiros contrários ao projeto, José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco, apresentou seu ponto de vista sobre a questão servil:

no estado atual da sociedade brasileira, mesmo os espíritos mais afoitos não agitariam semelhante reforma, se o governo imperial (Vossa Majestade Imperial permitir-me-á esta franqueza) não fosse o primeiro em julgar que era chegada ou estava mui próxima a oportunidade de tão profunda mudança no modo de ser de nossos estabelecimentos agrícolas.<sup>651</sup>

Percebemos então, que para os escravocratas, o momento era considerado inoportuno e assim sendo, a iniciativa de D. Pedro II foi considerada precipitada.

<sup>648</sup> CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro em nosso país. Rio de Janeiro: Agir, 2005. P. 55-56.

<sup>649</sup> CARVALHO. Op. cit. 2008. P. 305.

<sup>650</sup> Para outras justificativas dadas pela oposição à aprovação da lei, ver: CHALHOUB. Op. cit. 2003. P. 143 a 150; CARVALHO. Op. cit. 2008. P. 307.

<sup>651</sup> CHALHOUB. Op. cit. 2003. P. 148.

Possivelmente, o pronunciamento de Rio Branco tenha representado nessa ocasião, a opinião da maior parte dos políticos: “Não há entre nós um partido que tomasse a peito a abolição da escravidão. Ninguém supunha essa medida tão próxima”.<sup>652</sup>

Depois de acirradas discussões, chegou-se a um consenso, praticamente todos – favoráveis e contrários à lei – estavam de acordo em retomar o projeto quando a Guerra do Paraguai terminasse, pois o país teria recomposto as finanças do Estado, da lavoura e do comércio.

Como apontou José Murilo de Carvalho, terminada a guerra em 1870, pressões por alguma iniciativa governamental tiveram início: “Era certo que o governo imperial movia-se novamente para a emancipação gradual, ainda que contra os interesses dos barões do café e dos políticos que os representavam”.<sup>653</sup>

Nesse momento, estava no poder, o Gabinete de Joaquim José Rodrigues Torres, o Visconde de Itaboraí, que resistiu ao máximo às propostas de emancipação, buscando retardar sua aprovação. Como consequência de seus atos, o Presidente do Conselho de Ministros sofreu críticas veementes e: “Vendo-se em posição contrária à de d. Pedro, Itaboraí decidiu pedir demissão”.<sup>654</sup>

O Monarca aprovou a solicitação e em setembro do mesmo ano o cargo foi ocupado por Pimenta Bueno, então Visconde de São Vicente, o autor original dos projetos de libertação. O tema da emancipação retornou à ordem dos debates, ainda que contra os interesses dos barões de café e seus representantes.<sup>655</sup>

Em março de 1871, São Vicente renunciou à função em favor de José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, anteriormente contrário à proposta de lei, mas que aderiu à causa abolicionista durante a Guerra do Paraguai. Segundo a *Revista Americana*, “Rio Branco organizou rapidamente seu famoso gabinete, o mais fecundo do império”.<sup>656</sup>

Em junho de 1871, ao discursar em defesa do projeto na Câmara dos Deputados, Rio Branco elucidou sua mudança de posição:

---

<sup>652</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 133.

<sup>653</sup> CHALHOUB. Op. cit. 2003. P. 164.

<sup>654</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 135.

<sup>655</sup> CHALHOUB. Op. cit. 2003. P. 164.

<sup>656</sup> Sobre a administração do visconde do Rio Branco, ver: La Diplomacia de La Triple Alianza – El Barón de Cotegipe y Manuel Quintana (1871). In: *REVISTA AMERICANA: uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909-1919)*. Ed. fac-similar. Brasília: Senado Federal, 2001.

Eu me achei entre não menos de 50 mil Brasileiros, que estiveram em contato com os povos dos Estados vizinhos, e eu sei por mim, e por confissão de muitos dos mais ilustrados dentre eles, quantas vezes a permanência dessa instituição odiosa no Brasil nos vexava e nos humilhava ante o Estrangeiro.<sup>657</sup>

Após calorosos debates e a análise do projeto emancipacionista, a comissão formada pela Câmara dos Deputados, deu parecer favorável à adoção da lei em 30 de junho de 1871: “O projeto passou na Câmara por 61 votos a 35 e foi aprovado no Senado com menor dificuldade”.<sup>658</sup> Sob o Gabinete do Visconde do Rio Branco, em 28 de setembro de 1871, foi sancionada a Lei do Ventre Livre, sendo assinada pela então regente do Brasil, princesa Isabel: “Desde esse dia, nenhum homem mais nasceu escravo no Brasil, e a glória da civilização sem mancha iluminou a frente vencedora do eminente estadista do império”.<sup>659</sup>

Segundo Sidney Chalhoub, a resistência às propostas se deu principalmente entre o núcleo dos grandes proprietários, que atuavam a partir de uma política de domínio assentada na inviolabilidade de sua vontade e viam a exploração da mão-de-obra escrava como o meio mais comum de enriquecimento.

A insatisfação e questionamentos levantados pela elite proprietária de terras e de escravos, contra o modelo governamental brasileiro, somaram-se ao coro de reclamações, reivindicações oriundas do setor militar.

Os militares, descontentes com sua ínfima participação no quadro político nacional e visando um “novo status” social,<sup>660</sup> reforçaram o movimento republicano, juntamente a uma parcela da classe senhorial.

Essa insatisfação, que ganhou espaço nos anos 1870 entre os militares e a elite proprietária, teve continuidade na década de 1880, destacando-se então, a atuação militar.

Desde o regresso da Guerra do Paraguai, os militares demandavam por maior participação na vida política do país, contudo, o poder permaneceu nas mãos dos integrantes da elite civil, o que criou entre o setor, “a convicção de que

<sup>657</sup> LYRA, Heitor. Op. cit. 1977. Vol. 1. P. 162.

<sup>658</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 136.

<sup>659</sup> REVISTA AMERICANA. Op. cit. 2001. P. 338.

<sup>660</sup> JESUS, Ronaldo Pereira de. *Visões da Monarquia: escravos, operários e abolicionismo na corte*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009. P. 64.

o governo não dava aos militares a atenção que eles mereciam em compensação pelo esforço de guerra”.<sup>661</sup>

Nos anos 1880, o major Benjamin Constant propagou dentro das escolas militares, ideias positivistas que: “Em seu esquema evolucionista, [...] considerava a república um regime superior à monarquia”.<sup>662</sup> Por valorizarem os estudos teóricos, como a matemática e a ciência, a expansão dos ideais positivistas agravou ainda mais o quadro de descontentamento quanto ao lugar que o grupo ocupava na sociedade, uma vez que a “mocidade militar”, expressão utilizada por Maria Tereza Chaves de Mello, se considerava mais instruída e preparada que os bacharéis, para modernizar e elevar o país a um estágio superior da civilização, a República.<sup>663</sup>

Dessa forma, a aversão militar ao governo imperial, devido ao sentimento de falta de oportunidade dentro do sistema e o desprestígio profissional perante a sociedade, só fizeram aumentar sua revolta e oposição ao Estado, assim como o desgaste entre a Coroa e a classe senhorial, que permaneceu sentindo-se traída pelo Monarca. O afastamento entre a elite proprietária e a Coroa, afetou as estruturas do Império, uma vez que essa elite era a grande responsável pela base e apoio econômico do país.

Em meio à agitação política, as críticas a D. Pedro II se tornaram cada vez mais frequentes e ganharam o espaço público. Através das caricaturas publicadas nas folhas impressas – que desde os anos 1870 se incorporaram ao cotidiano da Corte com mais veemência –, os membros do Partido Republicano foram os grandes responsáveis pela propagação de imagens depreciativas do Imperador e do regime monárquico.<sup>664</sup>

Como “resultado da indiferença com que o monarca encarava os negócios de Estado, ou da atitude oscilante que começava a ostentar publicamente”,<sup>665</sup> o Soberano recebeu nas folhas ilustradas, a alcunha de “Pedro Banana”. As sátiras envolvendo os representantes do Governo, utilizavam o humor para informar e funcionavam, principalmente, como espaço de crítica e denúncia política.

---

<sup>661</sup> CARVALHO. Op. cit. 2007. P. 195.

<sup>662</sup> Idem.

<sup>663</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Ed. UDV: editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Eduf), 2007. P. 37 e 38.

<sup>664</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998.

<sup>665</sup> Idem. P. 416.

Elas ridicularizavam as viagens do Imperador ao exterior, a paixão pelo estudo e erudição em temas que não se adequavam à realidade do país, o envolvimento com a maçonaria e, sobretudo, o cansaço que abatia o “velho” Monarca, como por exemplo, a sonolência nos atos solenes, e o que acreditavam se tratar de um desinteresse imperial em governar.

Em um dos periódicos utilizados no segundo capítulo do presente trabalho, muitas críticas foram direcionadas a D. Pedro II, trata-se da *Revista Ilustrada*, propriedade do italiano Angelo Agostini, nascido em 1843, em Vercelli, província de Piemonte. Angelo viveu aproximadamente dez anos na França, vindo para o Brasil aos 16 anos, acompanhando sua mãe. O desembarque ocorreu no Rio de Janeiro e pouco tempo depois, Agostini seguiu para São Paulo, onde deu início à profissão de caricaturista, trabalhando primeiramente, no periódico *Diabo Coxo*.

O jornal era redigido por Luís Gama, “ex-escravo, abolicionista e liberal”, e contava com a colaboração de “Sizenando Nabuco – irmão mais novo do defensor da causa abolicionista Joaquim Nabuco”.<sup>666</sup> De acordo com Rosângela de Jesus Silva, as ideias políticas de Angelo Agostini, tomaram forma a partir desse contexto: “Seus companheiros de jornal Luís Gama e Sizenando Nabuco tinham posições muito firmes no sentido anti-escravista”, além disso, Luís Gama era um homem “com experiência política e social suficiente para plantar junto a jovens como Agostini os germes do abolicionismo e do liberalismo”.<sup>667</sup>

Posteriormente, em parceria com Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis, fundou o periódico *O Cabrião*, “que se compromete a dizer a verdade, é um observador atento e crítico dos acontecimentos políticos, religiosos, culturais e de costumes em geral, ainda da incipiente cidade de São Paulo”.<sup>668</sup> Para Rosângela de Jesus Silva, a orientação política de *O Cabrião* era “abolicionista, liberal e com sinais das ideias republicanas”.<sup>669</sup>

A vida útil da folha foi breve. Com apenas um ano de publicação, em 1867 o periódico encontrou seu fim e Agostini buscou novas possibilidades na Corte,

---

<sup>666</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. *Angelo Agostini: crítica de arte, política e cultura no Brasil do Segundo Reinado*. Revista de História da Arte e Arqueologia, número 6, dezembro de 2006. P. 111.

<sup>667</sup> Idem.

<sup>668</sup> Idem. P. 109.

<sup>669</sup> Idem. P. 111.

não deixando de relacionar suas caricaturas à política, religião e cultura, sendo a ironia a característica mais acentuada e permanente de suas obras.<sup>670</sup>

Rosângela Silva afirmou que nesses dois periódicos e nos primeiros anos de atuação profissional do caricaturista, a figura de D. Pedro II foi muito respeitada. No entanto, o “respeito” à imagem imperial não teve continuidade nos trabalhos realizados no decorrer de sua carreira no Rio de Janeiro, para onde se mudou no mesmo ano da extinção da folha *O Cabrião*.

Na Corte, Angelo trabalhou em muitos jornais, como por exemplo, *O Arlequim*, que em 1868 passou a se chamar *Vida Fluminense* e Agostini assumiu então, a direção artística da revista, ocupando o cargo até 1871 e em 1872 começou a trabalhar no jornal *O Mosquito*, de onde saiu em 1875, para fundar sua própria folha, a *Revista Ilustrada*, cujo número inicial foi publicado no dia primeiro de janeiro de 1876.

A *Revista* foi publicada ininterruptamente por 12 anos e apesar das recorrentes críticas a ela direcionadas, recebeu muitos elogios de seus contemporâneos, como por exemplo, de Joaquim Nabuco, que a denominou “Bíblia Abolicionista”.<sup>671</sup>

A folha alcançou grande sucesso, uma vez que Angelo Agostini buscava apresentar a realidade nacional nas páginas da revista. Nos textos e nas caricaturas, o italiano criticou o mundo das artes, sobretudo a Academia Imperial de Belas Artes – crítica relacionada ao seu anti-imperialismo –, o tratamento que os negros recebiam no país, denunciando as violências por eles sofridas, deixando sobressair dessa forma, seu posicionamento antiescravista. Além disso, Agostini apresentou ainda, um “novo projeto político-social para o Brasil, fundado num regime republicano e liberal”.<sup>672</sup>

A *Revista Ilustrada* alcançou tanto as classes letradas da sociedade, quanto a população analfabeta, devido ao fato de ser um periódico que investia na publicação de imagens, ou seja, através das caricaturas, pessoas não letradas possuíam condição de compreender os acontecimentos políticos e sociais, e eram inseridas nos debates então em voga, sobretudo, na área política:

---

<sup>670</sup> SILVA. Op. cit. 2006. P. 109.

<sup>671</sup> Idem. P. 112.

<sup>672</sup> Idem.



Numa fase de agitação crescente, surgindo as grandes questões que abalariam o regime, discutindo-se problemas essenciais ou importantes, era preciso estender a influência e não limitá-la ao elemento culto, intelectualizado, afortunado.<sup>673</sup>

Para Augusto Carvalho Borges<sup>674</sup>, as caricaturas desenhadas por Angelo Agostini, representavam fatos recentemente ocorridos na Corte e também em outras localidades, como é o caso da viagem a Minas Gerais. Como sabemos, durante tal circunstância, repórteres da imprensa carioca acompanharam o Imperador e o correspondente da *Gazeta de Notícias*, José Carlos de Carvalho, contribuiu também com a *Revista Ilustrada*.

Possivelmente, assim que as informações enviadas pelo jornalista chegavam ao Rio de Janeiro, Agostini prontamente colocava-se a executar as caricaturas que comporiam a próxima publicação, visando a atualidade das informações. Muitos números do periódico abordaram a visita do Monarca à província de Minas e acreditamos que as informações contidas em suas páginas, eram baseadas nos relatos do repórter. Contudo, acreditamos ainda, que Agostini tenha participado do processo de criação das notícias, devido à escrita sarcástica e pejorativa em torno de D. Pedro II nessa ocasião, resultado da postura anti-imperialista, liberal e republicana do caricaturista.

Nossa intenção não é analisar as motivações por trás das críticas efetuadas pela *Revista Ilustrada*, mas apresentá-las em sua essência irônica, característica intrínseca ao trabalho de Agostini.

As publicações por nós levantadas, compreendem o período de fevereiro a setembro de 1881, sendo que debruçamo-nos com mais empenho, sobre 23 números, dentre esses, dez abordam diretamente a estadia do Imperador na província mineira, entre março e maio desse ano.

Na edição número 243, Agostini criticou a realização da viagem, afirmando que enquanto soberanos de todo o mundo encontravam-se em uma situação política complicada, o soberano brasileiro viajava “tranquilamente” pelo interior de seu país:

---

<sup>673</sup> SILVA. Op. cit. 2006. P. 112.

<sup>674</sup> BORGES, Augusto Carvalho. “*Esse gargalhar quem em tudo se desdobra*”: Do significado das Imagens Cômicas de Ângelo Agostini na crise no império de Pedro II. *Universidade Federal de Minas Gerais*. Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Monografia de conclusão de curso. 2005.

Feliz monarca, que pode assim correr terras, quando todos os soberanos não correm senão perigo! Com efeito deve ser-lhe agradável o paralelo. Quando o socialismo tem os reis trancados nos seus castelos fortes, e os imperadores caem dos tronos, fulminados pelas bombas niilistas, S. M. sobe tranquilamente ao monte Mário, e cai apenas do seu Cavallo baio. Também, só os cavalos têm-se mostrado irreverentes; e, quem sabe, não será isso uma represália?<sup>675</sup>

Como vimos no segundo capítulo, durante a visita à província, o Imperador caiu algumas vezes dos cavalos que o transportavam e Angelo escreveu inicialmente, que: “A cavalaria mineira vinga assim a cavalaria paranaense, tão dizimada pela visita imperial à terra do mate e dos Correias. É a união da espécie”.<sup>676</sup> Aproveitando a referência ao Paraná, o caricaturista afirmou que assim como nessa província, Minas Gerais não receberia nenhuma melhoria decorrente da visita de D. Pedro II:

Como era de esperar os jornais mineiros jubilam-se com a visita imperial, antevendo grandes melhoramentos para a sua querida província. E tudo pode ser. Mas, como sucedeu ao Paraná, o mais provável é que S. M. se limite a matar alguns cavalos e criar alguns comendadores, e que tudo se resuma em muitos barões de mais e alguns cavalos de menos.<sup>677</sup>

Após tal referência, afirmou ainda, que a queda de D. Pedro II ocorreu devido ao fato do cavalo ser propriedade de um padre, levantando dessa forma, as diferenças existentes entre Igreja e Estado.

Dotando a cena de um caráter humorístico, o caricaturista reproduziu a imagem do ministro Buarque de Macedo caindo de seu cavalo, mas de acordo com José Carlos, tal incidente teria sido proposital: “O Sr. Buarque também plantou sua figueira; mas foi por simples cortesia para com S. M. Menos cortesias, outros membros da comitiva não se deixaram cair do [ilegível] o que teria sido de um efeito surpreendente”.<sup>678</sup>

No número seguinte, José Carlos citou novamente as quedas do Monarca e acreditamos que intencionalmente e de forma ambígua, afirmou ser D. Pedro II,

<sup>675</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 243, 1881. P. 2.

<sup>676</sup> *Idem*.

<sup>677</sup> *Idem*.

<sup>678</sup> *Idem*. P. 4.

um rei caído.<sup>679</sup> Além de reproduzir as quedas do Governante, a *Revista Ilustrada*, nessa mesma edição, sarcasticamente ilustrou-o vestido como camponês, enquanto cavalgava sobre um jegue.

A publicação subsequente alertou para mais uma queda e de acordo com o correspondente: “S. M. chegou a desconfiar que tais cavalos mineiros são republicanos”.<sup>680</sup> José Carlos informou ainda a Agostini, sobre as doações empreendidas pelo Imperador em quase todas as localidades por onde passou, e de forma discreta, criticou sua atitude caritativa, afirmando ser ele, em contraposição ao Monarca, um avarento.<sup>681</sup>

Na *Revista Ilustrada* número 249, novamente as doações efetuadas foram destacadas: “S.M., generoso como é, tinha esquecido as quedas que dera lá em Minas, para só se lembrar da hospitalidade mineira; mas à vista dos preços dessa hospitalidade, que, ninguém pode negar; são bem salgadas”.<sup>682</sup> Além dos donativos, o periódico criticou a distribuição de títulos nobiliárquicos na província: “ultimamente o nosso excelente governo procurou distrair o Imperial Senhor, que houve por bem fazer uma generosa distribuição de graças. Pobre país! Creia que todas essas honras não servem senão para te tornar cada vez mais ridículo”.<sup>683</sup>

É importante novamente salientarmos, que as críticas políticas e sociais a D. Pedro II e ao Império, não provinham apenas dos jornais e das revistas caricatas, mas também das sociedades carnavalescas. Em seus “carros de ideias”, mais de uma vez “personagens graduados da sociedade, inclusive e especialmente o imperador, eram impiedosamente satirizados em figurações de imediata decifração popular”.<sup>684</sup> Assim como as caricaturas, as sociedades carnavalescas e seus carros alegóricos criticavam o Monarca e a política vigente, deste modo, “por meio do humor, os grandes impasses do Império tomavam forma. Questionava-se, ora a abolição, ora o poder pessoal que d. Pedro ainda conservava em suas mãos”.<sup>685</sup>

<sup>679</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 244, 1881. P. 3.

<sup>680</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 245, 1881. P. 4.

<sup>681</sup> Idem. P. 3.

<sup>682</sup> *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 6, número 249, 1881. P. 2.

<sup>683</sup> Idem. P. 5.

<sup>684</sup> MELLO. Op. cit. 2007. P. 48-50.

<sup>685</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998. P. 424.

Para Lilia Schwarcz, através da imprensa foi possível fazer críticas e apontamentos divertidos de questões políticas sérias e, por um lado, ainda gerar simpatia popular ao Imperador, através da exposição de suas fragilidades, ao mesmo tempo em que as chacotas públicas desmontavam a legitimidade do sistema e de D. Pedro II.<sup>686</sup>

Outra razão que acreditamos ter impulsionado D. Pedro II a visitar Minas Gerais, foi sua busca por conhecimento e o desejo em ver de perto a Escola de Minas de Ouro Preto, inaugurada em 12 de outubro de 1876. O Soberano esteve ligado diretamente à história do estabelecimento educacional, afinal, foi o idealizador e incentivador da fundação:

Sua criação foi um ato de vontade política do Imperador, preocupado em expandir no país os avanços científicos e técnicos e manter a imagem de nação civilizada a despeito de toda uma conformação social e econômica, calcada no regime escravista, que não coadunava com essa imagem e, muitas vezes, era diametralmente oposta.<sup>687</sup>

De acordo com José Murilo de Carvalho,<sup>688</sup> quando Louis Agassiz visitou o Brasil em 1865: “A fama desse sábio despertou interesse pelas pesquisas geológicas, sobretudo por parte do Imperador, conhecido entusiasta da ciência”.<sup>689</sup>

O interesse monárquico na área de geologia e de exploração das riquezas minerais do país, só fez aumentar e como afirmou Orville Derby em registro datado de 1883, “os últimos 10 ou 15 anos testemunharam um notável despertar no Brasil para a importância da pesquisa científica”.<sup>690</sup> Esse despertar esteve relacionado, dentre outras razões, às viagens do Monarca à Europa e aos Estados Unidos, ocasiões que lhe permitiram se relacionar com cientistas e observar os trabalhos de instituições de pesquisa, levando-o a compreender ainda mais a necessidade da inserção do progresso técnico e científico no Brasil.

Durante sua primeira excursão pela Europa, realizada entre 1871 e 1872, D. Pedro II encontrou-se com Auguste Daubrée, membro da Academia de

---

<sup>686</sup> SCHWARCZ. Op. cit. 1998.

<sup>687</sup> PIRES, João Ricardo Ferreira. *Notas de um diário de viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)*. Dissertação apresentada na Pós-Graduação em História da UFMG. Belo Horizonte, MG, 2007. P. 172 e 173.

<sup>688</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. 2ª edição revisada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

<sup>689</sup> Idem. P. 44.

<sup>690</sup> Idem.

Ciências de Paris e diretor da Escola de Minas de Paris. Nesse encontro, solicitou a ajuda do cientista, pedindo-o para auxiliar o governo brasileiro a conhecer e melhor desfrutar as riquezas minerais do país.

Em fevereiro de 1872, Daubrée entregou ao Imperador uma

Nota sobre os meios de conseguir um conhecimento mais profundo sobre o solo brasileiro e de desenvolver a exploração de suas riquezas minerais, na qual aconselhava além da confecção do mapa geológico geral do Império, mapas geológicos mais pormenorizados sobre as regiões minerais, trabalho a ser executado por jovens brasileiros, formados em escolas europeias.<sup>691</sup>

Certo da competência do geólogo, ao retornar para o Brasil o Imperador lhe enviou uma carta, convidando-o para visitar o país, tornando visível o seu desejo de que Daubrée pudesse dirigir as pesquisas mineralógicas:

A Província de Minas, principalmente, como seu nome indica, é campo admirável para as colheitas cuja teoria e prática o senhor elaborará, em sólidos fundamentos. Antes de pesquisar in loco, a formação de uma Escola de Minas, o senhor poderá, por meios de conferências, atrair o público à respeito de seus trabalhos. Confiro, como também, o governo brasileiro, grande importância à sua visita a este país. Ele não retirará somente um maior proveito de suas minas: as ciências naturais, em geral, receberão forte impulso.<sup>692</sup>

Na correspondência, D. Pedro II explicitou a importância da visita de Auguste Daubrée, contudo, ele recusou o convite, alegando não poder abandonar, mesmo que por pouco tempo, o cargo de diretor da Escola de Minas de Paris, para o qual havia sido nomeado há pouco tempo. Em contrapartida, o professor se ofereceu a ajudar na busca por um responsável pela escola de minas no Brasil, comprometendo-se a indicar ao governo brasileiro, um mineralogista e um geólogo.

De acordo com Margarida Rosa de Lima, a missão foi mais difícil do que Auguste esperava e ao invés do período de seis meses solicitado ao Imperador, para poder indicar os profissionais, levou aproximadamente um ano e meio para

---

<sup>691</sup> LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. Fundação Gorceix, 1977. P. 27.

<sup>692</sup> Idem. P. 28.

então apontar, em oito de março de 1874, Claude Henri Gorceix.<sup>693</sup> Vinte dias após a indicação, Henri Gorceix assinou o contrato de trabalho em Paris: “Em 28 de março de 1874, de volta da Grécia, Gorceix assinou em Paris o contrato para organizar no Rio de Janeiro o ensino da mineralogia e da geologia, com o salário de 8:000\$000 anuais”.<sup>694</sup>

Henri Gorceix partiu para o Brasil em junho do mesmo ano, chegando ao Rio de Janeiro em fins de julho e logo foi apresentado a D. Pedro II. Desde então: “Entre o professor e o soberano estabeleceu-se um clima de plena confiança” e também de amizade.<sup>695</sup>

Após breve permanência no Rio de Janeiro, Gorceix seguiu para o Rio Grande do Sul, na companhia de Ladislau de Souza Mello Neto, diretor do Museu Nacional. No sul do país, conheceu minas de ouro e de cobre, e no final de 1874, percorreu a província de Minas Gerais, sendo acompanhado por Francisco Van Erven e João Vitor de Magalhães.<sup>696</sup> O propósito da viagem era escolher o local para a instalação da almejada escola de minas.

As cidades de Diamantina, Barbacena, São João Del Rei, Sabará, Itabira do Mato Dentro e Ouro Preto, foram cotadas para sediar a instituição de ensino, entretanto, as três primeiras logo foram excluídas: Diamantina por sua localização, Barbacena e São João Del Rei devido à “ausência de explorações metalúrgicas e o pouco interesse da geologia nos terrenos circunvizinhos”.<sup>697</sup> Entre Sabará, Itabira e Ouro Preto, Gorceix optou pela última localidade,

próxima a importantes explorações auríferas, tais como a do Morro de Sant’Ana, ou de ferro como as das fazendas do Manso e de Canjica. Devido a sua posição geográfica, não lhe era possível entrever um grande porvir econômico mas, superava os outros centros, pela qualidade do seu ambiente cultural herdado da Vila Rica de outrora.<sup>698</sup>

Acreditamos assim, que dentre os motivos para a escolha de Ouro Preto, estava o fato de a região atuar na área da mineração, o que beneficiaria o ensino

---

<sup>693</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 30.

<sup>694</sup> CARVALHO. Op. cit. 2002. P. 46.

<sup>695</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 33.

<sup>696</sup> Idem. P. 34.

<sup>697</sup> Idem. P. 35.

<sup>698</sup> Idem. P. 36.

oferecido pela escola, uma vez que ela poderia proporcionar aos alunos um conhecimento estruturado, aliando o ensino teórico ao prático.<sup>699</sup>

Escolhida a localidade, em julho de 1875 Henri Gorceix “submeteu ao governo o relatório indicando o local e sugerindo o regulamento do estabelecimento”, apresentando então os objetivos básicos da instituição:

Fornecer administradores para a exploração das minas e para as empresas metalúrgicas e engenheiros empregados pelo Estado nas diversas províncias do Império para se encarregarem das explorações geológicas e da fiscalização dos trabalhos de mineração.<sup>700</sup>

O relatório e as propostas não foram apresentados apenas ao governo brasileiro, mas foram encaminhados também para Daubrée, que as aprovou prontamente e afirmou: “Depois de ter lido atentamente esses documentos, não posso deixar de aprovar, completamente, as sugestões propostas pelo senhor Gorceix e os motivos que as apoiam”.<sup>701</sup> O decreto de cria o da Escola de Minas de Ouro Preto foi aprovado em seis de novembro de 1875, e um mães antes, já havia sido disponibilizada a quantia de 60 contos de réis para a instala o da institui o de ensino na cidade.<sup>702</sup>

A Escola de Minas foi inaugurada após a supera o de muitas dificuldades: a publica o das instru es para as inscri es e os programas das provas, não foram publicados na data esperada, e o prazo para os interessados se inscreverem, terminou sem que nenhum candidato houvesse se apresentado. Assim sendo, Gorceix entrou em contato direto com o Ministério do Império, entretanto, como nenhuma soluço foi apresentada, o diretor do estabelecimento solicitou a interven o de D. Pedro II, uma vez que acreditava que tudo não passava de uma questão de resistência por parte de outras institui es.

Contudo, a interven o do Monarca não foi necessária, posto que nas vésperas da correspondência, o Diário Oficial publicou os programas da Escola de Minas e a partir de então, a fim de despertar o interesse dos possíveis candidatos às vagas, Gorceix passou a realizar conferências sobre minera o.<sup>703</sup>

<sup>699</sup> CARVALHO. Op. cit. 2002. P. 52.

<sup>700</sup> Idem. P. 50.

<sup>701</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 38.

<sup>702</sup> CARVALHO. Op. cit. 2002. P. 52.

<sup>703</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 40.

Aparentemente as apresentações não alcançaram o resultado esperado, posto que sete alunos se inscreveram e apenas quatro fizeram as provas, realizadas em agosto de 1876.

As dificuldades eram encontradas também no que diz respeito à composição do corpo docente e visando solucionar os problemas da escassez de candidatos às vagas, mais uma vez o geólogo apelou ao Monarca:

Dispondo-se o Imperador a empreender nova viagem aos Estados Unidos e à Europa (maio de 1876 – julho de 1877), é, na sua intervenção, que Gorceix deposita toda a sua esperança: “Submeto a questão a Vossa Majestade que melhor do que qualquer outra pessoa pode intervir eficazmente para que seja solucionada a curto prazo”.<sup>704</sup>

Em julho de 1876, o tão almejado professor de mineração e de metalurgia foi encontrado por Daubrée, tratava-se de Armand de Bovet, que chegou ao Brasil apenas em novembro.

Durante a cerimônia de inauguração da Escola de Minas de Ouro Preto, Henri Gorceix homenageou o Monarca, então ausente, dedicando algumas palavras de seu discurso ao maior cooperador da Escola: “o Imperador, ‘cuja alta e poderosa solicitude pelos interesses da Escola de Minas nunca faltou’”.<sup>705</sup>

Acreditamos que a implantação e inauguração da Escola de Minas, tenha significado um elo entre o Brasil e os países do Velho Mundo, compreendidos como responsáveis pela inovação industrial e pelo progresso, tão almejados por D. Pedro II. Assim sendo, ao sucesso da instituição, possivelmente era associado não apenas o sucesso da província de Minas Gerais, mas de todo o país:

Para trilhar pela senda do progresso da civilização, [...], têm os povos mais hoje do que nunca necessidade de extrair do solo pátrio todas as riquezas que este contenha. [...] Para que a pesquisa destas riquezas seja frutuosa, para que as descobertas possam ser exploradas no país com vantagem e fazer nascer as indústrias que alimentam, é necessário que haja homens capazes de dirigir tais trabalhos, [...]; e daí a necessidade da criação de uma Escola em que eles possam aprender os processos da ciência.<sup>706</sup>

---

<sup>704</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 42.

<sup>705</sup> Idem. P. 46.

<sup>706</sup> Idem.



A ajuda do Monarca foi de grande importância para a organização do estabelecimento e em fins de julho de 1876, o edifício encontrava-se pronto para a inauguração, tendo sido gastos 35 contos de réis dos 60 contos liberados para sua implantação.<sup>707</sup>

Como pudemos observar, o contato constante entre Henri Gorceix e o Imperador, ocorreu através de correspondências e foi através delas – que inicialmente possuíam o objetivo de solicitar o apoio imperial em questões da Escola de Minas –, que laços de amizade nasceram entre os dois intelectuais. A amizade existente entre os dois abrangeu também os integrantes das duas famílias: “O Imperador e a Imperatriz foram os padrinhos de batismo da filha de Gorceix, nascida em 1886, e por isto nomeada Thérèse Pierrete. A amizade estendeu-se aos outros membros da família imperial”.<sup>708</sup>

Apesar das obrigações na direção e na docência da Escola de Minas tomarem muito tempo, Henri Gorceix dedicou-se a pesquisas pessoais, mesmo que de forma limitada. A cada descoberta e resultados que alcançava, Gorceix informava o amigo: “são raras as cartas ao Imperador nas quais não expõe demorada e cientificamente, os resultados de suas explorações e os esboços de suas ideias sobre alguns problemas que apresentava à história do solo da Província de Minas Gerais”.<sup>709</sup>

Provavelmente a amizade existente entre D. Pedro II e Henri Gorceix tenha sido resultado do espírito indagador que ambos compartilhavam, assim como o interesse pela ciência e o anseio em sempre adquirir mais conhecimento. Uma vez estabelecida tal estima, é compreensível o interesse do primeiro em conhecer o estabelecimento pelo qual tanto entrevistou e o desejo em conhecer a região citada continuamente pelo amigo.

Acreditamos que não apenas os convites realizados por Gorceix impulsionaram o Imperador a viajar até Minas Gerais, mas também seu interesse pela ciência natural, constantemente presente em suas leituras. Segundo João Ricardo Ferreira Pires, a história natural era uma das ciências preferidas do Imperador.<sup>710</sup>

---

<sup>707</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 45.

<sup>708</sup> CARVALHO. Op. cit. 2002. P. 82.

<sup>709</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 70.

<sup>710</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 48.

Desde 1876, Henri Gorceix convidava o Monarca para conhecer a Escola de Minas, sempre afirmando que seria uma grande honra recebê-lo. Em setembro de 1877, quase um ano após a inauguração da Escola, o professor lhe enviou uma carta: “Que me seja permitido, Majestade, lhe dirigir um pedido, cuja realização seria, para mim, uma grande recompensa: que Vossa Majestade se digne visitar a Escola de Minas de Ouro Preto”, e em 1878, repetiu o convite: “possa Vossa Majestade vir visitar a Província de Minas Gerais. Sua visita será para mim uma recompensa e um apoio moral para melhorá-la ainda mais”.<sup>711</sup>

Assim sendo, acreditamos que um dos motivos que levaram D. Pedro II a concordar em realizar a excursão foi, enfim, poder conhecer a Escola de Minas – que segundo os relatos do Soberano, podia servir de modelo para outras instituições<sup>712</sup> –, mas com certeza esse não teria sido o único motivo. Como vimos anteriormente, em carta à princesa Isabel, o Imperador afirmou que o passeio seria muito interessante, uma vez que navegaria o Rio das Velhas, conheceria o local onde Peter Lund havia feito importantes descobertas e observaria de perto os trabalhos de mineração.

Em correspondência com a Condessa Barral, afirmou que visitaria “os lugares dos sucessos da conspiração do Tiradentes e celebrados pelos versos de Gonzaga na sua Marília de Dirceu, e de Cláudio Manuel da Costa em seu poema de Vila Rica”.<sup>713</sup>

Dessa maneira, percebemos que os principais interesses do Imperador quanto às viagens a Minas Gerais em 1881, eram: científico, técnico e intelectual. Técnico porque durante as excursões, o Monarca analisou as possibilidades de navegação do Rio das Velhas, conversou com pessoas competentes a respeito da construção de vias férreas e participou da inauguração de duas estradas de ferro no mês de agosto, momento em que, ao lado de seu povo, comemorou a inserção da região nas vias do progresso.

De acordo com João Ricardo Ferreira Pires, guiado por tais interesses, “a viagem pode ser pensada, então, como uma estratégia de reconhecimento e fixação de um poder sobre o território ainda desconhecido por D. Pedro II, calcada

---

<sup>711</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 72.

<sup>712</sup> Arquivo do Museu Imperial. Cartas de D. Pedro II a Isabel. In: *Coleção Grão Pará – Cartas da família imperial* (manuscritas). Fundo: XXXIX-1-22; 1881; Documentos: 24. Carta de 08 de Maio de 1881.

<sup>713</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 168.

em entrelaçamento de política e ciência/desenvolvimento técnico”.<sup>714</sup> Compreendemos dessa forma, que ciência, técnica e política eram elementos indissociáveis, e o ponto de convergência entre elas, era o Monarca, que além de ser o maior representante político do país, era também o maior mecenas das ciências.

Durante as viagens empreendidas, o Imperador levava consigo não apenas os rituais de recepção, mas também a expectativa de melhorias e de progresso, para as localidades visitadas, aproximando-se então de seus súditos e fortalecendo redes de poder com os políticos locais. Além disso, o Monarca era acompanhado também, pelo conhecimento intelectual adquirido ao longo de sua vida, como pudemos observar a partir de seus apontamentos no diário de viagem.

Uma vez em Minas Gerais, D. Pedro II pôde enfim, conhecer os locais citados por Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manoel da Costa, em suas obras; o local onde a Inconfidência Mineira realizou-se; e ampliar o conhecimento que possuía sobre mineração. Para tanto, foi acompanhado por Gorceix na excursão por Ouro Preto e região. O pedido para acompanhar o Monarca partiu do próprio diretor: “Ficaria muito feliz se Vossa Majestade se dignasse a me informar se desejaria que me fosse outorgada a permissão para o acompanhar em suas excursões nas circunvizinhanças de Ouro Preto”.<sup>715</sup> No início de abril, o Imperador seguiu pela região mineradora nos arredores de Ouro Preto, a fim de observar os trabalhos de mineração que tanto esperava que contribuísse para o desenvolvimento técnico e científico do país.

Acreditamos que as viagens de D. Pedro II a Minas Gerais em 1881, foram efetuadas devido ao seu interesse científico e político. Durante essas excursões, o Monarca visitou e inspecionou os edifícios públicos e privados de cada localidade, demonstrando dessa forma, seu empenho como Governante, no auxílio e fiscalização da administração provincial, e também seu interesse no desenvolvimento técnico/científico da região.

Percebemos dessa forma, que enquanto viajou pela província, apresentou-se como o Imperador do Brasil, D. Pedro II e ao mesmo tempo, como Pedro de Alcântara, posicionamento até então comum nas viagens ao exterior.

---

<sup>714</sup> PIRES. Op. cit. 2007. P. 168 e 169.

<sup>715</sup> LIMA. Op. cit. 1977. P. 72.

## **REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS**



## Referências Documentais

### 1. Fontes Manuscritas:

#### Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

*Memórias – Caraça – Visita de D. Pedro II – 1878-1898.* Fundo: Livros Diversos, Armário VII, Prateleira quatro. Folhas 21 e 21 verso; 22; 23 e 23 verso; 24 e 24 verso; e 25 verso.

*Visita Imperial a Mariana – Correspondência com o Império – 1881.* Fundo: Dom Antonio Maria Correa de Sá e Benevides (1877-1896), Arquivo dois, Gaveta três, Pasta 17.

#### Arquivo do Museu Imperial

*Coleção Grão Pará – Cartas da Família Imperial.*

**Fundo:** Cartas de D. Pedro II a Isabel. Arquivo: XXXIX-1-22; 1881. Documentos: 24.

**Fundo:** Cartas de D. Teresa Cristina a Isabel. Arquivo: XL2-26; 1881. Documentos: 41.

#### Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana

*Códice 230: Livro de atas das sessões da câmara: 1876 – 1885.* DVD 032.

### 2. Fontes Impressas:

*REVISTA AMERICANA:* uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909-1919). Ed. fac-similar. Brasília: Senado Federal, 2001.

VIANNA, Hélio. *Diário da Viagem do Imperador a Minas – 1881.* Ministério da Educação e Cultura. Anuário do Museu Imperial. Volume XVIII: Petrópolis, 1957.

**Periódicos**Arquivo Público Mineiro

*A Província de Minas*. Ouro Preto: 1881. Filme: 066.

Notação: JM-1243074; Edição: 40; Data: 27/03/1881.

Notação: JM-1243075; Edição: 41; Data: 31/03/1881.

Notação: JM-1243076; Edição: 42; Data: 03/04/1881.

Notação: JM-1243077; Edição: 43; Data: 10/04/1881.

Notação: JM-1243078; Edição: 44; Data: 17/04/1881.

Notação: JM-1243079; Edição: 45; Data: 24/04/1881.

Notação: JM-1243080; Edição: 46; Data: 01/05/1881.

Notação: JM-1243081; Edição: 47; Data: 08/05/1881.

Notação: JM-1243082; Edição: 48; Data: 15/05/1881.

Notação: JM-1243083; Edição: 49; Data: 22/05/1881.

Notação: JM-1243084; Edição: 50; Data: 29/05/1881.

Notação: JM-1243085; Edição: 51; Data: 05/06/1881.

Notação: JM-1243086; Edição: 52; Data: 12/06/1881.

Notação: JM-1243087; Edição: 53; Data: 19/06/1881.

Notação: JM-1243088; Edição: 54; Data: 26/06/1881.

Notação: JM-1243089; Edição: 55; Data: 03/07/1881.

Notação: JM-1243090; Edição: 56; Data: 10/07/1881.

Notação: JM-1243091; Edição: 57; Data: 17/07/1881.

Notação: JM-1243092; Edição: 58; Data: 24/07/1881.

Notação: JM-1243093; Edição: 59; Data: 31/07/1881.

Notação: JM-1243094; Edição: 60; Data: 07/08/1881.

Notação: JM-1243095; Edição: 61; Data: 14/08/1881.

Notação: JM-1243096; Edição: 62; Data: 21/08/1881.

Notação: JM-1243097; Edição: 63; Data: 28/08/1881.

Notação: JM-1243098; Edição: 64; Data: 04/09/1881.

Notação: JM-1243099; Edição: 65; Data: 11/09/1881.

Notação: JM-1243100; Edição: 66; Data: 18/09/1881.

*A Atualidade*. Ouro Preto: 1881. Filme 052.

Notação: JM-1261886; Data: 04/03/1881.

Notação: JM-1261887; Data: 09/03/1881.

Notação: JM-1261888; Data: 16/03/1881.

Notação: JM-1261889; Data: 19/03/1881.

Notação: JM-1261890; Data: 24/03/1881.

Notação: JM-1261891; Data: 26/03/1881.

Notação: JM-1261892; Data: 29/03/1881.

Notação: JM-1261893; Data: 30/03/1881.

Notação: JM-1261894; Data: 31/03/1881.

Notação: JM-1261895; Data: 02/04/1881.

Notação: JM-1261896; Data: 07/04/1881.

Notação: JM-1261897; Data: 09/04/1881.

Notação: JM-1261898; Data: 16/04/1881.

Notação: JM-1261899; Data: 18/04/1881.

Notação: JM-1261900; Data: 21/04/1881.

Notação: JM-1261901; Data: 26/04/1881.

Notação: JM-1261902; Edição: S/E; Data: 30/04/1881.

Notação: JM-1261903; Edição: 43; Data: 03/05/1881.

Notação: JM-1262020; Edição: 44; Data: 05/05/1881.

Notação: JM-1262021; Edição: 45; Data: 07/05/1881.

Notação: JM-1262022; Edição: 46; Data: 10/05/1881.

Notação: JM-1262023; Edição: 47; Data: 12/05/1881.

Notação: JM-1262024; Edição: 48; Data: 14/05/1881.

Notação: JM-1262025; Edição: 49; Data: 17/05/1881.

Notação: JM-1262026; Edição: 50; Data: 19/05/1881.

Notação: JM-1262027; Edição: 51; Data: 21/05/1881.

Notação: JM-1262028; Edição: 52; Data: 24/05/1881.

Notação: JM-1262029; Edição: 53; Data: 27/05/1881.

Notação: JM-1262030; Edição: 54; Data: 31/05/1881.

Notação: JM-1262031; Edição: 55; Data: 02/06/1881.

Notação: JM-1262032; Edição: 56; Data: 04/06/1881.

Notação: JM-1262033; Edição: 57; Data: 07/06/1881.  
Notação: JM-1262034; Edição: 58; Data: 10/06/1881.  
Notação: JM-1262035; Edição: 59; Data: 15/06/1881.  
Notação: JM-1262036; Edição: 60; Data: 18/06/1881.  
Notação: JM-1262037; Edição: 61; Data: 22/06/1881.  
Notação: JM-1262038; Edição: 62; Data: 25/06/1881.  
Notação: JM-1262039; Edição: 63; Data: 28/06/1881.  
Notação: JM-1262041; Edição: 64; Data: 02/07/1881.  
Notação: JM-1262042; Edição: 65; Data: 06/07/1881.  
Notação: JM-1262043; Edição: 66; Data: 09/07/1881.  
Notação: JM-1262040; Edição: 67; Data: 13/07/1881.  
Notação: JM-1262044; Edição: 68; Data: 16/07/1881.  
Notação: JM-1262045; Edição: 69; Data: 20/07/1881.  
Notação: JM-1262046; Edição: 70; Data: 23/07/1881.  
Notação: JM-1262047; Edição: 71; Data: 29/07/1881.  
Notação: JM-1262048; Edição: 72; Data: 02/08/1881.  
Notação: JM-1262049; Edição: 73; Data: 04/08/1881.  
Notação: JM-1262050; Edição: 74; Data: 06/08/1881.  
Notação: JM-1262051; Edição: 75; Data: 08/08/1881.  
Notação: JM-1262052; Edição: 76; Data: 09/08/1881.  
Notação: JM-1262053; Edição: 77; Data: 10/08/1881.  
Notação: JM-1262054; Edição: 78; Data: 11/08/1881.  
Notação: JM-1262055; Edição: 79; Data: 12/08/1881.  
Notação: JM-1262056; Edição: 80; Data: 13/08/1881.  
Notação: JM-1262057; Edição: 81; Data: 16/08/1881.  
Notação: JM-1262058; Edição: 82; Data: 17/08/1881.  
Notação: JM-1262059; Edição: 83; Data: 18/08/1881.  
Notação: JM-1262060; Edição: 84; Data: 19/08/1881.  
Notação: JM-1262061; Edição: 85; Data: 20/08/1881.  
Notação: JM-1262062; Edição: 86; Data: 22/08/1881.  
Notação: JM-1262063; Edição: 87; Data: 23/08/1881.  
Notação: JM-1262064; Edição: 88; Data: 24/08/1881.  
Notação: JM-1262065; Edição: 89; Data: 25/08/1881.  
Notação: JM-1262066; Edição: 90; Data: 27/08/1881.



Notação: JM-1262067; Edição: 91; Data: 29/08/1881.

Notação: JM-1262068; Edição: 92; Data: 30/08/1881.

Notação: JM-1262069; Edição: 93; Data: 31/08/1881.

Notação: JM-1262070; Edição: 94; Data: 01/09/1881.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

*O Arauto de Minas*. São João Del Rei: 12/03/1881 a 24/09/1881.

*Tribuna do Povo*. São João Del Rei: 22/05/1881 a 25/09/1881.

Biblioteca do Museu Imperial

*Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro: 1881. Publicações: número 240 a 263.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

---



## Referências Bibliográficas

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

ALENCASTRO, Luís Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1997. Vol. 2.

ALVES, Ana Maria. *As Entradas Régias Portuguesas: uma visão de conjunto*. Lisboa: Ed. Livros Horizontes, 1990.

AMARAL, Alex Lombello. *Imprensa e política pelas páginas dos periódicos de São João Del Rei (1876-1884)*. Dissertação apresentada como pré-requisito para o título de mestre do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

APOSTOLIDÉS, Jean – Marie. *O rei máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993. Tradução: Cláudio César Santoro.

BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Trad. Luíz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Coimbra: Minerva, 1999.

BASILE, Marcello Otávio. O Império Brasileiro: panorama Político - Parte B: Consolidação e crise do império. In: LINHARES, Maria Yedda (org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 1990, 9ª ed. Revista e atualizada.

BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Trad. Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2004.

BORGES, Augusto Carvalho. “*Esse gargalhar quem em tudo se desdobra*”: do significado das imagens cômicas de Ângelo Agostini na crise no império de Pedro

II. Monografia de conclusão de curso apresentada no departamento de História da UFMG. Belo Horizonte, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1975. (Coleção documentos brasileiros).

CAMARA, Giselle Marques. “*Então esse é que é o Imperador? Ele não se parece nada com reis*”: Algumas considerações sobre o intelectual brasileiro Pedro de Alcântara e suas viagens pelas terras do Nilo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-RIO, 2005.

CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro em nosso país*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pontos e bordados: escritos de história política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 (Parte I: Brasil 1870-1914: a força da tradição. P. 107-129).

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S. A. / Memória e Sociedade, 1990.

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 3ª edição.

COSTA, Milene Ribas da. *A implosão da ordem: a crise final do Império e o movimento republicano paulista*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editorada UNICAMP, Cecult, 2002.

DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel, a “Redentora” dos Escravos: uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846 - 1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

DEL PRIORE, Mary. *O príncipe maldito: traição e loucura na família imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. *Uma república em festa: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em história Social pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 2007.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Ed. Globo; Publifolha, 2000.

FAUSTO. Boris. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

FILHO, Alexandre José de Melo Moraes. *Festas e tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1979.

GENOVEZ, Patrícia Falco. *As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX*. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1988. (Adendo.)

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais – São João Del Rei (1831 - 1888)*. São Paulo: Annablume: 2002.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II (Brasil Monárquico). Vol. IV (Declínio e queda do Império) e Vol. V (Do Império à República). Rio de Janeiro – São Paulo: DIFEL/DIFUSÃO EDITORIAL, 1977.

IGLÉSIAS, Francisco. O Segundo Imperador. In: *Trajetória política do Brasil, 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. P. 161-189.

JANCÓ, István; KANTOR, Íris (orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: HUCITEC: Ed. da USP: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. Vol. 2.

JESUS, Ronaldo Pereira de. *Visões da Monarquia: escravos, operários e abolicionismo na corte*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. São Paulo: Fundação Gorceix, 1977.

LINHARES, Maria Yedda. *História geral do Brasil*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II, 1825-1891*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Ed. UDV: editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Edur), 2007.

MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. Formação: histórias. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2000.

MOURA, Clóvis. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. Clóvis Moura; assessora de pesquisa Soraya Silva Moura. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PIRES, João Ricardo Ferreira. *Notas de um diário de viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre. Belo Horizonte: 2007.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *Os símbolos do poder: cerimônias e imagens do Estado Monárquico no Brasil*. Brasília: Ed. UNB, 1995.

SANTOS, Welber Luiz dos. *A Estrada de Ferro Oeste de Minas: São João Del-Rei (1877-1898)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de mestre. Mariana, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Império em procissão: ritos e símbolos do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. *D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Fabiano Reis. *A Paisagem do Quadrilátero Ferrífero, MG: potencial para o uso turístico da sua geologia e geomorfologia*. Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Panorama do segundo império*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998, 2ª ed.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo, 1780-1831*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. – (Prismas).

ZICO, Pe. José Tobias. *Caraça: ex-alunos e visitantes*. Santa Bárbara, Minas Gerais, 1979.



\_\_\_\_\_. Caraça: peregrinação, cultura e turismo. 1770 – 1975. Editora São Vicente. Belo Horizonte, MG, s/d.

➤ **Artigos:**

BRANDÃO, Angela. A viagem de D. Pedro II a Minas Gerais: um olhar oitocentista para a arte barroca e rococó. *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano*. P. 1-15. S/d.

CAVALCANTI, Carlos Manoel de Hollanda. Angelo Agostini e seu “Zé Caipora” entre a Corte e a República. *História, imagem e narrativas*. Número 3, ano 2, setembro/2006 – ISSN 1808-9895. P. 111-146.

CHAMON, Carla Simone. O cenário da festa: Festa Cívica em Minas Gerais no Século XIX. *Varia Historia*. Belo Horizonte, nº 19, Nov. 1998. P. 183-204.

COSTA, Adilson Rodrigues da, & SANTOS, Paulo Coelho Mesquita. A Escola de Minas de Ouro Preto, a “Sociedade de Geographia Economica de Minas Geraes” e as Exposições Universais do final do século XIX e início do século XX. *REM: Revista da Escola de Minas*, Ouro Preto, 58(3). Jul./Set. 2005. P. 279-285.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. Cartas inéditas de Dom Pedro II a Henri Gorceix: tradução e comentário. *Caligrama*, Belo Horizonte, v.15, n.1. 2010. P. 125-142.

GORCEIX, Henri. Cartas de Henri Gorceix a D. Pedro II. *História da historiografia*. Ouro Preto, número 04. Março 2010, P. 374-388.

LUCA, Tania Regina de. Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002. P. 534-547.

PIRES, João Ricardo Ferreira. Festa em Homenagem a D. Pedro II em Minas: cultura, representações e identidades. *Revista História em Reflexão*. Volume 1, número 2 – UFGD – Dourados. Jul./Dez. 2007. ISSN 1981-2434. P. 1-22.

SILVA, Rosangela de Jesus. Angelo Agostini: crítica de arte, política e cultura no Brasil do Segundo Reinado. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Número 6, Dezembro 2006. P. 107-122.

➤ **Sites pesquisados:**

EWALD, Ariane P.; GUIMARÃES, Aurea Domingues; BRAVO, Camila Fernandes; SOBREIRA, Carolina Bragança. *Crônicas Folhetinescas: subjetividade, modernidade e circulação da notícia*. Trabalho apresentado no Seminário História e Imprensa, promovido pelo IFCH/UERJ, integrante do I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, em junho de 2003. Site: <http://www.cocsite.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigo-cronicaspdf.pdf> Visitado em 13/03/2011.

FERNANDES, Luciano de Oliveira. *Sistematização de estratégias de tradução: uma radiografia do processo tradutório da lápide de “Grace”*. In: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1533.pdf> Site visitado em 12 de abril de 2012, às 17:53 h.

RODRIGUES, Deise Simões. *In memoriam ao ‘sábio de Lagoa Santa’*: ciência e história em cartas de Gorceix a D. Pedro II. Site: [www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/download/149/72](http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/download/149/72) Visitado em 13/03/2011.

<http://sumidoiro.wordpress.com/2012/03/01/sumidouro-abreu-guimaraes-sabara-lagoa-santa-luzia-pedro-ii-jaguara-paula-santos-nova-lima-chalmers-visconde-rio-velhas-saldanha-marinho-morro-velho-mocambo-matozinhos-aleijadinho-fonseca-viana/> Visitado em: 02 de abril de 2012, às 16:07 h.

<http://tremdahistoria.blogspot.com.br/2011/01/o-imperador-do-brasil-em-lagoa-santamg.html> Visitado em: 02 de abril de 2011, às 14:07 h.